

Vilas Olímpicas

O legado olímpico como catalisador de transformação urbana

Vera Lúcia Simões Mendo

Dissertação de mestrado integrado em arquitetura

Sob orientação do Professor Doutor José Fernando Gonçalves

Departamento de arquitetura, FCTUC, julho 2017



Vilas Olímpicas

O legado olímpico como catalisador de transformação urbana

“A miniature city, replete with modern conveniences and facilities, had arisen magically atop the hills, within eyesight of the great Olympic Stadium - atop the modern Mount Olympic, below which lay the modern Plains of Elis. (...) A miniature world was here set up by itself, rigidly protected from the world outside”

Descrição da nova Vila Olímpica, no “Final Report” do “Los Angeles Olympic Organising Committee”, p. 235

Agradecimentos

Agradeço ao Professor Doutor José Fernando Gonçalves pela orientação e confiança transmitida.
Ringrazio il Professore Alessandro Rizzo per avermi fatto vedere una Londra diversa da quella vista dai turisti.

A Berta Cerezuela pela ajuda na seleção de documentos no Centre d'Estudis Olímpics.

A todos os professores e colegas que fizeram parte do meu percurso académico.

E claro, agradeço a toda a minha família e amigos, e a todas as pessoas com quem me vou cruzando no caminho e que ajudam a tornar a minha vida excepcional.

Resumo

A organização e hospedagem de um megaevento é considerada como uma oportunidade para realizar operações de desenvolvimento urbano e apesar do seu caráter temporário, a sua concretização proporciona uma visível marca física na cidade anfitriã, tornando-se muitas vezes uma justificação oportuna para a renovação da paisagem urbana.

Os jogos olímpicos constituem megaeventos desportivos que proporcionam às cidades que os acolhem condições excecionais de financiamento para desenvolver o seu território, pelo que as cidades anfitriãs dos jogos olímpicos aproveitam muitas vezes esta oportunidade para os utilizarem como uma ferramenta no planeamento da estratégia urbana e num catalisador de transformações e renovações urbanas.

O melhor exemplo desse aproveitamento é a criação das vilas olímpicas, que, mais do que um simples local para alojar atletas e representantes, se torna, durante a realização dos jogos, num lugar de intercâmbio cultural, onde convivem diferentes povos e culturas, passando, nos pós jogos, a albergar a população da cidade, como parte do seu legado olímpico.

Neste estudo, usando como casos de estudo as vilas olímpicas das cidades europeias de Londres e Barcelona, propomo-nos analisar a forma como evoluiu a organização destes megaeventos, ao ponto de se tornarem numa ferramenta chave que permite transformar as cidades onde se realizam, criando uma marca para a cidade anfitriã e promovendo de forma global a sua imagem.

Abstract

Organizing and hosting a mega event is considered as an opportunity to carry out urban development operations and despite its temporary nature, its implementation provides a visible physical mark in the host city, often becoming a timely justification for the renewal of urban landscape.

The Olympic Games are mega-sport events that provide the host cities with exceptional financing conditions to develop their territory, so that the host cities of the Olympic Games often take this opportunity to use them as a tool in urban strategy planning and in a catalyst of transformations and urban renewals.

The best example of this use is the creation of the Olympic villages, which, from a simple place to accommodate athletes and representatives, becomes, during the games, a place of cultural exchange, where different peoples and cultures coexist, and which, after the games, would house the city's population as part of its Olympic legacy.

In this study, using as case study the olympic villages of european cities of London and Barcelona, we propose to analyse how the organization of these mega events has evolved, to the point of becoming a key tool that allows transforming the cities where they take place, creating a brand for the host city and promoting its image in a global way.

Sumário

1. **Resumo**
3. **Abstract**
7. **Abreviaturas**
9. **Introdução**

19. **Capítulo I. Megaeventos e legado olímpico**
21. 1. Tipologia de megaevento
31. 2. Legado de megaeventos
41. 3. Componentes do legado olímpico

51. **Capítulo II. A influência olímpica na urbanização das cidades**
53. 1. Urbanização olímpica
67. 2. Vila olímpica
79. 3. Origem e evolução das vilas olímpicas

101. **Capítulo III. Barcelona 1992**
103. 1. Evolução urbana de Barcelona
109. 2. O impacto do evento na cidade
123. 3. A vila olímpica de Barcelona

135. **Capítulo IV. Londres 2012**
137. 1. Evolução urbana de Londres
153. 2. O impacto do evento na cidade
163. 3. A vila olímpica de Londres

171. **Considerações finais**
183. **Referências Bibliográficas**
199. **Índice de imagens**

Abreviaturas

COI - Comité Olímpico Internacional

COJO - Comité Organizador dos Jogos Olímpicos

CON - Comitês Olímpicos Nacionais

COOB'92 - Comité Organizador Olímpico de Barcelona'92

FI - Federações Internacionais

GLA - Greater London Authority

GLC - Greater London Council

JO - Jogos olímpicos

LDDC - London Docklands Development Corporation

LOCOG - London Organising Committee of the Olympic and Paralympic

OCOG - Organising Committees for the Olympic Games

ODA - Olympic Delivery Authority

UTF - Urban Task Force

Introdução

Introdução

Hospedar ou organizar um megaevento é uma forma de criar uma marca para a cidade, gerando um processo de influência para o evento em si e promovendo a imagem de um lugar. O que começou como um festival de desporto ou exposição, tornou-se num elemento extraordinariamente importante na competição global e urbana.

Nos últimos anos tem-se notado um crescente interesse por parte de diversas cidades em organizar e hospedar eventos de larga escala. Hoje em dia, os megaeventos são vistos como uma oportunidade para realizar operações de desenvolvimento urbano, desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento de uma cidade. Tendo o caráter de um evento temporário, este proporciona uma visível marca física na cidade anfitriã, tornando-se muitas vezes uma justificação oportuna para a renovação da paisagem urbana. As cidades que acolhem estes eventos aproveitam muitas vezes estas condições excecionais de financiamento para desenvolver o seu território, utilizando-o como uma ferramenta no planeamento da estratégia urbana.

Os megaeventos podem ser divididos em duas partes: os de caráter desportivo e os de caráter lúdico cultural. No caso de megaeventos desportivos, as instalações desportivas têm um grande potencial para reabilitar a área onde são construídos. Dentro deste leque, podemos incluir os Jogos Olímpicos, que se realizam a cada 4 anos numa cidade que revele possuir uma grande capacidade de organização para hospedar um evento desta dimensão. É bastante consensual que o exemplo mais claro de um megaevento desportivo são os jogos olímpicos modernos. Não há, no entanto, um consenso no que diz respeito à definição de “megaevento”, ainda que sejam distinguidas diversas referências para categorizar os eventos como “mega”, conceitualizando estes de uma forma geral.

Mais do que qualquer outro megaevento, os jogos olímpicos representam, em maior escala, níveis de orçamento, promoção, tamanho de investimento e obras. Ao longo dos anos, estes deixaram de ser um simples evento desportivo, desenvolvendo-se ao ponto de se tornar um catalisador de transformações urbanas.

É com os jogos de Roma, em 1960, que se nota um maior crescimento na dimensão do evento e grandes transformações urbanas geradas pelo envolvimento deste. O número de cidades que demonstram interesse em receber os JO sofre uma ascensão, principalmente desde a década de 80, e, em paralelo, o evento torna-se cada vez maior, com cada vez mais exigências feitas para garantir a qualidade de execução dos jogos. Muitas cidades anfitriãs do evento ganharam diversos benefícios através da sua transformação, enquanto outras, que não souberam aproveitar o evento a seu favor, ganharam *elefantes brancos*¹. Desde os jogos olímpicos de Barcelona em 1992 que estes eventos são cada vez mais vistos como um meio

¹ Um *elefante branco* é, em arquitetura, uma construção exagerada e cujo custo, manutenção ou dificuldade de uso resultam numa obra sem muita utilidade, ou uma obra cuja construção foi interrompida, permanecendo inacabada.

de estimular processos de desenvolvimento de uma cidade, como a construção de novos marcos e infraestruturas.

Um dos critérios de avaliação a ter em conta no processo de eleição da cidade-sede de uma edição dos Jogos Olímpicos é o projeto proposto para a Vila Olímpica. Para além da localização e conceito, um dos fatores importantes para esta eleição é a questão do legado, isto é, do uso destas infraestruturas após os jogos.

Assim, o tema a ser tratado nesta dissertação consiste no estudo da vila olímpica como elemento de transformação urbana, dando ênfase à questão do legado habitacional. Procura-se compreender e analisar a habitação construída, primeiramente de forma provisória, respondendo às necessidades de acomodar atletas e os seus respetivos representantes, e como elemento de reestruturação urbana de forma permanente no pós-evento, acomodando a população da cidade.

Como ponto de partida procurar-se-á perceber qual a capacidade das vilas olímpicas para redesenhar uma determinada parte da cidade e funcionar como elemento de regeneração urbana, através da representação de diversas inserções da vila olímpica na cidade contemporânea. Tendo em vista o objetivo principal de estudar a importância, impacto e inserção urbana das vilas olímpicas nas cidades contemporâneas, propõe-se dar resposta a um conjunto de questões:

- Qual o legado habitacional deixado pelas cidades anfitriãs dos jogos olímpicos até ao momento?
- Como se foram transformando estas zonas das cidades. ao longo dos anos?
- Que tipo de planos urbanos são desenvolvidos no sentido de valorizar o legado habitacional? São adequados?
- De que forma a vila olímpica é desenvolvida e convertida em habitação permanente depois dos jogos, ao nível do planeamento urbano?

A estrutura desta dissertação será fundamentalmente dividida em três partes.

Num primeiro momento, revela-se importante a definição de conceitos como *megaevento* e a clarificação da inserção dos jogos olímpicos nesta categoria. Ainda, a definição e tipos de *legado* e os componentes do legado olímpico.

No segundo capítulo, revela-se adequado identificar e confrontar diversos casos, analisando diversos momentos cronológicos importantes. É assim feita uma breve análise histórica da integração dos Jogos Olímpicos na cidade contemporânea, focando o estudo nos eventos olímpicos da época moderna, comparando ainda o legado habitacional de cada um destes casos. De uma forma mais particular, focaliza-se o estudo na evolução histórica das vilas olímpicas, e na forma como estas foram contribuindo para a formação do desenho da cidade. Pretende-se construir uma reflexão que explore o sucessivo desenrolar de eventos, considerando-se importante a análise ao impacto que a habitação acaba por ter na definição da cidade, e a crítica às soluções de diversos casos para o período pós-evento.

Para uma interpretação adequada e correta desta questão, mostra-se fundamental um terceiro e quarto capítulos onde são analisados dois casos de estudo que se consideram pertinentes para o desenvolvimento do trabalho: Barcelona em 1992, que foi a primeira cidade olímpica a implementar esta estratégia, e Londres em 2012.

O evento realizado em Barcelona, em 1992, é uma das mais relevantes edições dos jogos olímpicos, considerada quase como um *divisor de águas* na história das olimpíadas. Torna-se pertinente a sua análise, no sentido em que toda a cidade sentiu uma discernível marca física, caracterizada pela renovação de diversas zonas da cidade. Neste caso, e devido ao constante aumento do número de participantes que se verificava neste evento, tornou-se necessário um consequente aumento da quantidade de instalações construídas. Assim, foram realizadas diversas intervenções um pouco por toda a cidade, que em alguns casos de traduziu numa renovação da paisagem urbana. O plano de reformulação da estrutura urbana incluído no projeto olímpico transformou com grande eficiência a cidade e foi internacionalmente galardoado.

Já em 2012, em Londres, a inovação consistiu em implementar um plano pós-evento, integrando-se nos planos da cidade, ao pensar no legado que ficaria depois dos jogos. Esta problemática foi resolvida com a criação de edifícios temporários e flexíveis que permitiriam, posteriormente, a criação de vários serviços, como complexos habitacionais, colégios, centros de saúde e centros sociais.

É necessário destacar desde já as características presentes entre cada caso de estudo. Em Barcelona o facto de o evento já ter tido lugar há 25 anos, facilita a obtenção de análises mais conclusivas sobre o mesmo, sendo que a análise será mais centrada nos impactos em si. Já no caso de Londres, cujo evento se realizou há apenas 5 anos, os impactos ainda se estão a desenvolver, sendo que, de alguma forma, a cidade ainda vive a presença do evento em si, o que é bastante visível ao visitar o local.

O interesse em relação a esta temática surgiu após ter realizado, durante o ano que, ao abrigo do programa Erasmus, frequentei a *Università de Firenze*, um projeto académico na zona de *East London*. Esta zona, que sofreu uma grande transformação ao longo dos últimos anos, tem sido objeto de interesse para estudos focados na observação do antes e depois das zonas que foram intervencionadas para os jogos olímpicos, e pela perceção dos projetos que existiam para continuar a regenerar a zona, mesmo após terem passado vários anos da realização do megaevento na cidade.

A metodologia utilizada no desenvolvimento da dissertação tem por base uma revisão de literatura e respetiva análise, seguindo-se, em paralelo, uma reflexão acerca do tema em estudo, visando definir e enquadrar os temas e conceitos. A análise da extensa bibliografia coloca-se neste trabalho como método para a exploração de práticas positivas nos processos de planeamento de anteriores eventos de jogos olímpicos, que podem servir de base para a realização dos próximos, no futuro.

Considerou-se ainda importante, como método de desenvolvimento do trabalho, a realização de uma viagem aos dois casos de estudos, observando as diversas zonas da cidade olímpica de Barcelona e da cidade olímpica de Londres, com especial foco em ambas as vilas olímpicas. Estima-se a observação *in loco* uma fonte importante para esta dissertação. A viagem como ferramenta de estudo permitiu o contacto direto com os casos de estudo, analisando a rentabilização das habitações já construídas e, no caso de Londres, o ponto de situação relativamente às habitações cuja construção está prevista para o alargamento desta zona, a realizar até 2020. A viagem permitiu, ainda, a realização de pesquisa documental local.

Capítulo I.

MEGAEVENTOS E LEGADO OLÍMPICO

1. Tipologia de megaevento
2. Legado de megaeventos
3. Componentes do legado olímpico

1. Tipologia de megaevento

As características e implicações próprias dos jogos olímpicos colocam-nos dentro da categoria de megaevento. Esta designação merece uma reflexão cuidada sobre os possíveis níveis ou escalas de megaeventos, sendo necessário encontrar resposta a algumas questões básicas, de modo a definir um conceito base do termo.

De acordo com a literatura consultada, verificou-se que o estudo dos megaeventos tem atraído relativamente pouca atenção na perspetiva da investigação em arquitetura. Na maioria dos casos, os autores tendem a debruçar-se sobre uma série de áreas distintas como a história social, a sociologia política e económica, a história do desporto, entre outros.

Os primeiros estudos sobre megaeventos datam dos anos setenta e focam-se no turismo que estes atraem e na sua relação, baseada na duração e nível / estatuto. Estudos posteriores, realizados nos anos oitenta, incluem já eventos onde o elemento caracterizador que os distingue são o tamanho e a escala. Desde os anos noventa, nota-se uma crescente atenção em relação ao que alguns investigadores chamam de *megaeventos* ou de *grandes eventos*, fazendo referência a eventos cuja organização tem um grande impacto, não só a nível de planeamento, mas também a nível social, cultural e político, focando-se na literatura económica e social, sem grande relevo no âmbito da arquitetura. Ainda assim, são várias as definições de megaevento que podemos encontrar, sendo que todas remetem para o impacto que um megaevento pode ter na afirmação da cidade ou país que o recebe.

Os megaeventos são manifestamente eventos de larga escala (daí a utilização do termo *mega*). Roche² faz o paralelismo entre megaeventos e desfiles ou espetáculos, referindo a conhecida frase “Everyone loves a parade”. Este considera os megaeventos como uma subclasse de eventos públicos, ilustrando apenas três que podem ser considerados como *mega*: os jogos olímpicos, as feiras mundiais (Expo’s) e o campeonato mundial de futebol, definindo-os como “eventos culturais de larga escala (incluindo comerciais e desportivos) de carácter dramático, atração popular em massa e importância internacional.”³ Como sociólogo, concentra o seu estudo na história e significado social de dois tipos de megaeventos, as feiras mundiais (Expo’s) e os jogos olímpicos, salientando que estes dois “são os exemplos mais visíveis e espetaculares de um ecossistema social denso e de um calendário social de eventos culturais públicos nas sociedades modernas.”⁴ Por conseguinte, explora, por exemplo, “as várias formas em que cada tipo de evento contribuiu para o significado e

² Roche, M. (2000). *Mega-events and modernity*. London: Routledge.

³ Idem, ibidem, p. 1. “(...) large-scale cultural (including commercial and sporting) events which have a dramatic character, mass popular appeal and international significance.” [Tradução da autora]

⁴ Idem, ibidem. p. 3. “Olympics and expos are only the most visible and spectacular examples of a dense social ecosystem and social calendar of public cultural events in modern societies.” [Tradução da autora]

Tipo de evento	Exemplo de evento	Público / mercado alvo	Tipo de interesse dos meios de comunicação social
Megaevento	Exposições internacionais Jogos olímpicos Campeonato mundial (futebol)	Global	Televisão global
Evento especial	Grande prémio (F1) Desporto regional mundial (ex. Pan-Americanos)	Mundial regional / nacional	Televisão nacional e internacional
Evento marcante	Evento de desporto nacional (ex. Jogos australianos)	Nacional	Televisão nacional
	Festival / Evento desportivo de uma cidade	Regional	Televisão local
Evento da comunidade	Evento de cidade rural	Regional/Local	Televisão / imprensa locais
	Evento de comunidade local	Local	Imprensa local

Fig. 1.1. Classificação de vários tipos de eventos. Adaptado de Roche, M. (2000). *Mega-events and modernity*, p.4.

[Tradução da autora].

desenvolvimento de *cultura pública, cidadania cultural e inclusão / exclusão cultural* na sociedade, ao nível nacional e internacional”.⁵

Usando a definição de Hiller⁶ e de Qu & Spaans⁷, os megaeventos são “eventos de curto prazo e de alto perfil”. De facto, estamos a falar de eventos geralmente condensados num curto espaço de tempo, bastante diversificados no tipo de oferta e serviços prestados, que têm um grande impacto a longo prazo nas cidades anfitriãs, quer em termos de turismo e economia, como também ao nível das infraestruturas necessárias para a realização destes, que mais tarde podem vir a ser transformadas para proveito das próprias cidades.

Ao analisar a literatura consultada, é possível observar que os diversos investigadores utilizam diferentes termos e conceitos para se referir ao mesmo objeto de estudo, utilizando expressões como megaeventos (“mega-events”), grandes eventos (“big events”), eventos especiais (“special events”) e eventos marcantes (“hallmark events”). Sem recorrer a uma diferenciação específica, referem-se desta forma aos jogos olímpicos⁸ e outros eventos desportivos importantes, e também às feiras internacionais como Expo’s e exposições internacionais, o que não permite a classificação clara dos eventos.

Esta classificação constitui, entretanto, uma categoria abrangente na qual se podem distinguir tipos bastante diferenciados sob múltiplos pontos de vista. Uma classificação de eventos foi sugerida por Roche⁹ que interpretou a dimensão destes com base no interesse de mercado e meios de comunicação. Roche individualiza e descreve quatro categorias principais, colocando os megaeventos na categoria superior e passando depois a níveis inferiores como eventos especiais, eventos marcantes e eventos da comunidade, especificando casos referentes a cada uma das tipologias que propõe.

A originalidade da classificação proposta por Roche está no reconhecimento da natureza simbólica dos eventos, mais até do que no seu impacto territorial, considerando diferentes níveis de eventos que correspondem a diferentes alvos e diferentes interesses / envolvimentos dos meios de comunicação. Esta classificação tem, de facto, bastante coerência, visto que a cobertura pelos meios de comunicação desempenha um papel crucial na formação da imagem de uma cidade ou país, permitindo a construção de uma marca, sendo muitas vezes este um dos objetivos principais na decisão de apresentar a candidatura a um determinado evento. Esta classificação é, no entanto, limitada, no sentido em que ignora certas condicionantes,

⁵ Roche, M. (2000). *Mega-events and modernity*, p. 1. “the ways in which kinds of events have contributed to the meaning and development of public culture, cultural citizenship and cultural inclusion / exclusion in society, at both the national and the international levels.” [Tradução da autora]

⁶ Hiller, H. (2000). *Mega-Events, Urban Boosterism and Growth Strategies*. *International Journal of Urban and Regional Research*, p. 439. “(...) short-term high profile events (...)” [Tradução da autora]

⁷ Qu, L. & Spaans, M. (2009). The mega-event as a strategy in spatial planning. *The 4th International Conference of International Forum on Urbanism*, p. 1291. “(...) short-term and high profile international events (...)” [Tradução da autora]

⁸ Não referindo o facto de que existe uma diferença significativa entre os jogos olímpicos de verão e de inverno, em relação a diversos fatores como o orçamento, impacto ambiental, infraestruturas construídas e número de atletas e de países participantes.

⁹ Roche, M. (2000). op. cit., p. 4.

como o envolvimento de várias delegações de atletas, as consequências económicas que geram, as características das atividades de serviço e as infraestruturas envolvidas.

Como confirmado por Hiller¹⁰, a linha de base que serve de análise a muitos megaeventos é constituída principalmente pela exposição nos meios de comunicação (como explorado por Roche), pelo balanço dos gastos com instalação e preparação das infraestruturas e pelo balanço das receitas provenientes dos gastos efetuados pelos visitantes e do próprio evento, podendo ser ainda analisados tendo como base as ferramentas de políticas governamentais e ideologias. Hiller reconhece ainda que uma das questões que tem recebido pouca atenção é “como os megaeventos estão relacionados com processos urbanos, pois muitas vezes a preparação destes transforma o espaço urbano através da construção de estruturas de referência ou através da renovação do espaço urbano, como praças ou parques ou o desenvolvimento de novas habitações.”¹¹.

Podemos afirmar que a resposta à questão “o que é um megaevento?” é muito mais do que uma definição por si só. Reconhece-se que são várias as hipóteses de diferenciação dos eventos que são “mega” daqueles que não o são, propostas por diversos autores. Müller¹² debruça-se sobre esta matéria apresentando uma lista sucinta de autores e do tipo de eventos que estes colocam, ou não, dentro da definição de “mega”.

Alguns estudiosos incluem Expo's, cimeiras políticas, convenções ou festivais (...), enquanto outros se focam em eventos desportivos apenas (...). Alguns consideram os Jogos Olímpicos de Verão como um megavento (...), enquanto outros os consideram como um evento de segunda ordem (...). Alguns adicionam diferentes desportos além do Campeonato Mundial de Futebol, como o Campeonato Mundial de Rugby ou o Super Bowl, à lista (...).¹³

Seguindo esta linha de pensamento, Müller considera que, dentro da bibliografia por ele consultada, nenhum autor reconhece no seu todo as quatro dimensões importantes que este acredita serem necessárias para que um evento possa ser identificado como *mega*: “(...) atração de visitantes, alcance mediático, custo e impacto transformacional”¹⁴. No entanto, de forma individual, reconhecem algumas destas dimensões em que os eventos podem ser

¹⁰ Hiller, H. (2000). Mega-Events, Urban Boosterism and Growth Strategies: An Analysis of the Objectives and Legitimations of the Cape Town 2004 Olympic Bid. *International Journal of Urban and Regional Research*, p. 439.

¹¹ Idem, ibidem, p. 339. “(...) how mega-events are related to urban processes, for they often transform urban space through the erection of landmark structures or through the renewal of urban space such as plazas or parks or new housing / retail developments.” [Tradução da autora].

¹² Müller, M. (2015). What makes an event a mega-event? Definitions and sizes. *Leisure Studies*, 34:6, p. 627-452.

¹³ Idem, ibidem; p.627. “Some scholars include Expos, political summits, conventions or festivals (Hiller, 1995; Ritchie & Yangzhou, 1987; Rose & Spiegel, 2011), while others focus on sports events only (Horne & Manzenreiter, 2006; Maenning & Zimbalist, 2012a). Some regard the Winter Olympics as a mega-event (Andranovich, Burbank, & Heying, 2001), while others consider them as a second-order event (Coates, 2012; Horne, 2007). Some add single-sports events beyond the Football World Cup, such as the Rugby World Cup or the Super Bowl, to the list (Fourie & Santana-Gallego, 2011; Gold & Gold, 2008; Maenning & Zimbalist, 2012b).” [Tradução da autora].

¹⁴ Müller, M. (2015). op. cit., p. 634. “Visitor attractiveness, mediated reach, cost and transformational impact.” [Tradução da autora].

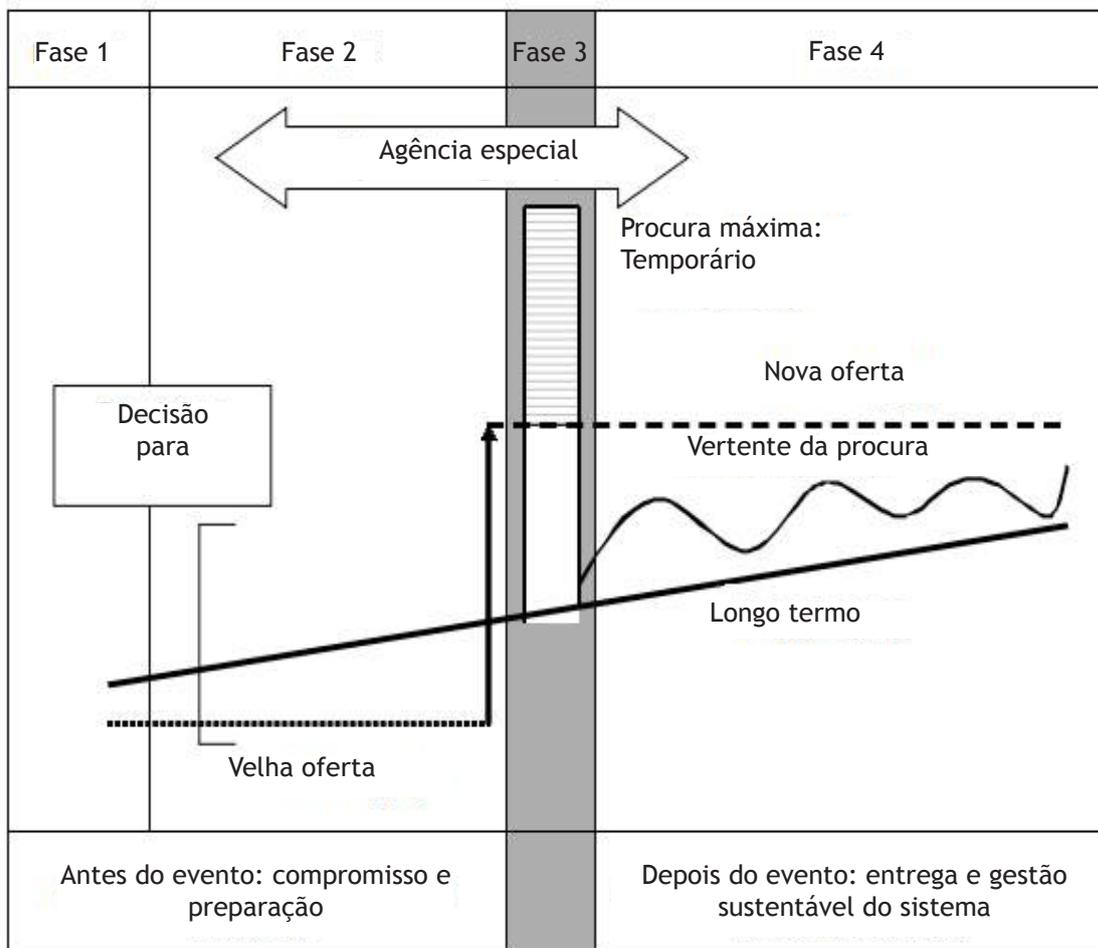


Fig. 1.2. Oferta e procura de um megaevento e seu efeito pulsar. Adaptado de Kammeier, H. (2002). *Coping with 'pulsar effects' in the context of sustainable urban development: Towards a conceptual framework*, p.9. [Tradução da autora]

mega, sendo que nem todos atingem esse patamar no conjunto das diferentes dimensões, dependendo sempre do foco considerado pelos diversos autores. Neste sentido, Müller sugere uma breve definição que incorpora os elementos necessários para constituir uma base de megaeventos: “(...) ocasiões ambulatoriais de duração fixa que atraem um grande número de visitantes, têm um grande alcance mediático, vêm com grandes custos e têm grandes impactos sobre o ambiente construído e a população.”¹⁵

Diferentes definições e classificações são apresentadas para o conceito de megaevento. No entanto, nas abordagens referidas, os megaeventos são considerados como fenômenos externos às cidades sede. Kammeier¹⁶ sugere uma abordagem mais ampla a este respeito, associando as características do evento com as propriedades do lugar que o hospeda (como a densidade populacional, a experiência anterior com megaeventos, etc.), afirmando que este tipo de análise poderia fornecer estratégias para lidar com os *efeitos pulsar*¹⁷ que são gerados pelos megaeventos nas cidades sede.¹⁸

Defendendo que os megaeventos são uma questão de gestão urbana, Kammeier reconhece que, para que seja possível lidar com os *efeitos pulsar* destes, devem ser levados em consideração todos os períodos afetados: pré evento, evento, e pós evento. Sublinha quatro fases principais que têm de ser tratadas por uma boa gestão:¹⁹ A primeira fase caracteriza-se pelo tempo antes e em torno da candidatura da cidade para hospedar um evento, e o seu compromisso de criar as instalações necessárias a tempo. A segunda fase diz respeito à preparação das infraestruturas e serviços necessários para hospedar o evento em si, e para lidar com outras necessidades adicionais. A terceira fase é a gestão do evento em si, e a quarta fase refere-se à gestão a longo prazo da marca que o evento deixou na cidade. Acrescenta que a primeira e segunda fase não têm menos relevância do que a terceira e a quarta, sendo que é importante levar em consideração todas essas fases.

Os megaeventos suscitam atenção a nível global, atraindo conseqüentemente um grande número de visitantes, tornando-se um lugar turístico que tem que dar resposta e gerir a complexidade dos impactos que este origina. A sua organização é tão complexa que exige diversos anos de preparação e um grande envolvimento de recursos humanos e financeiros, constituindo uma grande oportunidade para a cidade se renovar e encontrar novas oportunidades de desenvolvimento.

¹⁵ Müller, M. (2015). What makes an event a mega-event? Definitions and sizes. *Leisure Studies*, 34:6, p.638. “(...) ambulatory occasions of a fixed duration that attract a large number of visitors, have a large mediated reach, come with large costs and have large impacts on the built environment and the population.” [Tradução da autora].

¹⁶ Kammeier, H. (2002). Coping with ‘pulsar effects’ in the context of sustainable urban development: Towards a conceptual framework. *UrbanplanningandthePulsarEffect: Copingwithpeaks, troughsandrepeatsinthedemandcycle*.

¹⁷ Os *efeitos pulsar* foram definidos pela ISOCARP (International Society of City and Regional Planners) como sendo “os picos, calhas e eventos recorrentes ou repetidos, que têm um efeito deformador sobre as operações do dia a dia da cidade moderna.” Informação retirada de <http://isocarp.org/> “these being the peaks, troughs and recurrent or repeat events which have a distorting effect on the day-to-day operations of the modern city.” [Tradução da autora].

¹⁸ Kammeier, H. (2002)., op. cit., p. 2.

¹⁹ Kammeier, H. (2002)., op. cit., p. 8.

Muitos investigadores enfatizam a dificuldade em entender o potencial dos megaeventos como aceleradores do investimento e da transformação, se não forem observados num quadro mais amplo. No entanto, estes eventos precisam de ser considerados como fenómenos sistemáticos, incluídos em projetos de longo prazo, muitas vezes integrados num sólido sistema infraestrutural, associados a desenvolvimentos territoriais locais. Os megaeventos adquirem assim um papel fundamental na reconfiguração de estratégias urbanas, sendo que o seu uso na procura do desenvolvimento da cidade denomina-se estratégia de megaevento.

Os jogos olímpicos são talvez o arquétipo de megaeventos que se destinam a encorajar a transformação do ambiente urbano, com efeito a longo prazo nas cidades sede. Constituem o maior evento do mundo desportivo e o seu impacto tem vindo a crescer exponencialmente. De facto, atualmente são vistos como muito mais do que apenas um evento desportivo, apresentando-se como uma oportunidade única de transformação das cidades anfitriãs e como uma importante ferramenta de renovação urbana. Com os olhos do mundo postos numa determinada cidade, é natural que esta aproveite as condições excecionais de financiamento para desenvolver substancialmente o seu território, dotando este de instalações desportivas (indispensáveis para a realização do evento), assim como de infraestruturas de transporte e alojamento.

2. Legado de megaeventos

Hoje, os megaeventos são eventos de alto perfil associados com prestígio e visibilidade que frequentemente causam transformações de larga escala das cidades e regiões através dos seus legados²⁰

Enquanto um megaevento tem uma vida útil finita, as consequências relacionadas com o mesmo podem ter efeitos a longo prazo, surgindo assim o conceito de legado de um evento. Legado este que pode criar imensas oportunidades para as cidades sede avançarem a nível de desenvolvimento urbano, comprovando o potencial transformador dos megaeventos que se têm vindo a tornar poderosas ferramentas de desenvolvimento e regeneração urbanas.

É seguro afirmar que qualquer megaevento, apesar da sua curta duração, tem um impacto muito maior para a cidade anfitriã do que o evento por si só. Muitas vezes este é o veículo necessário para alguma forma de transformação urbana na cidade, sendo esta uma das principais razões para que cada vez mais, tanto países desenvolvidos como países em desenvolvimento, procurem hospedar megaeventos. Os legados urbanos que se manifestam na consequência de um megaevento, vão surgindo de diferentes formas podendo muitas vezes mudar, alterar, atrasar, impulsionar ou acelerar o desenvolvimento urbano.

Ao observar cidades anfitriãs de megaeventos realizados no passado, podemos perceber que estas tiram o máximo proveito desse acontecimento quando o utilizam para servir os seus objetivos e processos de planeamento a longo prazo. “Particularmente em cidades pós-industriais, o megaevento está muitas vezes ligado à renovação do centro da cidade e à sua concomitante gentrificação (...) juntamente com a mercantilização do entretenimento como uma nova base para a vida da cidade central.”²¹

Hiller²² defende que há duas questões que são levantadas para as cidades, referentes aos megaeventos. “Primeiro, qual é o impacto urbano dos megaeventos e de que maneira contribuem para a transformação urbana? E segundo, como é que os megaeventos são legitimados para justificar o apoio urbano?”²³

A literatura consultada comprova que muito tem sido escrito sobre legados de megaeventos desportivos, mas está a faltar uma definição clara e unânime do termo. Há bastante debate sobre o que pode ser considerado um legado de um megaevento, como

²⁰Kassens-Noor, E., Maharaj, B., Müller, S., Huntoon, L. & Wilson, M. (2015), Towards a mega-event legacy framework. *Leisure Studies*, 34:6, p. 665. “Today, the mega-events are high-profile phenomena associated with prestige and global visibility that frequently cause large-scale transformations of cities and regions through their legacies.” [Tradução da autora].

²¹ Hiller, H. (2000). Mega-Events, Urban Boosterism and Growth Strategies: An Analysis of the Objectives and Legitimations of the Cape Town 2004 Olympic Bid. *International Journal of Urban and Regional Research*, p.440 “Particularly in postindustrial cities, the mega-event is often linked to inner-city renewal and its concomitant gentrification (...) along with the commodification of entertainment as a new basis for central-city life (...)” [Tradução da autora].

²² idem, idibem, p. 440

²³ idem, idibem, p. 440 “In short, there are two issues raised for cities by mega-events. First, what is the urban impact of mega-events and in what way do they contribute to urban transformation? And second, how are mega-events legitimated in order to justify urban support?” [Tradução da autora].

estimular legados positivos e como é que estes podem ser estudados, mas é evidente que há pouco consenso entre os vários investigadores em relação àquilo que o termo “legado” implica, ou como este deve ser definido.

Etimologicamente a palavra “legado” vem do latim *legatum* e significa “Aquilo que se deixa por testamento (...)”²⁴. Neste contexto esta definição não é satisfatória, uma vez que o legado deixado por um megaevento não pertence a ninguém em específico, sendo um bem público, não se podendo dizer que é deixado “por testamento”. Assim, a definição etimológica da palavra não se encaixa no contexto em que é utilizada na literatura.

O legado de um evento, como referido pelo COI²⁵, captura o valor de instalações desportivas e melhorias públicas entregues a comunidades ou organizações desportivas depois dos JO. No entanto, esta definição parece ser demasiado limitativa em comparação com os vários conceitos de legado mencionados na literatura consultada. Conceitos estes que vão desde aspetos globalmente reconhecidos, como o planeamento urbano e infraestruturas desportivas, a aspetos menos reconhecidos como regeneração urbana, procura de reconhecimento internacional, aumento do turismo, etc.

Em 2002 o COI realizou um congresso sobre “o legado dos jogos olímpicos: 1984-2000” onde foram abordadas várias temáticas, onde se reconheceu a importância do conceito de legado, procurando uma definição do termo, mas acabando por se concluir que existem vários significados do conceito dependendo de diferentes línguas e culturas. Podemos assim reconhecer que não há uma única definição de legado, sendo que a palavra carece de uma conceptualização clara.

Uma das definições mais completas da palavra, referente aos megaeventos desportivos mas também apropriado para diferentes propósitos é a definição proposta por Preuss: “Independentemente do tempo de produção e espaço, legado são todas as estruturas planeadas e não planeadas, positivas e negativas, tangíveis e intangíveis criadas para e por um evento desportivo que permanecem por mais tempo do que o próprio evento.”²⁶ Aqui, as dimensões de tempo, espaço e todas as alterações (positivas e negativas) são consideradas. O que é novo nesta definição é a dimensão da intenção. Esta dimensão leva em conta o facto de que um legado pode ser negativo (apesar de não intencional). Hospedar um megaevento tem tanto consequências intencionais como não intencionais, e apesar de muitos compreenderem o termo *legado* como tendo apenas conotações positivas, o termo pode também ter conotações negativas.

Quando as cidades se candidatam para hospedar um megaevento, sugerem a inclusão de investimentos na melhoria de infraestruturas e regeneração de áreas urbanas negligenciadas.

²⁴ Figueiredo, C. (1913). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, p. 1177

²⁵ International Olympic Committee (2012), *Olympic legacy*. Lausanne.

²⁶ Preuss, H. (2007). The Conceptualism and Measurements of Mega Sport Event Legacies. *Journal of Sport & Tourism*, 12:3.4, 207-228, p. 211. “Irrespective of the time of production and space, legacy is all planned and unplanned, positive and negative, tangible and intangible structures created for and by a sport event that remain longer than the event itself” [Tradução da autora].

Temas de legado	Exemplos (ambos tangíveis and intangíveis)
Economia cultural	Legado de elementos relacionados com a programação e oportunidades culturais Inclui legados financeiros como emprego, turismo, financiamento, oportunidade de hospedagem e marketing
Ambiente	Legados ambientais são compostos por aspetos tais como as políticas arquitetónicas e de engenharia amigas do ambiente, e a educação
Imagem	Legados associados com a intensificação e realce da imagem e consciência internacional relativamente à região anfitriã
Informativo / Educacional	Legados informativos e educacionais são aqueles que aproveitam oportunidades para adquirir experiência, conhecimento, desenvolvimento pessoal, pesquisas e capacidades / processos de governação
Nostalgia	Tem em consideração a experiência pessoal e memórias associadas com o evento
Movimento Olímpico	Beneficiam de impactos importantes para a Família Olímpica como a harmonia global e a influência da juventude
Psicológico político	Engloba a política e instrumentos de desenvolvimento de políticas Inclui sentimentos de orgulho nacional, entusiasmo e emoções a nível pessoal e comunitário
Questões sociais	Legados relacionados com essas questões consistem em progresso social, saúde, impacto na população em geral e comunidades especiais, novas oportunidades e envolvimento cívico
Desporto	Legados relacionados com desporto são o desenvolvimento desportivo, instalações desportivas, aumento da participação e melhoria na saúde
Sustentabilidade	Inclui planeamento a longo prazo, amigo do ambiente e economicamente viável
Urbano	Estes legados incluem rejuvenescimento de instalações desportivas, transportes, serviços, planeamento e espaços de lazer

Fig. 1.3. Descrição de vários tipos de legado identificados em documentos de candidatura e relatórios finais.

Adaptado de Leopkey, B. & Parent, M. (2012). Olympic Games Legacy: From General Benefits to Sustainable Long-Term Legacy, in *The International Journal of the History of Sport*, 29:6,. p. 932. [Tradução da autora]

No entanto, o legado que surge de megaeventos tem tido consequências mistas; enquanto algumas cidades foram reconhecidas pelo seu esforço de desenvolvimento, muitas outras têm sido difamadas pelas suas ações consequentes, ou pela falta destas.

Surge alguma discussão em relação ao uso do termo *legado* como um fenómeno exclusivamente positivo e abrangente. Enquanto diversos investigadores têm usado o termo para realçar tanto os impactos positivos como negativos de um megaevento, as candidaturas das cidades normalmente optam se focar em grandes demonstrações de resultados positivos. O termo *legado* em si pode ser, portanto, problemático: apresenta uma visão unilateral de efeitos positivos, sem a adequada consideração do risco de hospedar um evento desta magnitude. De forma a afastar qualquer hipótese de comparação com estes, os legados negativos são definidos por diferentes termos como “elefantes brancos”.

Tendo como base a investigação feita pelos diversos autores consultados, podemos dizer que os elementos fundamentais na definição de legado são os seguintes: Permanece durante mais tempo do que o evento em si; Gera novas oportunidades fora do impacto inicial; É essencialmente limitado a um espaço definido (uma cidade); Pode ser tangível ou intangível; Proporciona tanto resultados positivos como negativos; Muitas vezes é desenvolvido indiretamente pelo evento, sendo que os resultados podem não ser intencionais.

Novos tipos de resultados têm sido considerados como parte do legado ao longo do século passado: cultural, ambiental, educacional, etc.²⁷ Nos últimos anos, o interesse em áreas como aspetos ambientais e sustentabilidade, promoção da imagem de uma cidade ou país e até mesmo regeneração urbana, aumentou. O legado de um megaevento é assim um conceito multidimensional e em constante evolução, sendo possível identificar vários tipos de legado.

Leopkey, B. & Patent, M.²⁸ propõem uma distinção entre diversos tipos de legado, fazendo uma clara distinção entre estes. Cada um dos tipos descritos tem a sua importância sendo que todos são relevantes na altura de hospedar um megaevento. No entanto, e como não poderia deixar de ser, o legado urbano é aquele que é considerado o mais significativo no âmbito desta dissertação.

Em oposição à maioria dos autores consultados, que definem legado focando-se no resultado final, no legado propriamente dito, Kassens-Noor et al propõem uma classificação destes legados por motivação - pondo em destaque as razões porque estes foram criados no contexto de desenvolvimento urbano. Seguindo este pensamento, apresentam uma árvore hierárquica onde organizam o legado de um megaevento através de várias ramificações.

Começam por distinguir entre o legado que surge do planeamento do megaevento e os desenvolvimentos que foram impulsionados pelo processo de candidatura mas que não foram realizados. Dentro do primeiro distinguem três categorias: o *legado gerado por megaeventos*, no qual este acelera o processo de implementação; o *legado adiado*, sendo

²⁷ Leopkey, B. & Parent, M. (2012). Olympic Games Legacy: From General Benefits to Sustainable Long-Term Legacy. *The International Journal of the History of Sport*, 29:6, p. 932.

²⁸ Idem, *ibidem*, p. 934

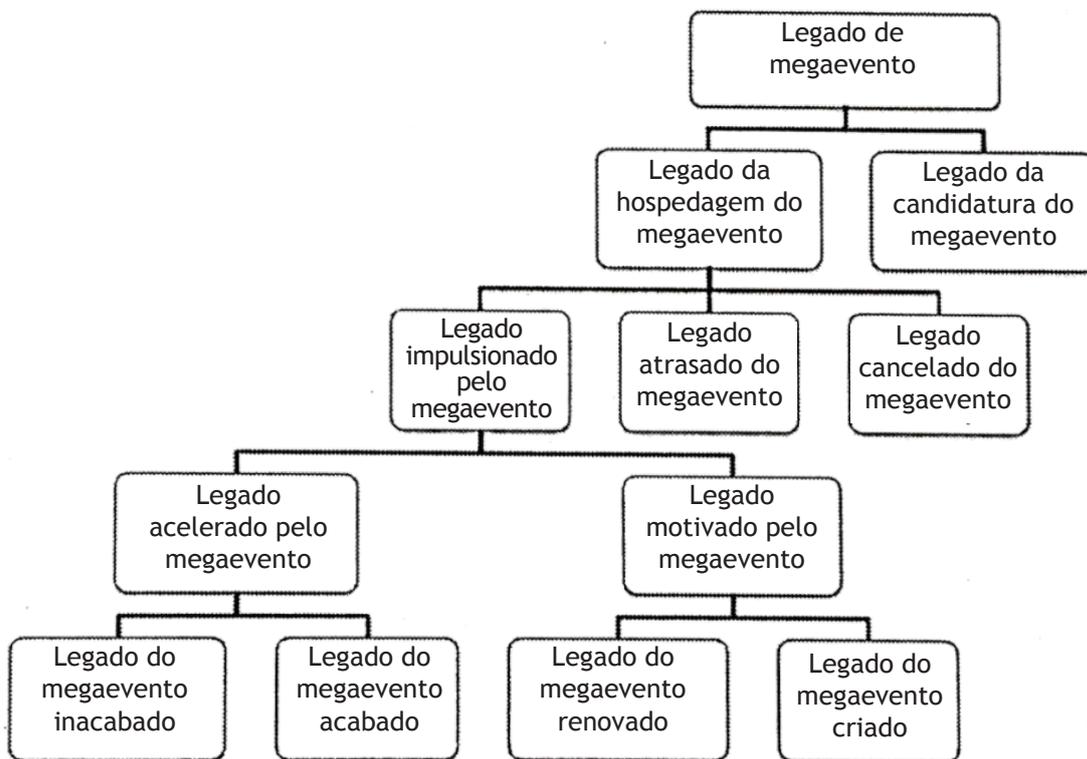


Fig. 1.4. Estrutura do legado de megaevento. Adaptado de Kassens-Noor et al. (2015). *Towards a mega-event legacy framework. Leisure Studies*, 34:6, p.668. [Tradução da autora].

projetos que estavam programados mas que foram adiados devido à falta de recursos ou à falta de tempo; e o *legado cancelado* referindo-se a projetos que nunca foram desenvolvidos por causa do megaevento.

Fragmentam ainda o *legado gerado por megaeventos* em duas categorias: *acelerado e motivado*. No *legado acelerado por megaeventos* distinguem-se os desenvolvimentos que são *concluídos* daqueles que são *não concluídos*, e no *legado motivado por megaeventos* distinguem-se as infraestruturas que são *criadas* daquelas que são *renovadas*. Agrupando resultados semelhantes, identificam assim seis categorias conclusivas de legado: candidatura, cancelado, adiado, criado, renovado, acabado e não acabado.

Claramente o legado propriamente dito surge apenas depois dos jogos, mantendo-se inexplorado aquando do evento. No entanto, é incontestável o facto de que os jogos olímpicos proporcionam à cidade anfitriã uma oportunidade para a mudança, sendo o legado uma das consequências do evento em si.

“Normalmente o conceito de património (herança, legado) é associado aos jogos olímpicos, indicando aquilo que resta em termos de símbolos e valores, ou estruturas e instalações.”²⁹ A ideia de legado olímpico é, no entanto, uma questão que levanta algum debate e controvérsia em relação à lógica contra factual de não ser possível provar aquilo que teria sido feito ou não se o evento não se realizasse em determinada cidade. De facto, os jogos podem ser vistos como um acelerador dos projetos pendentes já desenvolvidos, em vez de um implementador de novos projetos que surgem com a candidatura para hospedar os jogos. Muitas vezes a cidade sede desenvolve-se muito mais rapidamente do que se teria desenvolvido se não tivesse hospedado o evento, o que pode ser visto de uma forma positiva, visto que a cidade beneficia mais cedo das infraestruturas construídas.

Legados olímpicos penetram diferentes esferas geográficas, e podem ser positivos ou negativos, benéficos ou prejudiciais, tangíveis ou intangíveis, visíveis ou invisíveis. As características básicas no entanto, são intrinsecamente as mesmas: eles permanecem nas cidades anfitriãs durante vários anos, décadas e às vezes até séculos.³⁰

Kassens-Noor reconhece que existem propriedades comuns a todos os legados que surgem de um evento, identificando ao mesmo tempo diversas particularidades que os distinguem. Esta distinção é também referida por Preuss³¹, que propõe um cubo de legado formado pelas

²⁹ Guala, G. (2002). *Per una tipologia dei megaeventi*, p.6. “In genere il concetto di eredità (*heritage, legacy*) viene associato ai giochi olimpici, indicando ciò che rimane in termini di simboli e valori, o strutture e impianti.” [Tradução da autora].

³⁰ Kassens-Noor, E. (2012). *Planning Olympic legacies: transport dream and urban realities*, p. 2. “Olympic legacies penetrate different geographical spheres, and can be positive or negative, beneficial or detrimental, tangible or intangible, visible or invisible. Their basic characteristics however, are intrinsically the same: they remain in the host cities’ Umwelt for several subsequent years, decades and sometimes even centuries.” [Tradução da autora]

³¹ Preuss (2007). The conceptualization and Measurement of Mega Sport Event Legacies. *Journal of Sport & Tourism*, 12:3-4, 207-228 & Gratton, C. & Preuss, H. (2008). Maximizing Olympic Impacts by Building Up Legacies. *The International Journal of the History of Sport*, 25:14, 1922-1938.

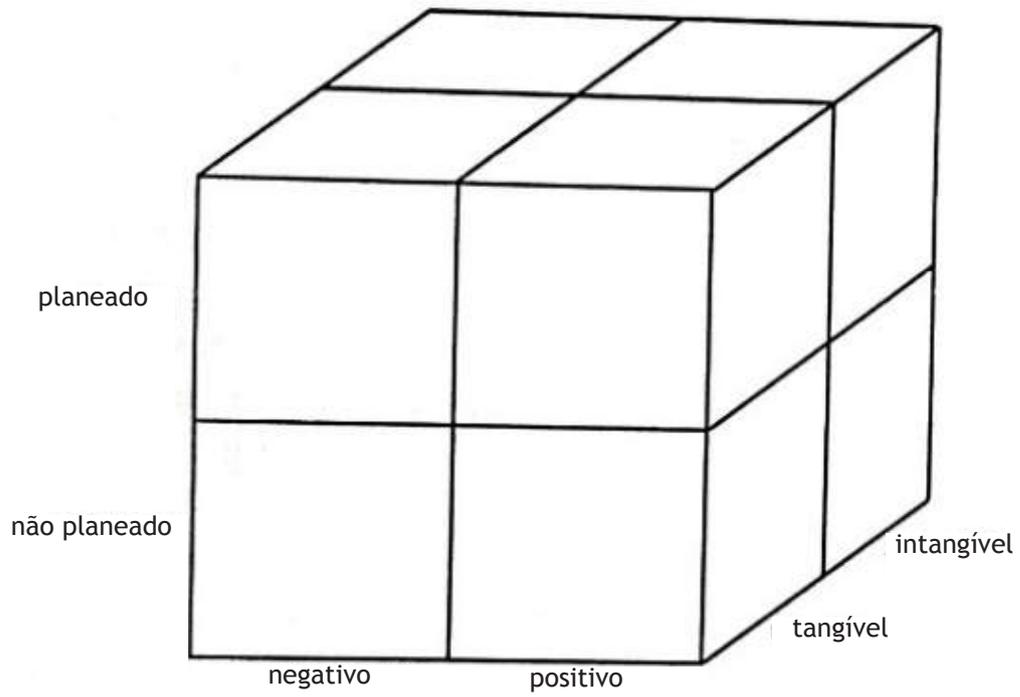


Fig. 1.5. Cubo de legado. Adaptado de Preuss (2007). The conceptualization and Measurement of Mega Sport Event Legacies. *Journal of Sport & Tourism*, 12:3-4, p. 211. [Tradução da autora].

mesmas dimensões. O cubo é constituído por oito cubos mais pequenos, em que cada um destes representa uma transformação de legado. Afirmo que, na maioria dos estudos que são feitos sobre o período pós evento, estes se focam apenas num subcubo, ou seja, apenas no legado positivo, planeado e tangível, e que é necessário que seja feita uma avaliação holística do evento de forma a identificar todas as dimensões de legado. Muitos dos estudos feitos no período pré evento onde se procura perceber a sua viabilidade e impacto, são potencialmente tendenciosos, porque o objetivo destes é favorecer a realização do evento numa certa cidade, enfatizando apenas esse subcubo favorável particular. Esta questão é constantemente criticada por investigadores que estudam os impactos que surgem de hospedar um evento desportivo, e é também referida e julgada por Preuss.

3. Componentes do legado olímpico

Embora o conceito de legado não tenha atraído muita popularidade até meados do século passado, desde cedo que as referências a este foram discutidas como benefícios ou como motivações para hospedar os jogos olímpicos. Com este intuito, destaca-se a organização bem sucedida de jogos através da construção das infraestruturas necessárias para a competição com a eventual inclusão da sua utilização no período pós jogos.³² Como os jogos aumentaram em escala ao longo do tempo, especialmente a partir da década de 60 (devido principalmente à cobertura de TV), o legado tornou-se um aspeto importante para hospedar os jogos olímpicos.³³

A primeira vez que o termo legado pode ser encontrado em documentos de candidatura aos jogos olímpicos data de 1956, na candidatura de Melbourne. James S. Disney, Lord Mayor de Melbourne afirma que a cidade estava preparada para “estabelecer, como legado das XVI Olimpíadas, um centro atlético perpetuando na Austrália os elevados ideais no desporto amador e que representa esse movimento”.³⁴ No entanto, a compreensão que hoje temos de legado de um megaevento nasceu na década de 90. Após o congresso realizado pelo COI em 2002³⁵, onde se utilizou o termo “legado” pela primeira vez, este passou a fazer parte da sua declaração de missão. Desde então, tornou-se obrigatório para uma cidade a articulação do projeto de candidatura com um projeto de gestão do legado após os jogos.

O estudo académico acerca do legado olímpico tem aumentado nos últimos anos com um número crescente de monografias sobre o assunto. Estes incluem estudos gerais sobre legado e estudos particulares sobre determinadas cidades, assim como em temas particulares como o legado cultural, económico, físico e social. No entanto, a questão do legado olímpico continua a ser uma questão não resolvida em torno do resultado do maior evento desportivo do mundo. Enquanto muitas cidades anfitriãs planeiam grandes legados, o que estes são exatamente e como surgiram são questões debatidas entre vários investigadores.

Gold & Gold³⁶ são inovadores ao reavivar a discussão sobre desenvolvimento urbano, agendas urbanas e criação de legados. Recontando a história de diversas cidades olímpicas, os autores refletem sobre o poder de regeneração que os jogos podem ter em áreas urbanas, comprovando que o desejo das cidades sede de usar os jogos na renovação de legados tangíveis, se tornou um tema dominante na reflexão sobre o legado.

³² Gold, J. & Gold M. (eds) (2007). *Olympic Cities: City Agendas, Planning and the World's Games, 1896-2016*.

³³ Idem, *idibem*

³⁴ James S. Disney, citado por Leopkey, B. & Parent, M. (2012). Olympic Games Legacy: From General Benefits to Sustainable Long-Term Legacy, in *The International Journal of the History of Sport*, 29:6, 924-943. “(...) establish, as a legacy of the XVI Olympiad, an Athletic Centre perpetuating in Australia the high ideals in Amateur Sport and for which that movement stands”. [Tradução da autora].

³⁵ Congresso “O legado dos jogos olímpicos: 1984-2000”, ver página 33

³⁶ Gold, J. & Gold M. (eds) (2007). *op. cit.*

Este desejo de criação de legado urbano e de regeneração das cidades anfitriãs dos jogos não é, portanto, um fenómeno novo. Nos últimos 60 anos estas mesmas cidades têm-se esforçado por recriar os seus espaços urbanos utilizando os jogos olímpicos como um catalisador de transformação urbana. A primeira cidade que foi diretamente influenciada pelo impacto urbano ao hospedar os jogos olímpicos foi Roma, em 1960. Os dois jogos seguintes, Tóquio em 1964 e Cidade do México em 1968, excederam de longe as exigências logísticas dos anos anteriores. Munique em 1972 e Montreal em 1976 aplicaram novos conceitos urbanísticos e inovações tecnológicas, destacando-se de experiências anteriores. Os jogos em Moscovo em 1980 e Los Angeles em 1984 motivaram poucas intervenções no desenvolvimento urbano, mas este efeito é recuperado em Seul em 1988, excedendo os esforços de desenvolvimento urbano anteriores em escala e magnitude.

Numa tentativa de classificação dos impactos dos jogos olímpicos passados, Chalkley e Essex³⁷ realizam um estudo onde se focam na história do impacto físico destes, com particular referência às modificações introduzidas no tecido urbano. Apresentam uma distinção curiosa na medida em que não se focalizam nas suas relações em termos de período temporal, mas antes numa relação entre os jogos e o território em que estes se realizam. Propõem assim uma distinção em três níveis, considerando em primeiro lugar os jogos de *baixo impacto*, seguindo-se daqueles que se serviram essencialmente de novas instalações desportivas sem grandes efeitos no território, e complementando com os jogos que envolveram a maior parte do ambiente urbano e da região envolvente, causando um grande impacto no território.

De forma a apresentar uma revisão histórica do impacto de cada evento nas cidades, Chalkley e Essex³⁸ agrupam, num outro estudo, o desenvolvimento dos jogos olímpicos em quatro fases, mostrando uma escala crescente de impacto, esforço organizacional e atenção internacional. Ao mesmo tempo, observam também um aumento de divergência entre os compromissos que as cidades estão dispostas a fazer quando se candidatam para hospedar os jogos, e aquilo que estas precisam realmente para o seu futuro.

A primeira fase considerada abrange o período entre 1894 e 1904, quando o evento era mal organizado, de pequena escala e com o mínimo de impacto urbano, não envolvendo necessariamente novos equipamentos. Durante a segunda fase, que abrange os jogos de 1908 a 1932, o evento foi-se tornando maior em escala, envolvendo a construção de algumas instalações desportivas, já com uma melhor organização. Durante a terceira fase, entre 1936 e 1956, o evento é bem organizado e atinge uma grande escala, sendo que as instalações desportivas começaram a tornar-se símbolos da cidade sede, tendo algum impacto na infraestrutura urbana, embora estes permaneçam bastante modestos em comparação com os padrões de hoje em dia. A quarta fase engloba todos os jogos que se realizaram desde 1960, onde os eventos de grande escala são bem organizados, com a

³⁷ Chalkley e Essex (1998). The olympic games: catalyst of urban change. *Leisure Studies*, 17:3, p. 187-206

³⁸ Chalkey, B. & Essex, S. (1999). Urban development through hosting international events: a history of the Olympic Games. *Planning Perspectives*, 14:4, 369-394.

criação de novas infraestruturas desportivas, onde os jogos eram muitas vezes utilizados como um impulso para as melhorias urbanas em grande escala, proporcionando um grande impacto nas cidades sede. Este crescente impacto é, de facto, uma das formas que expressa o crescimento dos jogos em si ao longo dos tempos, com cada vez mais países e atletas participantes, refletindo também um potencial do evento na estimulação de políticas e programas urbanos.³⁹

Uma nova fase na história do desenvolvimento relacionado com os jogos olímpicos pode ser adicionada, podendo-se afirmar que se assiste a um novo momento caracterizado pela “(...) globalização destes eventos e o uso dos mesmos como comercialização e difusão da cidade.”⁴⁰ As questões de legado e infraestruturas são implementadas plenamente a partir dos jogos olímpicos de Londres em 2012, depois de o COI ter adotado uma atitude de compromisso, assumindo o legado como uma prioridade no planeamento dos jogos.

Este tipo de desenvolvimento visível tem promovido a competição entre várias cidades que pretendem atrair efeitos positivos que claramente permanecem nestas durante muito mais tempo do que o próprio evento. Os JO fornecem uma oportunidade única para as cidades investirem a longo prazo no desenvolvimento urbano, incluindo melhorias nas infraestruturas, novas habitações e o estabelecimento de instalações desportivas. Chalkley e Essex sugerem que “os anfitriões olímpicos mais ambiciosos têm visto os jogos como uma oportunidade de apresentar planos de longo prazo, para acelerar o ritmo de mudança e (...) para ser pioneiro na implementação de novos conceitos de planeamento”.⁴¹

No entanto, enquanto a hospedagem dos JO tem sido uma estratégia de desenvolvimento urbano bem sucedida em algumas cidades, torna-se uma estratégia arriscada para outras, fazendo-se sentir algumas discrepâncias entre os compromissos assumidos na candidatura e os legados após o evento. Neste sentido, o interesse na conquista de legado positivo é importante para os governos locais, mas também para os organismos internacionais que organizam o evento. Primeiro, porque o legado positivo é uma prova de que o evento foi bom para a cidade sede, segundo, porque demonstra um uso correto do financiamento para as infraestruturas, e terceiro, porque é uma grande motivação para outras cidades se candidatarem para hospedar os jogos.

Comparar diversas edições dos JO e os seus legados é complexo, uma vez que cada evento é único e irrepetível, mesmo que os processos de candidatura e orientações para a realização dos jogos sigam regras muito rigorosas que devem ser respeitadas.⁴² Apesar

³⁹ Chalkey, B. & Essex, S. (1999). Urban development through hosting international events: a history of the Olympic Games. *Planning Perspectives*, 14:4, p. 374

⁴⁰ Sobetchi, V. (2015). *Megaeventos Desportivos: Como elemento de metamorfose urbana 1960-2012*, p. 31.

⁴¹ Chalkley, B. & Essex, S. (1999). Urban development through hosting international events: a history of the Olympic Games. *Planning Perspectives*, 14:4, p. 391. “The most ambitious Olympic hosts have seen the Games as an opportunity to bring forward long-term plans, to accelerate the pace of change and (...) to pioneer the implementation of new planning concepts.” [Tradução da autora].

⁴² Alguns manuais, como por exemplo o *Host City contract*, definem diversas normas para a realização do evento: serviços a serem prestados, programa, estrutura das instalações, sustentabilidade e legado, diretrizes para a vila olímpica, necessidades dos meios de comunicação, gestão de patrocínios, etc.

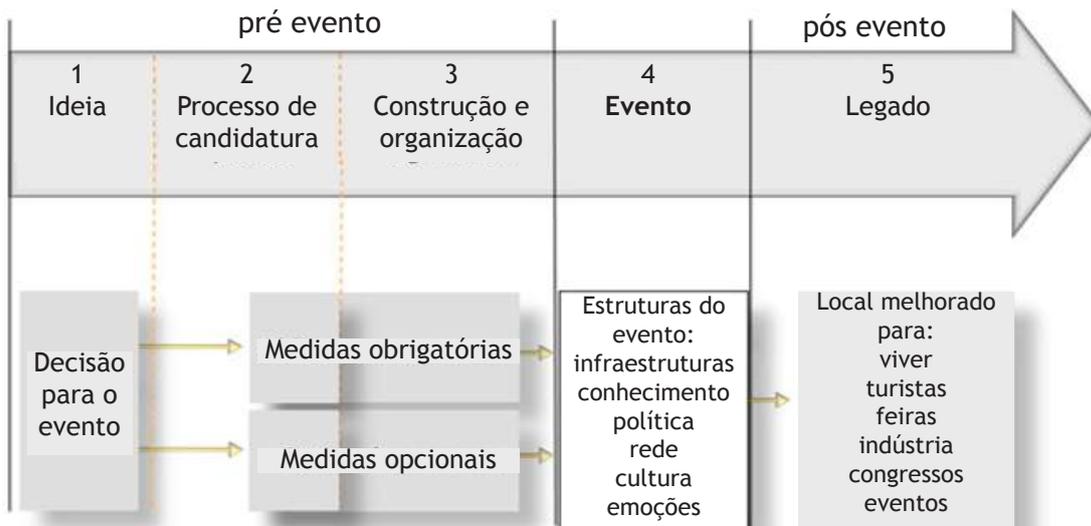


Fig. 1.6. Processo de construção do legado planeado do evento. Adaptado de Preuss, H. (2015). *A framework for identifying the legacies of a mega sport event. Leisure Studies*, 34:6, p. 658. [Tradução da autora].

dos eventos revelarem uma uniformidade aparente, na verdade, existem muitas variáveis que determinam os resultados e situações muito diferentes entre as várias edições. Com base nos estudos analisados, é possível, no entanto, identificar alguns temas chave que caracterizam os JO, através dos quais se pode representar uma antecipação do legado que este deixará na cidade, como a regeneração urbana, as novas infraestruturas e serviços, o desenvolvimento económico, o desenvolvimento de competências e os impactos ambientais.

Preuss⁴³ apresenta um gráfico onde mostra o processo do planeamento do legado, que começa com a decisão de candidatura para um megaevento específico (1). Admite que cada evento requer a sua própria estrutura particular, sendo que cada cidade é diferente em relação às estruturas disponíveis, e, portanto, o legado criado por cada evento será diferente nas diversas cidades. Durante o processo de candidatura (2) tanto algumas medidas necessárias como algumas medidas opcionais são desenvolvidas, sendo que é através destas segundas que a comissão de candidatura se tenta posicionar estrategicamente na melhor posição possível em relação às outras cidades com quem compete.⁴⁴ Durante a preparação para o evento (3) as infraestruturas obrigatórias têm de ser concluídas, assim como as medidas opcionais, de forma a construir um forte legado. As “medidas opcionais”, são definidas por Preuss como sendo medidas tomadas pelos organizadores do evento que não são exigidas pela federação do desporto, como, por exemplo, formas de tornar as cidades mais atrativas para os turistas. Durante o evento (4) já todas as estruturas deste estão presentes, criando uma certa dinâmica entre elas e afetando a imagem da cidade. No período pós evento (5) algumas das estruturas do evento desaparecem, enquanto a maioria persiste por um tempo mais curto ou mais longo, criando um legado para a cidade.

A maioria das cidades, ao candidatarem-se a sede de um megaevento como os jogos olímpicos, visam fazer uso estratégico deste para impulsionar a renovação urbana e desenvolver infraestruturas que não seria possível sem os fundos que surgem após o processo de eleição. O investimento nestes tem um impacto imediato nas cidades sede, abrangendo também efeitos a longo prazo, visto que estas aproveitam para construir ou melhorar instalações necessárias, estradas, linhas de metro e de comboio, hotéis e alojamentos, serviços e equipamentos, justificando os gastos elevados sob o rótulo de “legado”.

Assim, os jogos olímpicos têm representado frequentemente projetos de transformação do ambiente construído, suportando muitas vezes a regeneração física de grandes áreas nas cidades sede, como em bairros degradados ou áreas industriais.

Como já mencionado, o conceito de legado de um megaevento não tem uma definição única pois abrange diversos conceitos, requerendo uma análise e estudos específicos. Neste seguimento, nos últimos anos, nas cidades que hospedaram os jogos olímpicos foram estabelecidos centros permanentes para pesquisa, especificamente sobre os jogos olímpicos

⁴³ Preuss, H. (2007). The conceptualisation and measurement of mega sport event legacy. *Journal of sport & tourism*, 12:3, p. 207-228 & Preuss, H. (2015)

⁴⁴ Preuss, H. (2007). op. cit, p. 221

e principais eventos desportivos, e várias iniciativas semelhantes têm surgido nos principais eventos culturais e exposições. Muitas vezes esses centros são criados por iniciativa das universidades. Em alguns casos, como em Barcelona⁴⁵, estes centros de pesquisa ainda estão ativos mesmo após vários anos da realização do evento nessa cidade.

Criar legados sustentáveis é um compromisso fundamental do Movimento Olímpico, Cada cidade que hospeda os Jogos Olímpicos torna-se um administrador temporário do Movimento Olímpico. É uma grande responsabilidade. É também uma grande oportunidade. Cidades anfitriãs capturam atenção mundial. E cada uma cria um conjunto exclusivo de legados ambientais, sociais e económicos que podem mudar uma comunidade, uma região e uma nação para sempre.⁴⁶

⁴⁵ CEO - Centro de Estudos Olímpicos - Universidade Autónoma de Barcelona

⁴⁶ Jacques Rogge, presidente do COI, em IOC (2013). *Olympic Legacy*, p.1. “Creating sustainable legacies is a fundamental commitment of the Olympic Movement. Every city that hosts the Olympic Games becomes a temporary steward of the Olympic Movement. It is a great responsibility. It is also a great opportunity. Host cities capture worldwide attention. Each has a once-in-a-lifetime chance to showcase the celebration of the human spirit. And each creates a unique set of environmental, social and economic legacies that can change a community, a region, and a nation forever.” [Tradução da autora].

Capítulo II

A INFLUÊNCIA OLÍMPICA NA URBANIZAÇÃO DAS CIDADES

1. Urbanização olímpica
 - 1.1. Acessibilidade e mobilidade
 - 1.2. Instalações desportivas
 - 1.3. Infraestruturas de alojamento
 - 1.4. Reflexão
2. Vila olímpica
 - 2.1. Requisitos para a vila olímpica
3. Origem e evolução das vilas olímpicas

Los Angeles 1932 | Berlim 1936
Helsínquia 1952 | Melbourne 1956
Roma 1960 | Tóquio 1964
Cidade do México 1968
Munique 1972 | Montreal 1976
Mosovo 1980 | Los Angeles 1984
Seul 1988 | Barcelona 1992
Atlanta 1996 | Sydney 2000
Atenas 2004 | Pequim 2008
Londres 2012 | Rio de Janeiro 2016

 - 3.1. Classificação de Martin Wimmer
 - 3.2. As vilas olímpicas depois dos jogos

1. Urbanização olímpica

Os jogos olímpicos tiveram origem na Grécia antiga, sendo realizados durante centenas de anos até entrarem em declínio, voltando apenas a ser realizados novamente no final do século XIX. Pierre de Coubertin⁴⁷ foi o responsável pelo renascimento dos jogos olímpicos modernos em Atenas, em 1896, fundando com sucesso o COI. Durante este processo, Coubertin escreve, em conjunto com o comité olímpico, o *Olympic Charter*⁴⁸, onde se incluíam todos os “princípios fundamentais, regras e estatutos” dos jogos olímpicos modernos.⁴⁹ Coubertin estabeleceu ainda o princípio de que os jogos devem ser realizados em locais diferentes de quatro em quatro anos de forma a promover e difundir o espírito olímpico de liberdade, progresso e igualdade em todo o mundo.⁵⁰ Os primeiros jogos da época moderna regressaram então em 1896, sendo realizados em Atenas de forma a prestar homenagem aos jogos antigos.

Desde o ressurgimento das olimpíadas no final XIX, os jogos têm emergido como o maior evento desportivo do mundo, criando grandes desafios e oportunidades para a organização e infraestruturas das cidades sede, devido à sua grande escala e significado. Uma série de fatores podem moldar os motivos para uma cidade concorrer para hospedar os JO, incluindo as suas circunstâncias antes dos jogos e a sua visão sobre como estes podem contribuir para o desenvolvimento da cidade. Motivos estes que foram evoluindo ao longo dos tempos desde um simples interesse no desporto em si, às preocupações económicas, sociais, e, mais recentemente, ambientais. O motivo espacial, com o objetivo de melhoramento do funcionamento urbano, é aquele que se sente mais pertinente no âmbito desta dissertação. Neste seguimento, Chen, Qu e Spaans⁵¹ distinguem várias estratégias de desenvolvimento da cidade, como “proporcionar instalações desportivas de alta qualidade; desenvolver infraestruturas; melhorar o espaço público; formar centros multifuncionais em zonas olímpicas”⁵², e ainda os vários impactos destas: “locais icónicos como atrações turísticas; qualidade melhorada de espaços públicos; melhoramento de infraestruturas; instalações turísticas melhoradas; locais pouco usados (*elefantes brancos*)”.⁵³

Os jogos olímpicos, como já foi referido, podem ser aproveitados de várias formas positivas beneficiando a cidade em que são realizados. Estes podem ainda gerar impactos

⁴⁷ Pierre de Coubertin (1863-1937) foi um pedagogo e historiador francês que ficou conhecido como o fundador dos jogos olímpicos da época moderna.

⁴⁸ O contrato assinado pelo COI, pelo CON e pela cidade anfitriã (Host City Contract) e o “IOC Olympic Village Guidelines”, constituem a implementação das disposições contidas no “Olympic Charter”.

⁴⁹ Gold, J. & Gold, M. (2007). *Olympic cities: City agendas, planning and the world’s Games, 1896-2016*, p. 24. “fundamental principles, rules and by-laws”. [Tradução da autora].

⁵⁰ *idem*, *ibidem*.

⁵¹ Chen, Y., Qu, L. & Spaans, M. (2013). Framing the Long-Term Impact of Mega-Event Strategies on the Development of Olympic Host Cities. *Planning Practice & Research* 28:3, p. 340-359

⁵² *idem*, *ibidem*, p. 342. “Provide high-quality sports facilities; Develop infrastructure; Improve public space; Form multifunctional sub-centres on Olympic sites”. [Tradução da autora].

⁵³ *idem*, *ibidem*, p. 342. “Iconic venues as tourist attractions; Improved quality of public spaces; Infrastructure improvement; Improved tourism facilities; Underused venues (‘white elephants’)”. [Tradução da autora].

de várias formas, podendo-se diferenciar entre temporários ou permanentes, diretos ou indiretos, de curto termo ou de longo termo e em termos de resultados individuais ou múltiplos. As ações a realizar após o fim do evento, de forma a tirar o melhor proveito dos impactos gerados, devem ser previstas antecipadamente ainda na fase de candidatura, sendo necessário programar a reutilização de locais, estruturas, equipamentos e serviços.⁵⁴ As formas como são geridos os impactos pós jogos e o legado olímpico em si, definem o sucesso e a continuidade de uma série de iniciativas, ou o desmantelamento e a crise da cidade onde são realizados.⁵⁵

Em algumas cidades, como em Tóquio e em Barcelona 1992, os JO provocaram uma profunda renovação urbana enquanto em outras, como Los Angeles 1984 e Atlanta 1996, estes constituíram apenas uma fase passageira, sem grandes impactos no território. Tendo em conta vários resultados diferentes nas diversas cidades onde o evento é realizado, surge a questão sobre o que faz uma edição dos JO bem sucedida, em termos de urbanização. Regressando ao exemplo de Barcelona, os projetos para os JO foram colocados dentro de um grande projeto de transformação urbana que vinha já a ser trabalhado desde os anos oitenta com os “100 projetos” de Oriol Bohigas, que visava a realização de diversas intervenções na cidade. Podemos observar que a cidade de Barcelona utilizou os jogos de 1992 para impulsionar um projeto que tinha sido preparado há vários anos mas que só foi concretizado depois desta vencer a candidatura para hospedar os jogos, confirmando a ideia de os projetistas poderem ver os jogos como uma oportunidade para financiar e apresentar planos de longo prazo que de outra forma permaneceriam no “arquivo pendente” durante muitos anos.⁵⁶ Podemos assim destacar vários aspetos chave como pontos de referência no que diz respeito ao que dita o sucesso das várias edições dos jogos, como o conteúdo e a escala das intervenções olímpicas, estratégia urbana que estas definem, e a visão de integração urbana que estas representam.

Nos últimos anos, o desenvolvimento de zonas olímpicas tem integrado, de forma exponencial, projetos de desenvolvimento espacial de grande escala, visto que “as cidades-sede cada vez mais utilizam um megaevento como instrumento de planeamento estratégico espacial”⁵⁷, permitindo que essas zonas possam ser usadas após o evento. Seguindo estas tendências, muitas vezes as zonas olímpicas são localizadas em zonas industriais decadentes, como em Barcelona, locais contaminados, como Atlanta e Sydney, bases militares, como em Atenas, e terrenos baldios, como em Barcelona e Atenas.

De uma forma geral, as cidades anfitriãs sofrem melhorias nas infraestruturas, espaços públicos e instalações turísticas. Grandes investimentos são feitos no sentido de melhorar

⁵⁴ Bobbio, L. & Guala, C. (ed.). (2002). *Olimpiadi e Grandi Eventi. Verso Torino 2006*, p. 32

⁵⁵ Idem, *ibidem*.

⁵⁶ Chalkey, B. & Essex, S. (2003). *Urban transformation from hosting the Olympic Games*, p.5

⁵⁷ Qu, L. & Spaans, M. (2009). The mega-event as a strategy in spatial planning: starting from the Olympic city of Barcelona. *The 4th International Conference of the International Forum of Urbanism*, p. 1291. “Host cities increasingly use a mega-event as a tool in strategic spatial planning.” [Tradução da autora].

as infraestruturas de transporte (como sistemas metropolitanos, estradas e aeroportos internacionais), resultando na melhoria de acessibilidade, e as infraestruturas desportivas, como por exemplo os estádios olímpicos, que se têm vindo a tornar símbolos das próprias cidades. Para além destes investimentos, o aumento do tamanho dos jogos produz implicações para as cidades sede que se estendem para outras matérias, como a melhoria de sistemas de água e esgotos, intervenções na paisagem urbana e a necessidade de alojamentos, tanto para os atletas como para os visitantes. Surge a necessidade de conseguir satisfazer a demanda adicional de público que o evento faz incidir sobre múltiplos aspetos da infraestrutura da cidade. Esta precisa de estar preparada para servir um público muito maior do que o habitual, durante um período muito curto, de forma a garantir condições que permitam as atividades básicas dos moradores, e ainda condições de vida satisfatórias para os atletas, organizadores, voluntários, etc., durante os dias do evento.

Todas as cidades que hospedam os jogos olímpicos devem definir estratégias de planeamento urbano precisas, incluindo uma série de objetivos estabelecidos pelo COI⁵⁸, tendo que acomodar um grande programa urbano, incluindo a vila olímpica, o centro de imprensa e comunicação, o sistema de transportes públicos (a nível local, regional, nacional e internacional), instalações desportivas, unidades hoteleiras e infraestruturas de apoio. Para dar resposta a estas imposições, “(...) as cidades começaram a fazer grandes esforços em tentar encaixar projetos relacionados com o evento com a perspetiva de longo termo do planeamento espacial estratégico, incluindo o uso pós olímpico de projetos.”⁵⁹ Do ponto de vista estrutural, o legado olímpico é mais eficaz e pronunciado quando se insere dentro de um desenvolvimento urbano mais amplo, não se focando apenas em garantir a realização do evento.

1.1. Acessibilidade e mobilidade

Um evento de grande dimensão como os jogos olímpicos geralmente necessita de um investimento substancial nas infraestruturas de transportes. Aumentar a capacidade do aeroporto, criar novas estradas e melhorar o sistema de transportes públicos, de forma a assegurar com eficiência a mobilidade tanto dos atletas e oficiais como dos espectadores, torna-se uma parte essencial nos preparativos para os jogos olímpicos,

A acessibilidade e a mobilidade tornam-se assim temas importantes no que diz respeito às medidas que uma cidade deve assegurar ao hospedar os jogos olímpicos. A acessibilidade diz respeito à possibilidade de acesso entre a cidade e qualquer parte do mundo,

⁵⁸ Regulamentos para o procedimento de apresentação de candidaturas, regras e regulamentos técnicos, avaliação do lugar dos jogos em termos desportivos, da logística e dos efeitos culturais, económicos, sociais e ambientais.

⁵⁹ Qu, L. & Spaans, M. (2009). The mega-event as a strategy in spatial planning: starting from the Olympic city of Barcelona. *The 4th International Conference of the International Forum of Urbanism*, p. 1291. “(...) cities started to make enormous efforts on trying to fit event-related projects within the long-term perspective of strategic spatial planning, including the post-Olympic use of projects.” [Tradução da autora].

independentemente do tipo de transporte utilizado, enquanto a mobilidade implica o facto de uma cidade ser acessível para todas as pessoas, exigindo uma boa articulação do tecido urbano através de várias infraestruturas de transporte.

Como principal medida de acessibilidade surge a necessidade de incluir a cidade na rede de transportes mundial, garantindo a possibilidade de acesso a esta a partir de qualquer lugar do mundo. Neste sentido, considera-se importante uma avaliação aos sistemas aeroportuários da cidade, analisando a capacidade do aeroporto e se é ou não justificável a ampliação deste, tendo em conta o desenvolvimento do setor turístico para além das necessidades temporárias impostas pelo evento. Esta garantia de acessibilidade da cidade é também expandida para as modalidades de transportes terrestres, sendo necessário garantir condições ao nível das infraestruturas rodoviárias e ferroviárias, fortalecendo a relação entre a cidade onde se realiza o evento e as regiões geograficamente mais próximas.

Em relação às medidas de mobilidade, é necessário criar condições de articulação entre a cidade e a zona, ou as várias zonas, onde se realiza o evento. Torna-se essencial a presença de um sistema de mobilidade capaz de responder satisfatoriamente à demanda temporária, respondendo também às projeções da necessidade da cidade no período pós evento. Normalmente, o maior aumento de circulação urbana incide sobre o sistema viário da cidade, pois esta é a principal via de transporte para a maioria da população, seja através de transportes públicos ou privados. No entanto, e de forma recorrente, as necessidades impostas sobre a rede viária são maiores do que a sua capacidade de adaptação. Uma medida que pode diminuir o número de veículos particulares nas vias da cidade é a melhoria dos transportes públicos, seja nas próprias instalações, nos veículos ou serviços oferecidos, ou ainda no número de trajetos disponíveis. Apesar disso, o bom funcionamento do sistema de transportes públicos, e a possibilidade de expansão e melhoramento destes, continua a depender da qualidade do sistema viário, uma vez que algumas modalidades de transportes públicos são diretamente afetados pela capacidade das vias e dos seus trajetos. Neste sentido, é importante existir um desenvolvimento conjunto da rede de transportes públicos e do sistema viário. A categoria de transportes públicos é, no entanto, muito mais abrangente, pois não engloba apenas o transporte rodoviário, inclui outras modalidades como metro, comboios urbanos e barcos, compreendendo uma mais valia para a cidade, pois aumentam consideravelmente a capacidade de circulação dentro do espaço urbano.

1.2. Instalações desportivas

Os jogos olímpicos servem muitas vezes de oportunidade para a criação de um parque desportivo na cidade anfitriã, com o foco no desenvolvimento de instalações desportivas. O crescimento do número de modalidades desportivas incluídas no programa, que se tem verificado ao longo dos anos, dá origem à necessidade de múltiplos espaços com a imposição de condições muito diversas entre si. Consequentemente, torna-se necessário uma grande área para a execução destas instalações, conferindo ao evento o poder transformador do espaço urbano onde se realiza.

O alto número de competições e um público bastante numeroso gera a necessidade de grandes espaços e grandes áreas construídas que, consequentemente, fazem das instalações olímpicas obras de grande dimensão, quase como se fossem, nas cidades atuais, da mesma importância que as catedrais nas cidades medievais e renascentistas.⁶⁰ No entanto, esta circunstância não tem necessariamente uma conotação negativa, uma vez que a qualidade do espaço urbano de uma cidade pode aumentar consideravelmente com a construção de instalações olímpicas.

As instalações desportivas devem ter bastante flexibilidade para a realização das diferentes competições das várias modalidades. Cada uma das competições tem especificidades diferentes, de acordo com diversas variáveis como a dimensão da área necessária, os materiais utilizados, o número de atletas e o número de espetadores, entre outros, devendo todas as instalações seguir as diretrizes das federações internacionais em relação às condições mínimas para receber competições internacionais. É importante referir ainda que as infraestruturas necessárias para a realização dos jogos são, certamente, diferentes das necessidades da própria cidade, sendo essencial estar consciente desta realidade aquando da realização do projeto olímpico.

A maior parte das exigências para a realização dos JO está relacionada com as instalações desportivas, uma vez que é necessário providenciar recintos com capacidades específicas para cada modalidade e destinadas a grandes públicos. No entanto, não é possível pensar apenas nas instalações desportivas por si só, sendo essencial uma boa articulação entre estas e o restante tecido urbano.

⁶⁰ Fernandes, S. (2006). *Os Jogos Olímpicos como Instrumento de Planeamento Urbano*, p. 53.

1.3. Infraestruturas de Alojamento

Ao contrário do incentivo que os jogos olímpicos representam para a renovação de uma cidade a nível de instalações desportivas e infraestruturas de transportes, o investimento a nível de alojamentos para os visitantes é muito mais limitado. Há um perigo evidente de “expansão e quebra” em relação ao número de visitantes da cidade, do qual a indústria hoteleira tem de estar consciente.⁶¹ É um facto que um evento desta dimensão atrai uma enorme quantidade de visitantes num curto espaço de tempo, mas esta procura tende a diminuir drasticamente logo após as 3 semanas de evento, não justificando um grande investimento a nível hoteleiro.

O grande número de pessoas envolvidas no evento olímpico, sejam atletas, representantes, jornalistas, funcionários, entre outros, exige diversas infraestruturas de alojamento, de acordo com as especificidades de cada grupo. Em relação ao alojamento dos atletas e dos seus representantes, é adotada a construção de uma vila olímpica, geralmente próxima das instalações desportivas.

A necessidade de uma vila olímpica é uma exigência do COI, que admite a opção para a realização destas através do aluguer de instalações, da execução de construções temporárias ou construções permanentes. Neste último caso, os comités organizadores têm aproveitado as condições excecionais de financiamento, proveniente das construções necessárias para as infraestruturas de alojamento, para conseguir iniciar processos de transformação urbana numa área específica da cidade.⁶² Para justificar este investimento substancial, é importante o planeamento cuidado para o período pós jogos, sendo estas áreas normalmente escolhidas tendo como base os parâmetros daquilo que se quer para a cidade, dando-se preferência a quatro tipos de desenvolvimento: áreas da cidade caracterizadas pela existência de construção de baixa qualidade e degradação urbana, sendo estes edifícios substituídos por outros de maior qualidade; áreas afetadas pela ociosidade à qual é necessário dar uma nova utilidade; terrenos ligados a utilizações nocivas ao meio ambiente, com vista à melhoria da qualidade ambiental; e áreas periféricas, de forma a iniciar um processo de expansão da cidade.⁶³

Na maioria dos casos, as vilas olímpicas são convertidas em residências permanentes para a população local ou em residências universitárias, como será explorado mais à frente.

⁶¹ Chalkley, B. & Essex, S. (2003). *Urban transformation from hosting the Olympic Games*.

⁶² Fernandes, S. (2006). *Os Jogos Olímpicos como Instrumento de Planeamento Urbano*, p. 57.

⁶³ Idem, *ibidem*.

1.4. Reflexão

Na maioria das cidades anfitriãs, as diversas estruturas olímpicas encontram-se divididas e espalhadas por uma vasta área da cidade, principalmente quando esta tem diversos espaços vazios, em vez de uma grande área negligenciada. Nestes casos, é essencial uma boa infraestrutura de transportes para assegurar o bom funcionamento dos jogos. Noutras cidades, a implantação do megaevento, resulta em parques olímpicos, onde se encontram a maior parte das infraestruturas desportivas, e, de igual forma, em vilas olímpicas. Estes surgem, essencialmente, quando existe um grande espaço negligenciado na cidade que precisa de ser renovado, usufruindo assim dos jogos olímpicos como um gerador de meios e justificação para a sua renovação e regeneração.

Ao longo do século, portanto, os jogos desenvolveram-se em muito mais do que uma competição desportiva. Para as principais nações participantes, tornou-se uma procura de prestígio internacional e um instrumento para promover a regeneração física e económica. Para os planeadores urbanos e decisores políticos, os jogos têm vindo a representar uma grande oportunidade de investimento infraestrutural e melhoria ambiental⁶⁴

Geralmente, os jogos que têm lugar em parques olímpicos funcionam de uma forma mais eficaz, pelo simples facto de as infraestruturas se concentrarem numa área da cidade, encurtando a distância entre si e reduzindo assim os problemas de transporte.

Com uma arquitetura e design inovadores, as infraestruturas olímpicas podem transformar os espaços urbanos da cidade anfitriã.

⁶⁴ Chalkley, B. & Essex, S. (1999). Urban development through hosting international events: a history of the Olympic Games, in *Planning Perspectives*, 14:4, p. 369-370. "Across the century, therefore, the Games has developed into much more than a sporting competition. For the main participating nations, it has become a quest for national prestige and, for the host city, it is both a means of achieving international prominence and an instrument for promoting physical and economic regeneration. For urban planners and policy-makers, the Games has come to represent a major opportunity for infrastructural investment and environmental improvement." [Tradução da autora].

2. Vila olímpica

Os Jogos Olímpicos da Era moderna permitem a renovação urbana das cidades, exigindo um planejamento cuidadoso. No entanto, os processos não podem ocorrer sem reconhecer e respeitar a filosofia Olímpica e a função específica das Vilas Olímpicas durante os Jogos: um lugar onde as pessoas vivem juntas, um lugar para intercâmbio cultural e um lugar onde os atletas treinam durante os jogos.⁶⁵

A vila olímpica é um local olímpico por excelência, sendo a mais importante infraestrutura de alojamento exigida pelo COI, e aquela para as quais está definido um maior número de exigências e normas. Esta deixa de ser apenas um simples local para alojar atletas e representantes, e passa a ser também um local central de atividade e vida, “(...) que posteriormente fica com as cidades-sede, como contribuição importante para o desenvolvimento das cidades”.⁶⁶ Podemos olhar para a vila olímpica como uma pequena cidade dentro de uma cidade maior, onde existe uma grande convivência entre os diferentes povos e culturas do mundo, acomodando posteriormente a população da cidade.

A primeira referência que surge em relação à origem do conceito de vila olímpica remete à proposta de criação de uma “Olimpia Moderna” por Pierre de Coubertin, que apresenta a proposta em 1910, com um concurso internacional de arquitetura. Com a publicação de um artigo intitulado de “Une olympie moderne”, distribuído pela *Revue Olympique* aos arquitetos participantes, desafia estes a elaborar projetos para uma “Olimpia moderna”, traçando as linhas que considera importantes para as futuras cidades olímpicas, especificando as várias infraestruturas a serem construídas.

Coubertin aborda 6 tópicos onde especifica vários trabalhos que os arquitetos devem trabalhar para a competição. Começa por traçar o cenário para a cidade olímpica (I. *The Setting*), onde defende que esta deve seguir os três termos que definem uma “antiga olímpica”: “cidade de atletismo, arte e oração”.⁶⁷ De seguida, define os requisitos para a realização dos jogos, apontado as várias infraestruturas necessárias (II. *The Administration*), e mapeando o programa olímpico e as tarefas que se seguem ao nível da construção, de acordo com as várias modalidades praticadas (III. *The programme of the Games*). Sendo o número de atletas e o número esperado de espetadores dois dados essenciais para o projeto

⁶⁵ Moragas, M. (1997). Olympic Villages and the major challenges of organising the Olympic Games. *Olympic Villages: hundred years of urban planning and shared experiences*, p. 12. “The Olympic Games of the modern Era permit the urban renewal of cities, requiring careful planning. However, the processes cannot occur without recognizing and respecting the Olympic philosophy and the specific function of Olympic Villages during the Games: a place where people live together, a place for cultural exchange and a place where athletes train throughout the Games.” [Tradução da autora].

⁶⁶ Zweifel, F. (1997). Opening Speech of the Symposium. *Olympic Villages: hundred years of urban planning and shared experiences*, p. 9 “The Olympic Village really is the centre of activity, life and a gathering place for the whole world, which subsequently stays with the host cities as an important contribution to the development of cities.” [Tradução da autora].

⁶⁷ Coubertin, P. (1910). *A Modern Olympia*, em Wimmer, M. (1976). *Olympic Buildings*, p. 209

de cada espaço, estabelece o número aproximado de participantes (IV. *Qualifications for Participation*), e comenta a questão dos espectadores e da sua participação (V. *The Spectators*). Aponta ainda a participação dos arquitetos na contemplação e planeamento das festas e cerimónias olímpicas (VI. *The Ceremonies*).

O conceito de Coubertin de uma “olimpia moderna” é original no sentido em que parte de um conhecimento dos jogos olímpicos da antiguidade, adaptado ao tempo em que se encontra, tendo em conta o crescimento destes a nível de participações internacionais e de modalidades desportivas, definindo assim uma série de pré requisitos para a realização destes. Na sua opinião, três aspetos devem ser tidos em conta na organização de uma “olimpia moderna”: a cidade deve cativar os visitantes como um digno e grandioso complexo pela sua monumentalidade e aparência impressionante; as instalações devem transmitir à primeira vista as suas respetivas funções incluindo ainda um duplo caráter tanto atlético como artístico; as construções e a paisagem devem formar, na medida do possível, uma unidade harmoniosa, com edifícios integrados na paisagem e relações entre espaços interiores e espaços abertos.⁶⁸

Na sua descrição de cidade olímpica, Coubertin menciona a necessidade de alojamento temporário, sugerindo a construção de hotéis para acomodar as pessoas que estão relacionadas com a organização do evento, e a construção de estruturas provisórias, “um tipo de barracas” perto das instalações desportivas para acomodar os atletas.⁶⁹ Esta questão não é inicialmente considerada, pois um conjunto de problemáticas relacionadas com o renascimento dos jogos olímpicos revelou-se mais pertinente dentro do debate olímpico. Enquanto os jogos dos tempos modernos ocorriam dentro de uma dimensão relativamente pequena, o alojamento dos atletas e dos seus representantes não envolveu grandes dificuldades: da primeira à quarta olimpíada, as cidades anfitriãs e os comités olímpicos não levaram em consideração esse problema, deixando as delegações individuais encontrar alojamento por iniciativa própria.⁷⁰

No entanto, à medida que os jogos vão crescendo, a capacidade dos hotéis existentes nas diversas cidades começa a não ser suficiente para responder à grande procura que os mesmos geram, pois muitos dos hotéis disponíveis eram ocupados pelos visitantes, os quais foram sofrendo um aumento exponencial ao longo dos tempos. Para além disso, há um grande aumento nas equipas nacionais participantes, no número de delegações, devido à expansão do programa olímpico, e conseqüentemente, no número de funcionários, treinadores e assistentes de todas as categorias. Surge assim a necessidade de procurar espaços com

⁶⁸ Coubertin, P. (1910). *A Modern Olympia*, em Wimmer, M. (1976). *Olympic Buildings*.

⁶⁹ Idem, *ibidem*, p. 211

⁷⁰ Wimmer, M. (1976). *Olympic Buildings*, p.47

capacidade para responder a esta procura, passíveis de serem transformados em residências temporárias: são utilizados neste sentido pavilhões, escolas, campos militares, e até navios.⁷¹

Gradualmente, ao mesmo tempo que a arquitetura foi adquirindo um papel importante no planeamento urbano, no decorrer do século XX, as vilas olímpicas deixaram de ser construções efémeras, e passaram a tornar-se parte do processo de desenvolvimento, planeamento e extensão da cidade sobre o território. O conceito inicial da vila olímpica como uma estrutura pré fabricada e precária, com o único propósito de acomodar os atletas e representantes, foi-se transformando ao longo dos anos como uma solução de alojamento destinada a hospedar os habitantes da cidade, fazendo parte de um desenvolvimento urbano permanente. Na história das olimpíadas modernas a construção da vila olímpica e as operações de transformação urbana relacionadas com estas, foram-se manifestando de diferentes formas, das quais podemos identificar, resumidamente, dois aspetos principais: a criação de novos espaços e a transformação dos espaços já ocupados.

A partir do momento em que a realização dos jogos olímpicos se torna parte da história do desenvolvimento urbano da cidade, esta obtém características diretamente relacionadas com a cultura dos jogos. Hoje em dia, como já foi referido anteriormente, um dos grandes objetivos que as cidades ambicionam é a promoção da sua imagem a nível internacional. Como Muñoz⁷² defende, é na vila olímpica que as cidades sede mais apostam para a criação dessa imagem que tencionam projetar internacionalmente, realçando recursos modernos mas também recursos específicos do lugar, através de uma paisagem urbana especificamente concebida através de construções tipológicas, linguagens formais e desenho urbano.⁷³ Muitas vezes a arquitetura das vilas olímpicas manifesta ainda a intenção de reproduzir, ainda que num espaço mais pequeno e limitado, os modelos urbanos e arquitetónicos presentes na cidade sede.

O processo de planeamento das vilas olímpicas mais recentes tem sido focado naquilo que vai acontecer a esses espaços no período pós jogos, o que acontece tanto por razões financeiras, como de forma a promover um bom desenvolvimento da cidade sede. Em primeiro lugar, o desenvolvimento de uma vila olímpica que satisfaça todos os requisitos e diretrizes do COI tem um custo bastante significativo, sendo necessário o desenvolvimento de uma solução que obtenha o máximo retorno. Em segundo lugar, o planeamento de uma vila olímpica pode oferecer um melhoramento no processo de desenvolvimento da cidade, retirando o máximo benefício do investimento feito. Como veremos no próximo capítulo, têm sido desenvolvidos vários modelos que garantem o legado, tanto positivo como negativo, das vilas olímpicas, sendo a habitação o desenvolvimento mais comum.

O sucesso ou insucesso do legado das vilas olímpicas, no entanto, não depende apenas das características específicas destas, mas também da sua localização, da linguagem

⁷¹ Muñoz, F. (1997). Historic evolution and urban planning typology of Olympic Villages, em Moragas et. al. *Olympic Villages: hundred years of urban planning and shared experiences*, p. 29

⁷² Muñoz, F. (2005). El urbanismo de las villas olímpicas. *Quaderns d'arquitectura i urbanisme*.

⁷³ Idem, *ibidem*, p. 245

arquitetónica adotada, da acessibilidade, e do planeamento urbano geral, não devendo a VO ser analisada isoladamente do plano estratégico da cidade. É, assim, de extrema importância que o tipo de modelo urbano escolhido para a VO seja consistente com o tipo de estratégia urbana adotada na cidade. Devemos reforçar que não é possível planear e propor um único “modelo” de vila olímpica que possa ser aplicado em várias cidades, por isso o objetivo desta dissertação não é propor um modelo de vila olímpica que deva ser aplicado daqui em diante, mas antes uma observação e reflexão dos modelos aplicados até ao momento.

2.1. Requisitos para a vila olímpica

A vila olímpica, como já vimos, é criada com o objetivo de hospedar no mesmo espaço participantes de todas as modalidades desportivas, sendo os princípios orientadores desta baseados nas disposições da Carta Olímpica, regra 38⁷⁴, que indica como uma obrigação da parte do comité organizador dos jogos olímpicos⁷⁵, a disponibilização de uma vila olímpica desde duas semanas antes do início dos jogos até três dias após o encerramento destes.

Algumas das principais preocupações do COJO prendem-se com os custos da construção, o funcionamento da vila olímpica durante o evento, e o uso desta no período pós jogos. De forma a facilitar o máximo benefício do investimento feito, o COI preparou um guia intitulado “Orientações para a Vila Olímpica do COI”⁷⁶ com orientações relativas à construção da vila olímpica e os requisitos mínimos para hospedar as várias equipas participantes, aprovado pelo conselho executivo do COI em fevereiro de 1994.

Para a conceção deste guia, o COI contou com a ajuda dos responsáveis pelo planeamento e construção das vilas olímpicas anteriores e também com os especialistas da associação nacional de comités nacionais.⁷⁷ O guia encontra-se dividido em duas partes, sendo a primeira (“Orientações do COI sobre a construção da vila olímpica”⁷⁸), constituída pela introdução, oito capítulos e um anexo, direcionada para as cidades candidatas, destinando-se a fornecer aos arquitetos as informações necessárias para a realização dos projetos da VO. A segunda parte (“Guia CON: requisitos mínimos para as equipas olímpicas”⁷⁹), composta de seis capítulos e um anexo, destina-se mais especificamente às cidades sede, especificando os

⁷⁴ Ver página 53.

⁷⁵ “A organização dos jogos olímpicos é confiada pelo Comité Olímpico Internacional (COI) ao Comité Olímpico Nacional (CON) do país da cidade anfitriã, bem como à própria cidade sede. O CON constitui, para o efeito, um comité organizador dos jogos olímpicos (COJO) que, a partir do momento em que se constitui, comunica diretamente com o COI, do qual recebe instruções. O órgão executivo do COJO é constituído por os membros do COI no país, o presidente e o secretário geral do CON, e pelo menos um membro representante designado pela cidade anfitriã. Além disso inclui, geralmente, representantes das autoridades públicas e outras figuras importantes.”
Fonte: <https://www.olympic.org/ioc-governance-organising-committees> [Tradução da autora].

⁷⁶ IOC (1994). *IOC Olympic Village Guidelines*, em Moragas et. al (1997). *Olympic Villages: hundred years of urban planning and shared experiences*, p. 215 - 269.

⁷⁷ Idem, ibidem, p. 219.

⁷⁸ “IOC Guidelines concerning the Construction of the Olympic Village”

⁷⁹ “NOC Guide: Minimum Requirements for Olympic Teams”

requisitos das equipas olímpicas durante o evento, contendo informações detalhadas sobre a construção e as características de funcionamento da VO, além de indicações já previstas na primeira parte.

A cidade anfitriã e o COJO são então convidados, dentro destas diretrizes, a apresentar uma solução para a vila olímpica que melhor se adapte ao conceito geral dos JO e aos planos de desenvolvimento de longo prazo da cidade.

Na introdução do documento citado é imediatamente fornecida uma definição de vila olímpica. Em termos gerais, podemos caracterizar a vila olímpica como sendo um complexo habitacional reservado exclusivamente para acomodar os atletas e os seus representantes oficiais. É um complexo seguro, bem protegido e livre de perturbações do mundo exterior, que atende às necessidades dos atletas e os ajuda a sentirem-se em casa, dando-lhes todas as condições necessárias para se prepararem fisicamente e mentalmente para a sua participação nos jogos.⁸⁰

Um dos pontos fundamentais no planeamento da VO é, sem dúvida, a sua localização. Uma localização mal planeada pode trazer diversos problemas operacionais durante o evento, como dificuldades de acesso, no caso desta se localizar numa zona que pode criar problemas físicos de acesso ou, em contraste, falta de privacidade, caso esta se localize centralmente na cidade. O projeto arquitetónico em si é outra questão que deve ser planeada com cuidado, uma vez que diferentes soluções arquitetónicas podem influenciar de formas muito diversas a vida na VO, e também o uso desta no período pós jogos. A distância entre cada um dos edifícios habitacionais e as instalações e serviços centrais, assim como o número de pisos dos edifícios, podem contribuir para uma maior ou menor privacidade dos atletas, e influenciar o tempo de viagem entre estes. Para estas duas questões não são apresentados requisitos específicos no documento do COI, sendo uma tarefa deixada à responsabilidade do comité organizador da cidade, que deve planear a melhor VO de acordo com os recursos existentes e com as especificações da própria cidade, tendo ainda em conta o uso que esta pretende fazer da zona no período pós jogos.

Segundo as diretrizes da vila olímpica definidas pelo COI⁸¹, uma VO precisa de ser constituída por duas partes: a zona residencial e a zona internacional. A primeira onde são hospedados os atletas e representantes, cujo acesso é restrito, e a segunda onde se situam serviços, lojas e instalações culturais, permitindo o acesso a outros elementos como por exemplo jornalistas. É importante lembrar que, mesmo que não esteja especificado nas regras e orientações do COI, existe já, desde os anos setenta, uma terceira área reservada para ginásios e campos de treino.⁸²

⁸⁰ IOC (1994). *IOC Olympic Village Guidelines*, em Moragas et. al (1997). *Olympic Villages: hundred years of urban planning and shared experiences*, p. 227

⁸¹ Idem, ibidem. p. 227

⁸² Bortolotti, M. & Pratelli, A. (2011). *Abitare olimpia: l'architettura dei Villaggi per le Olimpiadi*, p. 56

No segundo capítulo é fornecida uma indicação geral do tipo de estrutura que pode ser adotada para atender aos requisitos de uma vida olímpica: uma nova área residencial, a utilização de locais de alojamento já existentes, ou a utilização de instalações provisórias.⁸³ No quinto capítulo é definida a zona residencial em si, sendo o grande desafio nos jogos olímpicos de verão, o de hospedar aproximadamente 15 000 pessoas. Neste são definidos os requisitos necessários para os alojamentos que devem ser respeitados, mesmo que a utilização do espaço após os jogos não seja a nível residencial. É dada a informação de que deve ser fornecida uma área de 12m² por pessoa, o que equivale a um mínimo de 180,000m² para os jogos olímpicos de verão.

Para além do alojamento, o COI refere também a necessidade de serviços como uma policlínica, restaurantes e cantinas, áreas de treino para cada uma das modalidades desportivas (pista de atletismo, piscinas, salas de musculação e outros campos de treino), vestiários e casas de banho (para o *staff*), oficinas, lojas e áreas de armazenamento. Na zona internacional considera-se necessário a existência de um centro comercial, um centro de lazer e um centro de logística.⁸⁴

Todas estas funções e serviços justificam a descrição que muitas vezes é feita de uma vila olímpica como uma pequena cidade. A VO cria um grande número de alojamentos e serviços concentrados numa área específica, e a sua utilização futura deve ser planeada de forma a tirar o máximo benefício a longo prazo para a cidade anfitriã e a sua população. A ambiciosa área exigida para a sua implantação pode desencadear tanto efeitos positivos como negativos, e desta forma, o local escolhido para esta deve ser coerente com os planos de desenvolvimento urbano da cidade anfitriã, sendo importante perpetuar a ideia tão implantada pelo COI de que os jogos olímpicos devem gerar legados positivos para a cidade e país que os recebem.

Um bom projeto arquitetónico e urbano tornou-se uma das exigências mais importantes que o COI solicita às cidades sede, que vai muito além dos requisitos técnicos. Nos últimos anos, o COI tem superado a tradicional abordagem cautelosa em relação ao projeto para a vila olímpica, sugerindo o recurso a concursos de arquitetura de forma a ser possível inovar na construção desta, sem descuidar os traços arquitetónicos relacionadas à cultura local.

⁸³ IOC (1994). *IOC Olympic Village Guidelines*. Lausanne: IOC, em Moragas et. al (1997). *Olympic Villages: hundred years of urban planning and shared experiences*, p. 228

⁸⁴ IOC (1994). *IOC Olympic Village Guidelines*. Lausanne: IOC, em Moragas et. al (1997). *Olympic Villages: hundred years of urban planning and shared experiences*, p. 236



Fig. 1. e 2. Vila olímpica de Paris 1924



Fig. 3. Vila olímpica de Los Angeles 1932

3-Origem e evolução das vilas olímpicas

Nos jogos olímpicos da antiguidade, os atletas competiam e viviam juntos na antiga olímpia, mas durante os primeiros jogos da era moderna, estes não viviam num único espaço como uma vila comum, mas em diferentes acomodações hoteleiras dentro da cidade anfitriã. Apesar da noção de uma “olímpia moderna” de Pierre de Coubertin, onde menciona a necessidade de alojamento temporário perto das instalações desportivas para acomodar os atletas, a ideia de uma vila olímpica não foi considerada até à década de 1920. Antes deste período, os jogos realizados respondem ao problema de acomodação através de instalações provisórias, que incluíam até mesmo os navios que serviam de transporte aos atletas. Muñoz define estes primeiros alojamentos dos jogos como “menu residencial de emergência”.⁸⁵

Na sua 21ª sessão em Roma, em 1923, o COI estipulou que o comité organizador deveria providenciar alojamento para os participantes dos jogos no futuro.⁸⁶ Assim surgiu a ideia de uma “vila olímpica”, que foi testada pela primeira vez nos jogos olímpicos de Paris em 1924, onde apenas alguns dos atletas foram alojados, sendo outros hospedados perto dos locais de competição que eram realizados fora da capital francesa. Perto das instalações desportivas, foram distribuídas, de forma a formar um pequeno aglomerado, algumas barracas de madeira com telhados de duas águas. No núcleo da vila, materializada na sua entrada com um simples sinal oval, os residentes tinham à sua disposição vários serviços como um posto de correios, uma agência de câmbio, uma sala para guardar as bagagens, um serviço de telefone e telégrafo, uma lavandaria, um quiosque de revistas e um cabeleireiro.⁸⁷

Los Angeles 1932

Apesar de Paris ter visto a primeira experiência de uma discreta vila olímpica, a primeira vila olímpica propriamente dita foi construída para os jogos de 1932 em Los Angeles. Numa conferência do COI em Berlim em 1930, Zack Fermer, o secretário geral do comité olímpico de Los Angeles, apresentou, como solução para o problema do alojamento dos atletas, a “vila do universo” ou a “vila dos sonhos”.⁸⁸ O problema financeiro foi sem dúvida um dos fatores que convenceu os países participantes dos JO de Los Angeles a usarem uma vila comum para acomodar as delegações.

Pela primeira vez na história dos jogos todos os atletas masculinos foram alojados no mesmo lugar, enquanto as atletas femininas permaneceram no *Chapman Park Hotel*. A localização escolhida para a vila olímpica foi Bardwin Hills, nos subúrbios da cidade, ocupando uma área aproximada de 100 hectares. O projeto arquitetónico caracteriza-se

⁸⁵ Muñoz, F. (1997). “Historic evolution and urban planning typology of Olympic Villages”, em Moragas et. al (1997). *Olympic Villages: hundred years of urban planning and shared experiences*, p. 29.

⁸⁶ Wimmer, M. (1976). *Olympic buildings*, p. 47.

⁸⁷ IOC. (2016). *Olympic Summer Games Villages from Paris 1924 to Rio 2016*, p. 7.

⁸⁸ Bizziouras, S. (2000). *Enriching the Legacy of Athens 2004 Olympic Village: The role of information Technology Infrastructure*, p. 18.



Fig. 4. Vila olímpica de Berlim 1936

por ruas arborizadas que se cruzam formando quatro setores, pelos quais são distribuídos 500 *bungalows*, suficientes para hospedar 2000 pessoas. Ao longo da vila foram distribuídos balneários e 31 refeitórios. A vila contou ainda com um hospital, um dentista, um posto de bombeiros, serviço de segurança, um posto de correios, uma rede telefônica e um anfiteatro ao ar livre com 2000 lugares.⁸⁹

A retórica do *Relatório Oficial Olímpico de 1932*⁹⁰ inclui uma versão romantizada do evento que contou com a edificação de uma vila olímpica: “Uma cidade em miniatura, repleta de modernas comodidades e instalações, tinha surgido magicamente no topo das colinas, sob a visão do grande Estádio Olímpico - no top do moderno Monte Olimpo, abaixo da moderna Planície de Elis.”⁹¹ O que começou como uma resposta às questões financeiras tornou-se uma parte muito maior da narrativa de 1932, com a cidade de Los Angeles aproveitando todas as vantagens a seu favor de forma a vender a hospitalidade do sul da Califórnia.

Berlim 1936

A segunda vila olímpica moderna foi construída para os jogos olímpicos de Berlim em 1936. Embora em Berlim existisse capacidade hoteleira para acomodar os atletas, o COJO decidiu usar o campo militar de Döberitz, perto das instalações olímpicas. Os arquitetos responsáveis pela realização do projeto desta que seria a primeira vila permanente a ser construída, foram Werner e Walter March, assim como Georg Steinmetz e Heinrich Wiepkin-Jürgensmann.⁹²

A localização escolhida para a vila encontrava-se a 14km do estádio olímpico, e apenas foi utilizada pelos atletas do sexo masculino, sendo as atletas femininas acomodadas em residências de estudantes mais perto do estádio. Os planos para a vila incluíam 140 edifícios de habitação, de forma a hospedar 3500 pessoas, mas devido ao aumento do número de participantes para 4600, foram emprestados aos organizadores algumas unidades adicionais de edifícios militares.⁹³

Para além das habitações, a vila incluía instalações desportivas, edifícios administrativos e técnicos, 40 refeitórios, uma sauna, um posto dos correios, um banco, um centro de saúde, um restaurante, uma lavandaria e várias lojas.

As vilas olímpicas de Los Angeles e de Berlim representam o que Muñoz chama de “vilas inaugurais”⁹⁴, estabelecendo o modelo básico de vila olímpica que seria reproduzido no futuro. A característica básica destas duas primeiras vilas, foi a conceção de um espaço multifuncional, que, para além de acomodar atletas, incluía várias instalações para estes,

⁸⁹ IOC. (2016). *Olympic Summer Games Villages from Paris 1924 to Rio 2016*, p. 9

⁹⁰ Los Angeles Olympic Organizing Committee. (1933). *The Games of the Xth Olympiad Los Angeles 1932: oficial report*.

⁹¹ Idem, ibidem, p. 235. “A miniature city, replete with modern conveniences and facilities, had arisen magically atop the hills, within eyesight of the great Olympic Stadium - atop the modern Mount Olympus, below which lay the modern Plains of Elis” [Tradução da autora].

⁹² IOC. (2016). op. cit., p. 12

⁹³ Idem, ibidem.

⁹⁴ Muñoz, F. (1997). Historic evolution and urban planning typology of Olympic Villages, em Moragas et. al (1997). *Olympic Villages: hundred years of urban planning and shared experiences*, p. 6



Fig. 5. Vila olímpica de Helsínquia 1952



Fig. 6. Vila olímpica de Melbourne 1956

como campos de treino, locais de entretenimento, áreas de lazer e áreas de descanso: “As lições aprendidas aqui influenciariam todas as vilas posteriores.”⁹⁵

Helsínquia 1952

Depois de uma interrupção de 12 anos nos jogos olímpicos, com o cancelamento de dois eventos seguidos devido à segunda guerra mundial, a primeira vila olímpica pós guerra foi construída em Helsínquia em 1952. A principal diferença desta VO em relação às duas anteriores é que esta acomodou apenas os concorrentes de atletismo, enquanto os concorrentes de outras modalidades foram acomodados em diferentes instalações, e as concorrentes femininas alojadas na escola de enfermagem da cidade, a 1km do estádio olímpico.

A vila olímpica de Helsínquia foi projetada desde o início como um bairro residencial permanente após os jogos, sendo M. P. Salomaa o arquiteto chefe do projeto. A localização escolhida foi a zona de Käpylä, a 25km de distância do estádio olímpico. Pensada de forma a acomodar 4800 pessoas, consistiu num total de 545 apartamentos, distribuídos em 13 edifícios de quatro andares. A vila compreendia ainda várias lojas e saunas, um posto de correios, banco, lavanderia, cabeleireiro e sapateiro, e foram contruídas diversas instalações temporárias para balneários extra e um restaurante. Instalações desportivas, um hospital e um cinema estavam disponíveis perto da vila.⁹⁶

Melbourne 1956

Para os jogos olímpicos de 1956, Melbourne adotou um modelo semelhante a Helsínquia. Embora o COJO inicialmente quisesse aproveitar as instalações universitárias da cidade, a construção de uma vila olímpica revelou-se a solução mais adequada. O arquiteto da comissão de habitação do estado de Victoria estabeleceu o plano geral da vila, enquanto os arquitetos do comité organizador ficaram responsáveis pelos edifícios temporários.⁹⁷ A vila foi construída no subúrbio de Heidelberg, acomodando pela primeira vez homens e mulheres no mesmo espaço. Foram construídos diferentes tipos de alojamentos, desde casas individuais a edifícios com dois ou três pisos, totalizando 365 edifícios, onde se incluem os 841 alojamentos necessários para 6500 pessoas. Pela primeira vez apareceu a “zona internacional” onde foram localizados vários serviços como um centro médico e um restaurante internacional.

A necessidade de alojamento de um grande número de atletas criou pela primeira vez uma grande quantidade de habitações permanentes. Este novo conceito de estruturas permanentes foi o que marcou o legado das vilas olímpicas da década de 1950, tornando-

⁹⁵ Bizouras, S. (2000). *Enriching the Legacy of Athens 2004 Olympic Village: The role of information Technology Infrastructure*, p. 20. “The lessons learned here would influence every later village.” [Tradução da autora].

⁹⁶ IOC. (2016). *Olympic Summer Games Villages from Paris 1924 to Rio 2016*. The Olympic Studies Centre, p. 15

⁹⁷ Idem, *ibidem*, p. 18

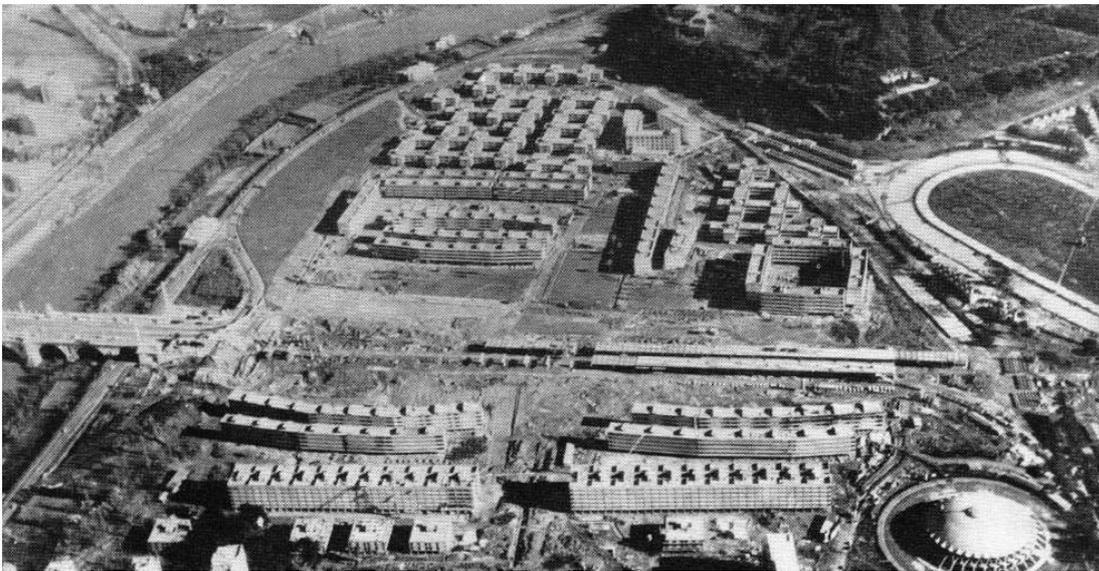


Fig. 7. e 8. Vila olímpica de Roma 1960



Fig. 9. Vila olímpica de Tóquio 1964

se uma característica das vilas posteriores. Desde 1960, a vila olímpica tem assumido um caráter residencial urbano mais complexo, devido em grande parte à sua estrutura mais permanente.

Roma 1960

Em Roma foram introduzidos novos elementos na morfologia e funções do modelo básico das vilas olímpicas construídas em Los Angeles e Berlim, criando uma rutura em termos de urbanismo olímpico. Aqui, a vila olímpica tem já um grande impacto na cidade no momento do planeamento dos jogos, constituindo muito mais do que apenas uma solução para o alojamento temporário dos atletas, sendo já desenhada como uma área permanente de alojamento, um recurso que se tornou comum nos jogos posteriores.

Foram os primeiros jogos onde a intervenção olímpica passou a fazer parte de um programa de desenvolvimento urbano, onde se incluía a vila olímpica, concebida como uma área residencial permanente. O evento foi assim aproveitado para regenerar o *Campo Parioli*, um bairro degradado a norte da cidade, a apenas 5km do estádio olímpico. “O primeiro bairro residencial moderno”,⁹⁸ como Martin Wimmer se refere à vila olímpica de Roma, destinou-se a ajudar a resolver a escassez de habitação que se fazia sentir na cidade, com o objetivo de ser transformada numa área residencial para as famílias após os jogos.

Os arquitetos responsáveis pelo projeto da VO, Vittorio Cafiero, Adalberto Libera, Amadeo Nuccichenti, Vincenzo Monaco e Luigi Moretti, resolveram o projeto para esta nova zona residencial de 350,000m² com 33 edifícios entre dois e cinco pisos, compreendendo um total de 1348 apartamentos.⁹⁹ A vila contou ainda com uma enfermaria, lojas, um clube e um cinema ao ar livre.

Tóquio 1964

A vila olímpica de Tóquio foi construída a partir da reutilização de um local que servia de abrigo ao exército americano e às suas famílias, sendo feitas as modificações necessárias e construídas novas instalações.¹⁰⁰ De forma a hospedar 8868 pessoas, foram utilizadas 543 casas de madeira com um ou dois pisos, e 14 edifícios de betão armado, dispostos numa área de 66 hectares. A vila incluía duas salas de jantar, um clube, balneários, um posto de correios, banco, centro comercial, teatro, clinica, e várias instalações desportivas como duas piscinas aquecidas e uma pista de atletismo.¹⁰¹

⁹⁸ Wimmer, M. (1976). *Olympic Buildings*, p. 202. “the first modern residential quarter” [Tradução da autora].

⁹⁹ IOC. (2016). *Olympic Summer Games Villages from Paris 1924 to Rio 2016*, p. 22

¹⁰⁰ Idem, ibidem, p. 25

¹⁰¹ IOC. (2016). *op. cit.*, p. 22

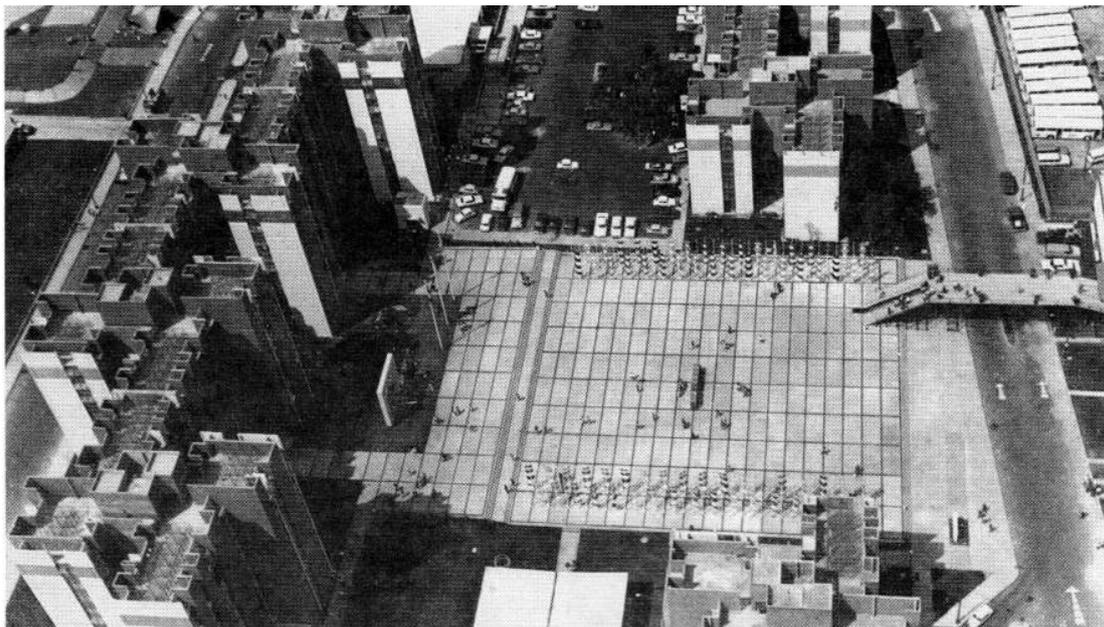
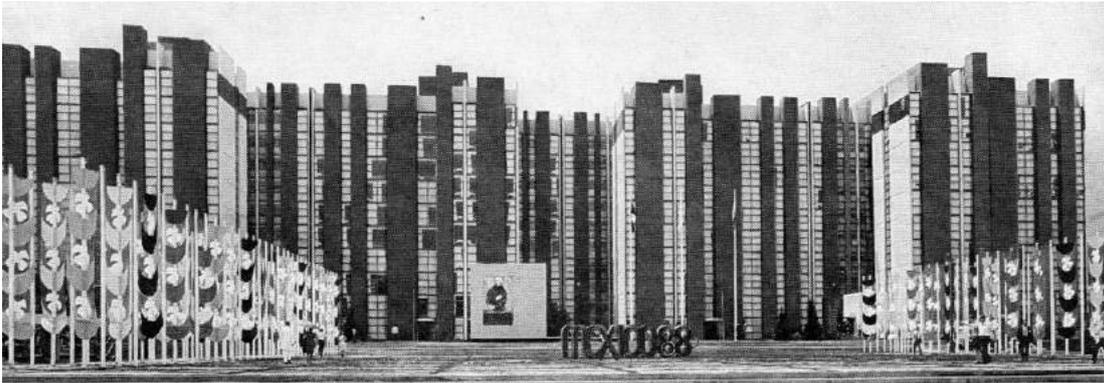


Fig. 10. e 11. Vila olímpica de Cidade do México 1968



Fig. 12. Vila olímpica de Munique 1972

Cidade do México 1968

A vila *Miguel Hidalgo*, construída na Cidade do México em 1968, localizava-se a sul da cidade, a cerca de 4km do estádio olímpico. Foram construídos 29 edifícios, grandes blocos de habitação em massa, como era comum das políticas de habitação social da época, entre os 6 e 10 andares, projetados por Héctor Velázquez Moreno. Três dos edifícios foram ocupados por atletas femininas e dois deles pelos jornalistas. Com um total de 904 apartamentos, durante o evento a vila acomodou cerca de 10000 pessoas.¹⁰²

As restantes instalações da vila foram construídas com base nas diretrizes e requisitos do COI, sendo incluídas assim duas clínicas, um centro de imprensa, uma capela para diversas religiões, seis restaurantes, instalações desportivas, um teatro ao ar livre, e um “clube internacional” que incluiu um auditório de 800 lugares.¹⁰³

Munique 1972

Para os jogos olímpicos de 1972 em Munique, o parque olímpico situou-se a apenas 4km do centro da cidade, a norte desta, construído na zona de *Oberwiesefeld*, num local anteriormente ocupado por um aeródromo. Dentro deste complexo foi construída a vila olímpica, formada por um conjunto de edifícios de diferentes tipos, projetados com vista à transformação da vila após os jogos: 1940 apartamentos entre 1 e 4 quartos, dispostos em edifícios de até 20 andares de altura, direcionados para o alojamento dos atletas masculinos, e 2780 estúdios dispostos em fileiras duplas, para as atletas femininas, podendo no total acomodar até 12000 pessoas. Várias duplas de arquitetos fizeram parte do projeto: Heinle, Wischer & Associates; Ludwig, Wiegand, Zuleger; Eckert & Wirsing; Heinle, Wischer & Associates; Christ & Karg; Miller & Luz.

A vila foi dividida em duas zonas: uma zona residencial, onde os atletas foram alojados, e uma zona internacional, onde foram concentrados os serviços de logística e lazer da vila (um centro médico, farmácia, lavandaria, um centro de lazer, lojas, restaurantes, cafés, um banco, correios, cabeleireiro, oficina de costura e sapateiro). Este sistema de zonas utilizado pela primeira vez em Munique, foi subseqüentemente adotado pelo COI e incluído nas orientações para as futuras vilas olímpicas, como vimos anteriormente.

Montreal 1976

A vila olímpica de Montreal para os jogos de 1976 foi construída no parque olímpico, localizada a 800 metros a nordeste do estádio olímpico. A proposta inicial de construir uma vila temporária constituída por edifícios de 2 andares foi rejeitada, e em vez disso foram construídos 4 grandes edifícios “semi piramidais” de 19 andares, projetados por Roger d’Astous e Luc Durand. Contendo 980 apartamentos, as pirâmides foram usadas como uma

¹⁰² IOC. (2016). *Olympic Summer Games Villages from Paris 1924 to Rio 2016*, p. 28

¹⁰³ Idem, *ibidem*, p.28



Fig. 13. Vila olímpica de Montreal 1976



Fig. 14. Vila olímpica de Moscovo 1980



Fig. 15. Vila olímpica de Los Angeles 1984

barreira arquitetônica entre um grande parque aberto para os atletas de um lado, e o parque olímpico do outro, sendo uma das pirâmides reservada para alojar atletas femininas. Com vista a assegurar condições de silêncio, a maior parte dos alojamentos localizava-se nos pisos superiores dos edifícios, enquanto os serviços e a zona administrativa se apoderavam dos pisos inferiores.¹⁰⁴

Moscovo 1980

O local escolhido para a vila olímpica de Moscovo em 1980 foi definido em colaboração entre o COJO e os arquitetos da cidade, com vista à criação de um bairro totalmente novo, fazendo assim parte do plano de desenvolvimento urbano da cidade. Originalmente uma zona de terra de resíduos, o local escolhido situava-se a 10km do estádio olímpico, a sudoeste da cidade, abrangendo uma área de 107 hectares.

A zona residencial incluía 18 prédios de 16 andares, com apartamentos entre 2 e 3 quartos, acomodando no total aproximadamente 14000 pessoas entre o segundo e décimo quinto andares de cada edifício, enquanto os outros andares eram reservados para escritórios e serviços. Dois edifícios foram reservados para atletas femininas. A vila incluía um grande complexo desportivo com instalações para treino, uma policlínica, um centro cultural e um centro religioso, e contou ainda com a transformação de uma área de recreação, com lagoas e cascatas, árvores, pontes e acesso a pequenos barcos no rio de Moscovo.¹⁰⁵

Los Angeles 1984

A experiência de Los Angeles nos jogos olímpicos de 1984 demonstrou como pode ser conveniente a utilização de residências universitárias para manter os custos baixos na criação de uma vila olímpica. O COJO decidiu usar dois campus universitários para as principais vilas olímpicas, criando um contraste total com os casos anteriores, e indo contra a ideia de utilizar o evento dos jogos olímpicos como um catalisador de desenvolvimento urbano.

Foi utilizada a Universidade do Sul da Califórnia (USC), muito próxima do centro da cidade, onde foram hospedadas 7000 pessoas, e a Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), um pouco mais isolada, onde foram hospedadas 3700 pessoas.

Foram também usadas estruturas temporárias para alguns serviços. A vila contava com uma policlínica, um supermercado, um centro religioso, um cabeleireiro, um café, um banco, um posto de correios, um *call center*, um cinema e uma piscina, discoteca, áreas de descanso, e instalações desportivas universitárias.¹⁰⁶

¹⁰⁴ IOC. (2016). *Olympic Summer Games Villages from Paris 1924 to Rio 2016*, p. 34

¹⁰⁵ Idem, *ibidem*, p.37

¹⁰⁶ Idem, *ibidem*, p. 40



Fig. 16. Vila olímpica de Seul 1988



Fig. 17. Vila olímpica de Barcelona 1992



Fig. 18. Vila olímpica de Atlanta 1996

Seul 1988

A vila olímpica de Seul em 1988 foi construída dentro do complexo olímpico, na área de *Chasmil* no sudoeste da cidade. O local escolhido servia o objetivo principal do COJO de utilizar as construções necessárias para os jogos de forma a ir de encontro aos planos de renovação urbana da cidade, tendo a construção desta contribuído para a revitalização da área.

Projetada por Whang Il-in e Woo Kyusung, a vila consistia em 3692 apartamentos distribuídos por 86 edifícios, acomodando aproximadamente 15000 pessoas. Aqui mais uma vez houve uma clara distinção entre uma zona residencial mais resguardada, e uma zona internacional, onde se encontravam as instalações culturais e de entretenimento, lojas e serviços.

Barcelona 1992

Em Barcelona, os jogos olímpicos de 1992 foram claramente um grande catalisador para o programa de renovação urbana que foi colocado em prática neste período. Uma nova área residencial foi criada perto do centro da cidade, dos locais de competição e da costa marítima¹⁰⁷, na zona de Poblenou.

Os arquitetos responsáveis pelo projeto geral da vila foram Josep Martorell, Oriol Bohigas, David Mackay e Josep Puigdomènech, sendo que várias zonas foram trabalhadas por outros arquitetos, de forma a criar uma vila com diferentes linguagens. No total, 19 escritórios internacionais de arquitetura colaboraram, projetando 533 diferentes protótipos de construção e 90 usos diferentes.

A vila consistiu em vários complexos habitacionais com um máximo de 6 andares, totalizando 1993 apartamentos, suficientes para hospedar aproximadamente 14000 pessoas. Disponha ainda de vários espaços de lazer, comerciais, centros desportivos e religiosos, entre outros. Foram espalhados 21 centros de moradores, de forma a facilitar a interação dos atletas.

Atlanta 1996

A vila olímpica de Atlanta em 1996 foi predominantemente construída no campus do *Georgia Institute of Technology*. Uma das razões principais para a escolha deste local foi devido à proximidade com o local de competição, a menos de 3km. Para além disso, o campus dispunha de várias infraestruturas que combinavam com as necessidades do evento, como alojamento, restauração, entretenimento, instalações técnicas e um centro de formação. O local tinha ainda espaço suficiente para construir novos edifícios necessários, e a universidade planeava fazer uso dessas novas instalações.

¹⁰⁷ A vila olímpica de Barcelona em 1992 foi a primeira na história dos jogos a estar à beira mar, onde os atletas puderam desfrutar das praias sem ameaça à sua segurança.



Fig. 19. Vila olímpica de Sydney 2000



Fig. 20. Vila olímpica de Atenas 2004



Fig. 21. Vila olímpica de Pequim 2008

Os novos apartamentos foram construídos em consonância com a arquitetura existente, e, em conjunto com os dormitórios renovados, a vila era grande o suficiente para hospedar 15000 pessoas.

Sydney 2000

Em Sydney, a vila olímpica foi construída a 20km a oeste do centro da cidade, na zona de Nweington, localizando-se perto do parque olímpico.

Constituída por 350 apartamentos e 350 unidades modulares em 520 casas, tinha a capacidade para hospedar 15300 pessoas. Foi projetada por Mirvac Lend Lease Village Consortium (MLLVC) de forma a incorporar energia solar, reciclagem de águas, aquecimento e arrefecimento passivo, concebida assim como um modelo de construção sustentável.

Atenas 2004

Uma nova área residencial com vista à criação de habitação social para mais de 10000 pessoas tinha sido pensada e construída pela Associação Grega de Habitação Social (OEK) no município de Acharnes, a 23km a norte de Atenas. Esta área residencial foi emprestada ao COJO para o alojamento dos atletas e dos seus representantes dos jogos, sendo após estes devolvida ao OEK.

19 tipos de construção foram desenvolvidos de forma a criar variedade entre as centenas de edifícios: ao todo, foram construídos 366 blocos contendo 2292 apartamentos, acomodando cerca de 17000 pessoas.

Pequim 2008

A vila olímpica de Pequim foi localizada na *Olympic Green*, no distrito de Chaoyang. Projetada por Beijing Tianhong Yuanfang Architectural Design Co., Ltd, o projeto da vila procurou combinar arquitetura com cultura. Foram usadas, para além das características arquitetónicas tradicionais chinesas, a tecnologia e construção sustentável, como iluminação LED, tijolos permeáveis para coletar águas da chuva, filtragem de águas residuais usando vegetação e 6000m² de painéis solares.¹⁰⁸

42 edifícios foram construídos com estas características, oferecendo 3276 apartamentos, o suficiente para hospedar 16000 pessoas. Os atletas foram alojados na parte sul da vila, ficando a parte norte reservada para desporto, cultura e entretenimento.

Londres 2012

Em Londres, os preparativos para os jogos olímpicos de 2012 levaram ao maior projeto de regeneração na Europa, com a construção do parque olímpico numa das zonas mais carentes da cidade: Stratford, no bairro de Newham.

¹⁰⁸ IOC. (2016). *Olympic Summer Games Villages from Paris 1924 to Rio 2016*, p. 58



Fig. 22. e 23. Vila olímpica de Londres 2012



Fig. 24. Vila olímpica de Rio de Janeiro 2016

A vila olímpica, com capacidade para 17000 pessoas, foi construída ao lado do parque olímpico, com 11 blocos habitacionais de 63 edifícios organizados em torno de pátios internos, lembrando a tradição arquitetónica de Londres. O projeto da vila resultou numa variedade de estilos e abordagens, pelo facto de ter vários arquitetos envolvidos, escolhidos pela *Olympic Delivery Authority e Lend Lease*, em parceria com a *Architecture Foundation*.

Rio de Janeiro 2016

A última vila olímpica construída até ao momento, foi construída para os jogos olímpicos de 2016, em Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. Consiste em 31 edifícios divididos em sete setores, totalizando 3604 apartamentos, de forma a hospedar 18000 pessoas.

A zona residencial está separada, através de uma grande estrada, da zona internacional, ou praça da vila olímpica, onde se reúnem os serviços e entretenimento disponíveis para os atletas. Também aqui estão disponíveis equipamentos desportivos para o treino dos atletas.

3.1. Classificação de Martin Wimmer

Em *Olympic Buildings*¹⁰⁹, Martin Wimmer propõe uma classificação pertinente das vilas olímpicas do século XX, de acordo com três fases que correspondem a diferentes tipos. Começa por referenciar os *bungalows* ou edifícios isolados (moradias unifamiliares), que são organizados de acordo com o padrão de residências suburbanas ou colónias construídas na primeira metade do século XX na Europa e na América: é o caso de Los Angeles em 1932 e Berlim em 1936, exemplos que constituem também, na classificação de Martin Wimmer, o primeiro tipo de vila olímpica. A segunda fase começa com a incorporação de blocos de moradias plurifamiliares na vila Kápylá em Helsínquia em 1952, modelo que se repetiu em Roma em 1960 e em Tóquio em 1964. A terceira fase corresponde ao uso de complexos de edifícios de vários pisos como nos casos de México em 1968, Munique em 1972, Montreal em 1976 e Moscovo em 1980.

Podemos ainda acrescentar o caso das vilas das duas últimas décadas do século XX, e das vilas do início do século XXI. Primeiramente, a tipologia de edifícios multifuncionais em vez de blocos de habitação, introduzida pela natureza efémera das operações em Los Angeles em 1984 e Atlanta em 1996. Depois, uma fase caracterizada por uma variedade de tipologias de construção (unidades plurifamiliares e unifamiliares de diferentes alturas), como no caso de Seul em 1988, Barcelona em 1992, Sydney em 2000 e Atenas em 2004. Numa última fase regressamos ao uso de edifícios de vários pisos com os casos de Pequim em 2008, Londres em 2012 e Rio de Janeiro em 2016.

¹⁰⁹ Wimmer, M. (1976). *Olympic Buildings*, p.47-51

3.2. As vilas olímpicas depois dos jogos

Depois do fim dos jogos, a vila olímpica deixa um legado, composto por três partes: a vila em si, o desenvolvimento que trouxe à cidade sede, e a contribuição do conhecimento para a evolução das vilas posteriores.

As primeiras vilas olímpicas construídas (Los Angeles 1932 e Berlim 1936) tinham um caráter efêmero, pois eram desmanteladas depois dos jogos, não deixando um legado físico. No entanto, contribuíram para o desenvolvimento inicial das vilas olímpicas, estabelecendo o modelo conceitual inicial sobre o qual foram construídas as vilas posteriores, ao acrescentar experiência significativa como atender e planejar as necessidades dos atletas durante os jogos.

Este conceito é quebrado em Helsínquia 1952 e mais tarde em Melbourne 1956 pois estas tornaram-se áreas residenciais permanentes, acabando por ganhar força em Roma 1960 quando a vila olímpica começa a desempenhar um papel fundamental na cidade. As vilas dos jogos seguintes Tóquio 1964, Cidade do México 1968, Munique 1972 e Montreal 1976, marcam uma fase de múltiplas mudanças, num período em que as instalações olímpicas começaram a ser incluídas em projetos de desenvolvimento urbano e arquitetura. No geral, à exceção da vila de Tóquio, que foi demolida, estas vilas ainda funcionam até hoje, fornecendo modelos positivos para o desenvolvimento contínuo das vilas olímpicas.

As vilas de Moscovo 1980, Seul 1988 e Barcelona 1992, apoiaram a revitalização de áreas problemáticas das cidades, melhorando a estrutura da cidade sede, tendo sido utilizadas como habitação permanente após o evento. Dos casos únicos de Los Angeles 1984 e Atlanta 1996, resultou o conceito de usar e remodelar instalações existentes, de onde resultaram novas instalações universitárias.

O legado das últimas vilas do século XXI está já fortemente ligado ao desenvolvimento que a cidade sede procura. Os jogos olímpicos tornaram-se um megaevento que oferece à cidade sede a possibilidade de regeneração urbana. Desde Seul 1988 e Barcelona 1992, as cidades têm vindo a planejar as suas vilas olímpicas como parte do seu tecido urbano.

Do legado desenvolvido através das experiências das vilas olímpicas até à data, é possível retirar sugestões sobre como planejar eficientemente uma vila olímpica. Apesar de não ser possível criar um modelo de vila olímpica que funcione para todas as cidades, vão sendo fornecidos modelos sobre como as diferentes cidades têm respondido aos requisitos do COI e sobre como é possível responder a estes requisitos atendendo com sucesso às necessidades durante e após os jogos.

Como podemos ver, os jogos olímpicos tornaram-se definitivamente uma ferramenta chave que permite transformar as cidades onde se realizam. Mesmo que em alguns casos esta não seja a razão principal para uma cidade decidir candidatar-se aos jogos, todas as cidades deveriam ver os jogos como uma oportunidade para a sua transformação urbana, aproveitando as condições excecionais de financiamento.

Capítulo III

BARCELONA 1992

1. Evolução urbana de Barcelona
 - 1.1. A experiência barcelonesa com megaeventos
2. O impacto do evento na cidade
 - 2.1. O anel olímpico de Montjuïc
 - 2.2. A área da Diagonal
 - 2.3. A área de Vall d'Hebron
 - 2.4. A vila olímpica de Poblenou
3. A vila olímpica de Barcelona
 - Conceito
 - Diferentes zonas
 - Zona residencial
 - Período pós jogos

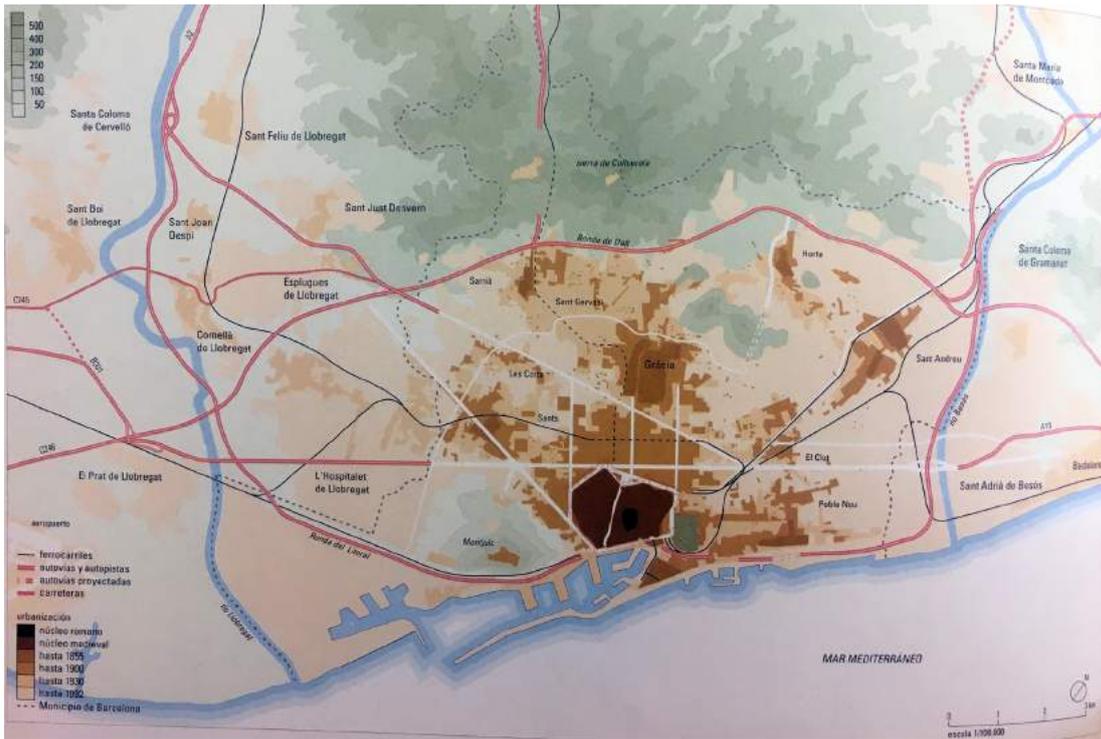


Fig. 25. Evolução urbana de Barcelona

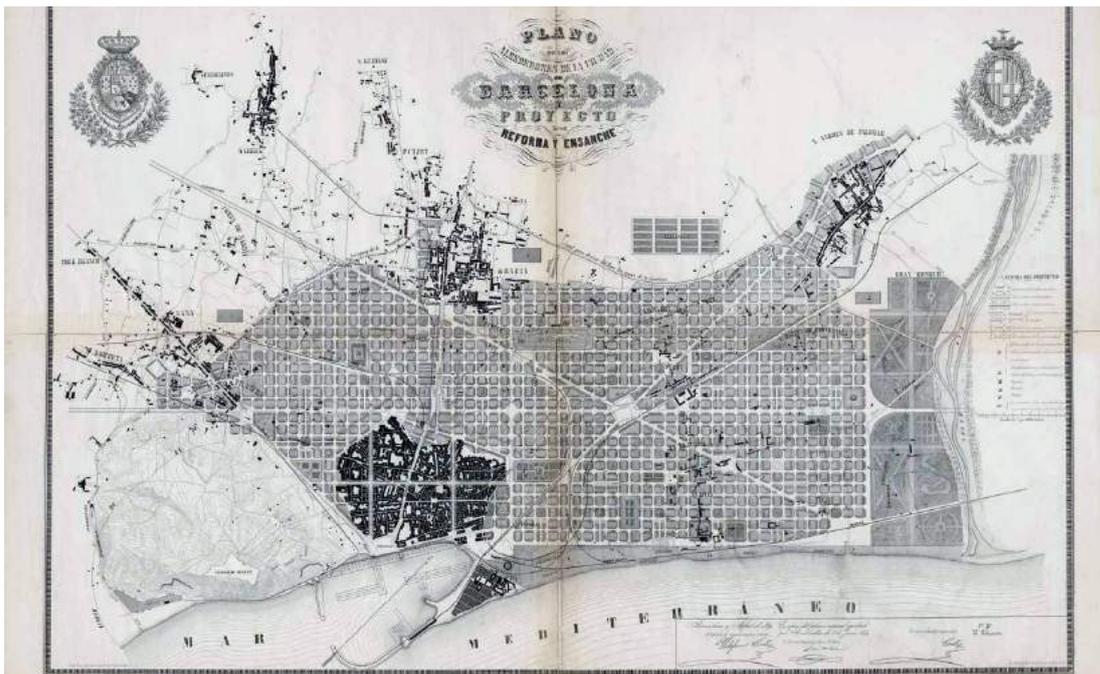


Fig. 26. Plano Ensanche de Cerdà

1. Evolução urbana de Barcelona

Desde o primeiro momento que se visita Barcelona que se percebe estar a observar uma cidade com uma conturbada história milenar. Na sua paisagem metropolitana mantém-se uma memória consciente das várias fases de desenvolvimento, sendo bastante evidente o processo de evolução urbano e arquitetónico que permitiu o crescimento da cidade.

Barcelona, a segunda maior cidade de Espanha, localizada na costa do Mediterrâneo e delimitada pela serra de Collserola, entre a foz do rio Besòs e do rio Llobregat, concentrou-se dentro dos limites da antiga cidade muralhada até meados do século XIX. A demolição da muralha foi autorizada em 1854, quando a cidade atingiu uma grande densidade populacional que concedeu a esta uma característica morfológica especial, com ruas muito estreitas de apenas 4 metros, sufocadas por fachadas altas com prédios de 6 andares.

Após a demolição da muralha foi lançado um concurso para a urbanização dos terrenos ao redor da cidade, para projetar o plano da nova cidade e remodelar o núcleo original. Entre as propostas apresentadas foi aplicada a de Ildefonso Cerdà¹¹⁰, que constituiu a base para o crescimento urbanístico da cidade.

O plano *Ensanche* de Cerdà foi aprovado inicialmente em 1859 com o objetivo de permitir a expansão da cidade para além dos limites da antiga muralha. No entanto, o plano não foi desenhado como uma evolução do antigo núcleo urbano, não se identificando este “como um elemento gerador do plano, mas como uma peça que encaixa na parte nova da cidade”¹¹¹. Assim, não podemos afirmar que o *Ensanche* seria apenas uma simples expansão da cidade, mas um trabalho de desenho urbano em todos os aspetos, que permitia, em comparação com o centro histórico, uma alternativa mais ordenada de ruas e quarteirões, sendo um plano que teoricamente poderia ser infinitamente extensível. A cidade velha foi conectada ao *Ensanche* e ao mar através da pavimentação e do ampliamto da *Rambla*, que se transformou num grande eixo ao longo do qual se começou a requalificar o centro histórico.

Criando uma concepção nova de cidade potencialmente policêntrica, superou a própria ideologia burguesa que via nos traçados, apenas, o instrumento eficaz para o simples crescimento quantitativo da residência. Adoptando esse mesmo traçado, superou o simplismo viário, tornando a quadrícula, quase octogonal, diferente de todas as outras e amarrando-as aos aglomerados preexistentes, através das diagonais.¹¹²

Contrastando com o plano de Haussmann para a reforma urbana de Paris, que realçava elementos arquitetónicos com a abertura de grandes avenidas (*boulevards*), e definia uma

¹¹⁰ (1815-1876). Considerado um dos fundadores do urbanismo moderno. Com formação em engenharia, em 1867 publicou a *Teoria Geral da Urbanização*, o primeiro tratado de urbanismo moderno.

¹¹¹ Rodrigues, T. (2011). *Fragmento cidade: A aldeia olimpica como equipamento urbano*, p. 105

¹¹² Portas, N. (2005). *Os tempos das formas vol. 1: A cidade feita e refeita*, p. 75

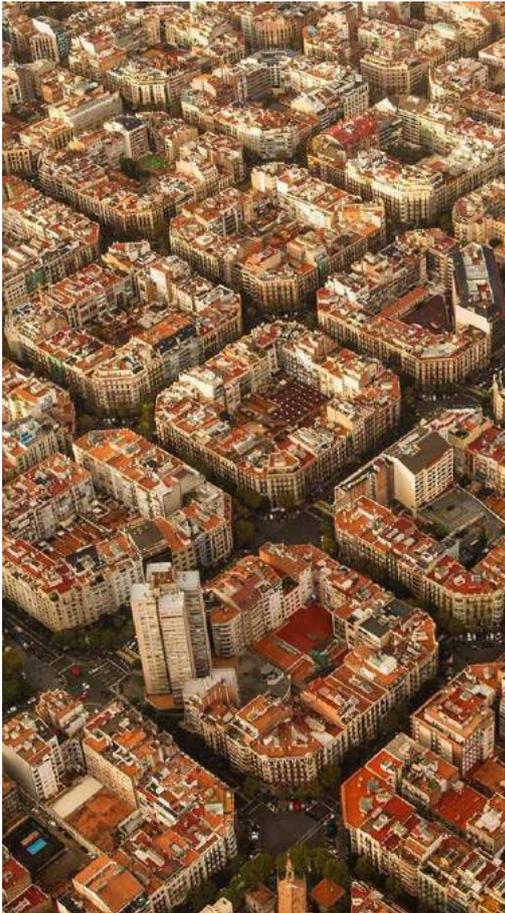


Fig. 28. Padrão urbano das *mansanas* do plano de Cerdà



Fig. 27. La Rambla

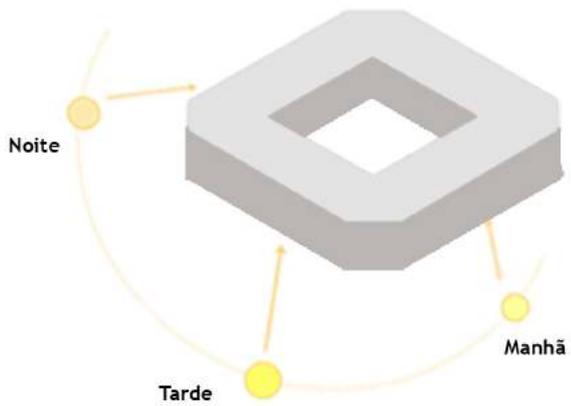


Fig. 29. Esquema *mansanas* luz solar

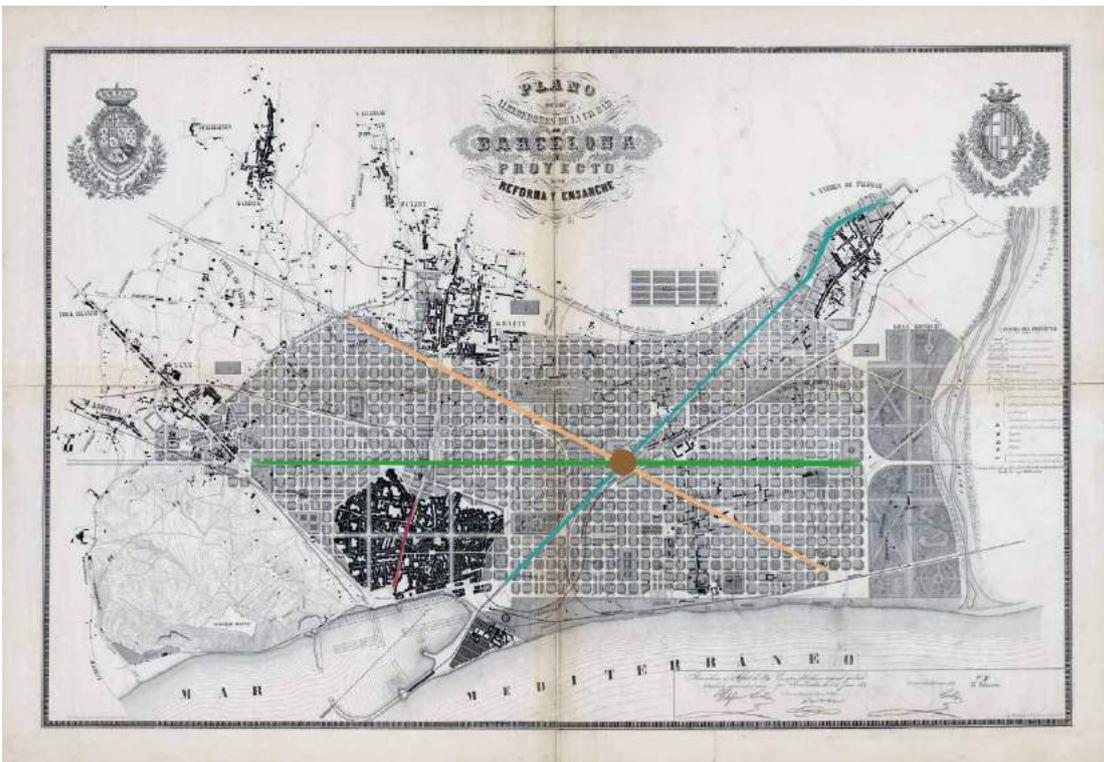


Fig. 30. Indicação das Ramblas e das 3 avenidas principais propostas por Cerdà: a avenida Diagonal, a avenida Meridiana e a avenida Gran via de les Corts Catalanes

hierarquia da própria cidade com a destruição de áreas mais antigas, Cerdà procurava uma cidade homogénea, em que houvesse pelo menos duas alternativas de circulação. Apesar de durante o século XX ter surgido, em algumas zonas, a necessidade de substituir este plano segundo novas tendências arquitetónicas, a sua singularidade é ainda evidente.

A expansão foi então feita de uma forma canónica, com base no estudo do urbanismo clássico: *la mansana*¹¹³, forma com base no traçado poligonal dos blocos romanos revistos e corrigidos, combinando em cada *mansana* blocos de habitação de altura homogénea, com um grande pátio no seu interior, servindo este de ponto de encontro para os habitantes de cada bloco.

O conjunto de *mansanas* individuais compreende um reticulado ortogonal, sendo parcelas de 113x113 metros que em vez de quadriláteros, têm as extremidades a 45°, de forma a garantir que cada lado externo da *mansana* receba durante o dia a quantidade certa de luz solar. São projetadas de forma a criar estradas com um mínimo de 20 metros, enquanto o corte diagonal nas arestas dos quarteirões permite transformar o simples cruzamento de ruas num novo espaço. Um dos exemplos mais reconhecíveis de habitação coletiva inserida neste contexto é a Casa Milà de Antoni Gaudí.

O facto de as ruas serem construídas exatamente perpendiculares à costa foi pensado de forma a facilitar o escoamento das águas de esgoto e resíduo das colinas para o mar, passando estas sob as ruas. A cidade ganha ainda uma nova geometria e um novo centro traçado pelo cruzamento de três avenidas principais que quebram a rígida sucessão quadriculada de *mansanas*: a avenida Diagonal, a avenida Meridiana e a avenida Gran Via de les Corts Catalanes, que se intersectam na Plaça de les Glòries catalane.

1.1 A experiência Barcelonesa com megaeventos

Se olharmos atualmente para um plano de Barcelona, vemos duas áreas verdes, dois grandes parques perto da água, que ladeiam a cidade velha: são em grande parte o resultado de um esforço feito por toda a cidade para se atualizar; o legado das duas exposições universais.¹¹⁴

Barcelona tem um grande historial de transformações e desenvolvimento urbano vinculados com megaeventos. As intervenções que foi necessário fazer para a realização destes, proporcionaram à cidade diversos equipamentos como, por exemplo, os dois principais parques que a cidade possui atualmente, *La Ciutadella* e a montanha de *Montjuïc*, que foram urbanizados para as duas exposições universais que a capital catalã albergou, a primeira em 1888 e a segunda em 1929.

¹¹³ O termo “mansana” foi popularizado por Cerdà para definir um bloco urbano de casas ou um grupo de blocos de apartamentos que consistem em polígonos fechados (geralmente quadriláteros), rodeados por quatro ruas.

¹¹⁴ Solà-Morales, M. (2008). *Diez lecciones sobre Barcelona / Ten lessons on Barcelona*, p. 413. “Si miramos actualmente un plano de Barcelona, vemos dos áreas verdes, dos grandes parques cerca del agua, que flanquean la ciudad antigua: son en buena parte el resultado de un esfuerzo que hizo toda la ciudad para ponerse al día; el legado de las dos exposiciones universales.” [Tradução da autora].

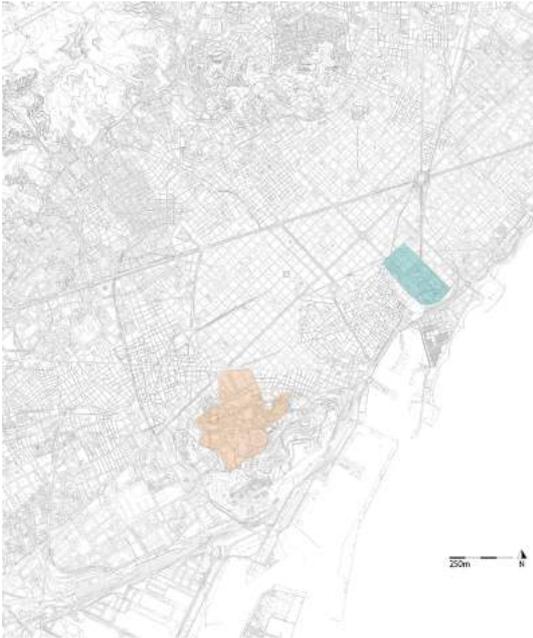


Fig. 31. Localização exposições universais
 Exibição universal de 1888 Exibição universal de 1929



Fig. 32. Exposição de 1888



Fig. 33. Exposição de 1929

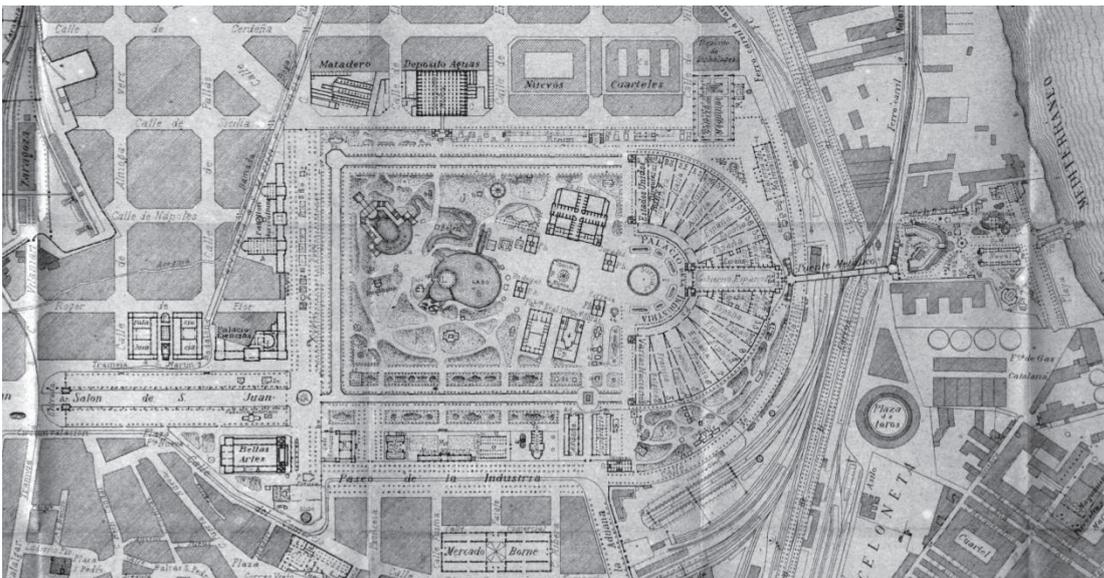


Fig. 34. Projeto exposição de 1888 - La Ciutadella



Fig. 35. Palácio Nacional



Fig. 36. Entrada Fira Barcelona



Fig. 37. Projeto exposição 1929

As duas exposições foram usadas como um pretexto para melhorar Barcelona, “concebidas e promovidas com a clara intenção de contribuir para o embelezamento da cidade e como um mecanismo para remediar a sua escassez de bens.”¹¹⁵

Com a exposição universal de 1888, Barcelona utilizaria pela primeira vez um evento como elemento de transformação da cidade, sendo fruto desta o conjunto formado pelo Parque da Cidadela, pelo Passeio de Luís Company e o Arco do Triunfo, para além de todos os edifícios existentes no parque e nas laterais do Passeio.¹¹⁶ Esta primeira exposição, realizada numa altura em que a cidade crescia com a revolução industrial, desenvolveu-se num parque fechado, murado, concedendo à cidade um parque cheio de edifícios modernistas (La Ciutadella).

Já a exposição universal de 1929 foi localizada em Montjuïc, um parque aberto sem limites na colina, um dos locais de mais destaque da malha urbana barcelonesa. O projeto divide-se em três áreas: exposição universal, exposição internacional e os jardins, estando presentes diversos tipos de estilos arquitetónicos desde o neoclássico e o barroco ao modernista.¹¹⁷ Os edifícios que fizeram parte da exposição e que tiveram um maior impacto, foram mantidos e os pavilhões foram demolidos, à exceção do famoso pavilhão alemão (também conhecido como pavilhão Barcelona), de Mies Van der Rohe, que foi posteriormente reconstruído dentro do parque de Montjuïc.¹¹⁸

As duas exposições foram situadas em áreas estratégicas, ocupadas anteriormente por instalações militares. A sua localização, ao mesmo tempo que definia novos limites de crescimento e de construção futura, contribuiu para que fosse necessário repensar a estrutura geral da cidade existente.¹¹⁹

Estes dois exemplos demonstram claramente como Barcelona aproveitou a realização de megaeventos para melhorar a cidade, servindo-se das circunstâncias excecionais de financiamento para criar ou melhorar certas infraestruturas necessárias para o crescimento da cidade. A realização das Expo's transformou Barcelona numa cidade equipada com todos os serviços que se consideram essenciais numa cidade metropolitana, desde hotéis, hospitais, infraestruturas viárias e ferroviárias, metro, entre outros, revelando-se como um bom investimento dos recursos disponíveis.

Em 1987, Barcelona foi selecionada para hospedar os jogos olímpicos de 1992, o que permitiu à cidade impulsionar novamente o seu desenvolvimento através de um megaevento. A experiência em hospedagem e organização de megaeventos, adquirida com as duas exposições universais e mais alguns grandes eventos de menor escala, serviu de base para planear uma grande transformação urbana da cidade.

¹¹⁵ Solà-Morales, M. (2008). *Diez lecciones sobre Barcelona / Ten lessons on Barcelona*, p. 416. “They were conceived and promoted with the clear intention of contributing to the embellishment the city and as a mechanism for remedying its shortage of assets.” [Tradução da autora].

¹¹⁶ Fernandes, S. (2006). *Os Jogos Olímpicos como Instrumento de Planeamento Urbano*.

¹¹⁷ Sobetchi, V. (2015). *Megaeventos Desportivos: Como elemento de metamorphose urbana 1960-2012*, p.85

¹¹⁸ Fernandes, S. (2006). *Os Jogos Olímpicos como Instrumento de Planeamento Urbano*, p. 148.

¹¹⁹ Solà-Morales, M. (2008). *Diez lecciones sobre Barcelona / Ten lessons on Barcelona*, p. 420.



Fig. 38. Foto aérea Barcelona

A oportunidade para hospedar os jogos olímpicos surgiu num momento político propício à implementação das diversas sinergias urbanas que permitiriam atacar grandes áreas problemáticas da cidade. O apoio de um presidente catalão do COI (Juan Antonio Samaranch), o apoio popular, e até mesmo a existência de uma área disponível para atuação direta localizada em frente ao mar, faziam do momento atual uma oportunidade propícia para a candidatura.

Os jogos olímpicos de 1992 em Barcelona foram para a capital catalã um evento significativo que envolveu inúmeros intervenientes e cujos resultados constituíram um importante contributo às políticas de transformação urbana em vigor nas grandes cidades europeias do final do século XX¹²⁰

A intervenção olímpica surgiu como uma oportunidade para desenvolver projetos e intervenções que já haviam sido planeados anos antes, solucionando problemas urbanos mais amplos. A sua realização em 1992 parece surgir apenas como um prazo para a realização de transformações urbanas há muito tempo delineadas, pois como afirma Millet, nos projetos para os jogos olímpicos “não se inventa nada que não tenha sido pensado ou planificado em propostas urbanísticas anteriores”.¹²¹ Assim, o projeto para os jogos olímpicos de 1992 apresenta um esquema muito diferente daquele realizado para as exposições universais, sendo muito mais global a nível urbano, pois há uma grande dispersão entre as várias infraestruturas utilizadas, ao contrário das Expo's onde estas se encontravam todas concentradas numa zona da cidade.

A partir dos jogos de 1992, toda a região da Catalunha, e até mesmo a própria Espanha, foram transformados. Barcelona relançou-se como uma cidade moderna e global, tanto a nível arquitetónico como económico e turístico, tornando-se um dos principais destinos turísticos europeus. Barcelona conseguiu uma regeneração tão completa, que muitos dos projetos impulsionados pelas intervenções olímpicas acabaram por continuar por muitos anos, sendo muitas vezes utilizados para outros programas e eventos, deixando um grande legado como consequência para a cidade. Podemos assim concluir que a profunda transformação urbana realizada em Barcelona durante os últimos 25 anos está, em grande em parte, relacionada com os jogos que a cidade hospedou em 1992.

Acho que a Barcelona de hoje é a Barcelona dos Jogos. E continuará a sê-lo por muitos anos, até novas ambições virem fazer avançar a cidade, permitindo novas mudanças.¹²²

¹²⁰ Bruschi, A., Giovannelli, A. & Monaco, A. (2011). *Città e Olimpiadi: Roma 1960 - Barcelona 1992 - Beijing 2008 - London 2012*, p. 53. “I giochi olimpici del 1992 a Barcellona sono stati per la capitale catalana un evento significativo che ha coinvolto numerosi attori e i cui risultati hanno costituito un importante contributo alle politiche di trasformazione urbana in atto nelle grandi città europee della fine del XX secolo.” [Tradução da autora].

¹²¹ Lluís Millet (1987), citado por Bortolotti, M. & Prateli, A. (2011). *Abitare olimpia: l'architettura dei villaggi per le olimpiadi*, p. 210 “non si inventa nulla che non sia stato pensato o pianificato in proposte urbanistiche anteriori” [Tradução da autora].

¹²² Millet, L. (1995). *The Games of the city*. 13. “I think that the Barcelona of today is the Barcelona of the Games. And it will continue to be so for many years, until new ambitions come along to drive the city forward, allowing for new changes” [Tradução da autora].

2. O impacto do evento na cidade

Antes de ser anunciada como sede dos jogos olímpicos de 1992, Barcelona tinha já submetido a sua candidatura 4 vezes. Na sua candidatura para 1924, foi vencida por Paris; para os jogos de 1936, o medo que se fez sentir da guerra civil em Espanha, levou à realização dos jogos em Berlim; em 1940 os jogos foram cancelados devido à segunda guerra mundial; e para os jogos de 1972, com uma candidatura conjunta com Madrid, foi vencida por Munique.

A candidatura aos jogos olímpicos de 1992 surge no início dos anos 80, durante a fase de reelaboração crítica das linhas guia do Plano Geral Metropolitano¹²³, sendo unanimemente apoiada pela câmara municipal. A motivação para hospedar os jogos surge principalmente da urgência financeira que advém com a crise enfrentada pela cidade neste período¹²⁴, tendo, portanto, como principais motivos, tanto o crescimento económico a curto prazo, como a longo prazo. Esta revelou-se uma forma de obter os financiamentos necessários, quer públicos, quer privados, para os investimentos requeridos devido ao crescimento da população, os altos níveis de desemprego e problemas específicos de certos bairros citadinos.

Como os presidentes Narcís Serra e Pasqual Maragall repetidamente declararam nos anos iniciais do processo de candidatura, Barcelona precisava de um projeto global que reunisse uma grande variedade de energias dos cidadãos de uma forma similar, como tinha acontecido antes em 1888 e 1929 para as exposições universais.¹²⁵

No ano seguinte ao anúncio da candidatura em 1981, começa-se a trabalhar no “programa preliminar” e no dossier de candidatura, saindo a capital catalã triunfante em 1986. O comité de candidatura dissolveu-se após a concessão dos jogos para dar lugar ao COOB’92 (Comité Organizador Olímpico Barcelona’92), nome que se antepôs ao inicialmente proposto: COJO’92 (Comité Organizador Jogos Olímpicos’92), para um raciocínio linguístico compreensível.¹²⁶

O Comité incluiu a organização dos jogos num plano de dez anos para a cidade de Barcelona, identificando diversas intervenções de forma a melhorar toda a região metropolitana da cidade. Considerou que o esforço político e económico necessário para empreender o plano de organização dos jogos seria essencial para auxiliar tanto a melhoria da urbanização da cidade, como a qualidade de vida da população, sendo estes benéficos para a promoção do turismo e visibilidade da cidade, para a melhoria de infraestruturas e incentivo à prática desportiva, entre outros.

¹²³ O plano geral metropolitano foi aprovado em 1976 pela parte da Comissão de Urbanística nomeada pelo presidente da altura Narcis Serra em 1980.

¹²⁴ Chen, Y., Qu, L. & Spaans, M. (2013). *Framing the long-term impact of mega-event strategies on the development of olympic host cities*, p. 343-344.

¹²⁵ Millet, M. (1995). *The games of the city*, p. 4. “As the mayors Narcís Serra and Pasqual Maragall repeatedly stated in the initial years of the candidature process, Barcelona needed a global project that would bring together a great variety of citizens’ energies in a similar way, as had happened before in 1888 and 1929 for the universal expositions.” [Tradução da autora].

¹²⁶ Campos, J. (1990). “Barcelona, del proyecto a la realidade”, em *Camino del 92*, nº2.

(...) o grande desafio de Barcelona '92 não reside unicamente na organização dos Jogos Olímpicos. O evento desportivo (...) deve ser o culminar de um processo longo (iniciado em 1981, quando Narcís Serra - então presidente de Barcelona - comentou com outro barcelonês, Juan Antonio Samaranch - presidente do COI - o desejo da cidade de hospedar os Jogos Olímpicos) que irá alterar a aparência da cidade, expandir dramaticamente a sua oferta desportiva e de serviços e um plano viário que vai colocar a nossa cidade a uma altura que, em qualidade de vida, lhe corresponde.¹²⁷

O grande objetivo do programa olímpico era conseguir colocar em prática uma série de medidas já planeadas nos anos 60 e 70, com ênfase numa visão de longo prazo e planeamento estratégico para a cidade como um todo, em vez de intervenções pontuais específicas, gerando um plano de importância estratégica para o legado no período pós jogos. A maioria dos projetos realizados com os JO, especialmente os das grandes infraestruturas, estavam já pensados, planeados, delineados e aprovados à espera do momento ideal para a sua execução.

Vários antecedentes urbanos do plano estratégico da cidade constituem, assim, as bases do projeto olímpico para a localização dos equipamentos necessários. Dá-se início a uma grande renovação de várias infraestruturas e a reabilitação de algumas áreas urbanas degradadas através da criação de uma nova centralidade urbana. Sempre se tratou “não apenas de se organizar uns jogos, mas sim de aproveitar a imensa energia gerada em benefício da cidade, utilizando o evento como uma ferramenta para corrigir défices, requalificar e renovar o tecido urbano”.¹²⁸

Sendo essencialmente um projeto de renovação e modernização das infraestruturas urbanas, permitiu três importantes desenvolvimentos na cidade: a recuperação da faixa costeira, a criação de uma rede de circulação externa, e o melhoramento de zonas periféricas e suburbanas edificadas nos anos cinquenta e sessenta¹²⁹, aproveitando ainda a oportunidade para impulsionar projetos como a estação de tratamento de água, novos sistemas de esgotos, nova infraestrutura de eletricidade e cabo de fibra ótica. Os investimentos feitos nos jogos olímpicos originaram ainda um incentivo para a implementação de uma série de intervenções que teriam exigido, em condições normais, dezenas de anos para serem realizados, em vez dos seis anos efetivamente utilizados.

¹²⁷ Campos, J. (1990). Barcelona, del proyecto a la realidad, em *Camino del 92*, nº2, p. 4. “(...) el gran reto de Barcelona'92 no estriba unicamente en la organización de los Juegos Olímpicos. El evento desportivo (...) debe ser la culminación de un largo proceso (iniciado en 1981, cuando Narcís Serra - entonces alcalde de Barcelona - le comento a outro barcelonés, Juan Antonio Samaranch - presidente del CIO - el deseo de la ciudad de albergar unos Juegos Olímpicos) en el que se va a cambiar el aspecto de la ciudad, se ampliará espectacularmente su oferta deportiva y de servicios y se desarrollará un plan viário que pondrá a nuestra ciudad a la altura que, en calidad de vida, le corresponde.” [Tradução da autora].

¹²⁸ Millet, L. (2005). “Els jocs de la ciutat”, em Morangas, M. & Botella, M. *Barcelona: l'Herència dels Jocs (1992-2002)*, p. 302 “(...) no només d'organitzar uns Jocs, sinó d'emprar la immensa energia generada en benefici de la ciutat, utilitzant l'esdeveniment com a eina per a corregir déficits, requalificar i renovar el teixit urbà” [Tradução da autora].

¹²⁹ Bortolotti, M. & Prateli, A. (2011). *Abitare olimpica: l'architettura dei villaggi per le olimpiadi*, p. 210.

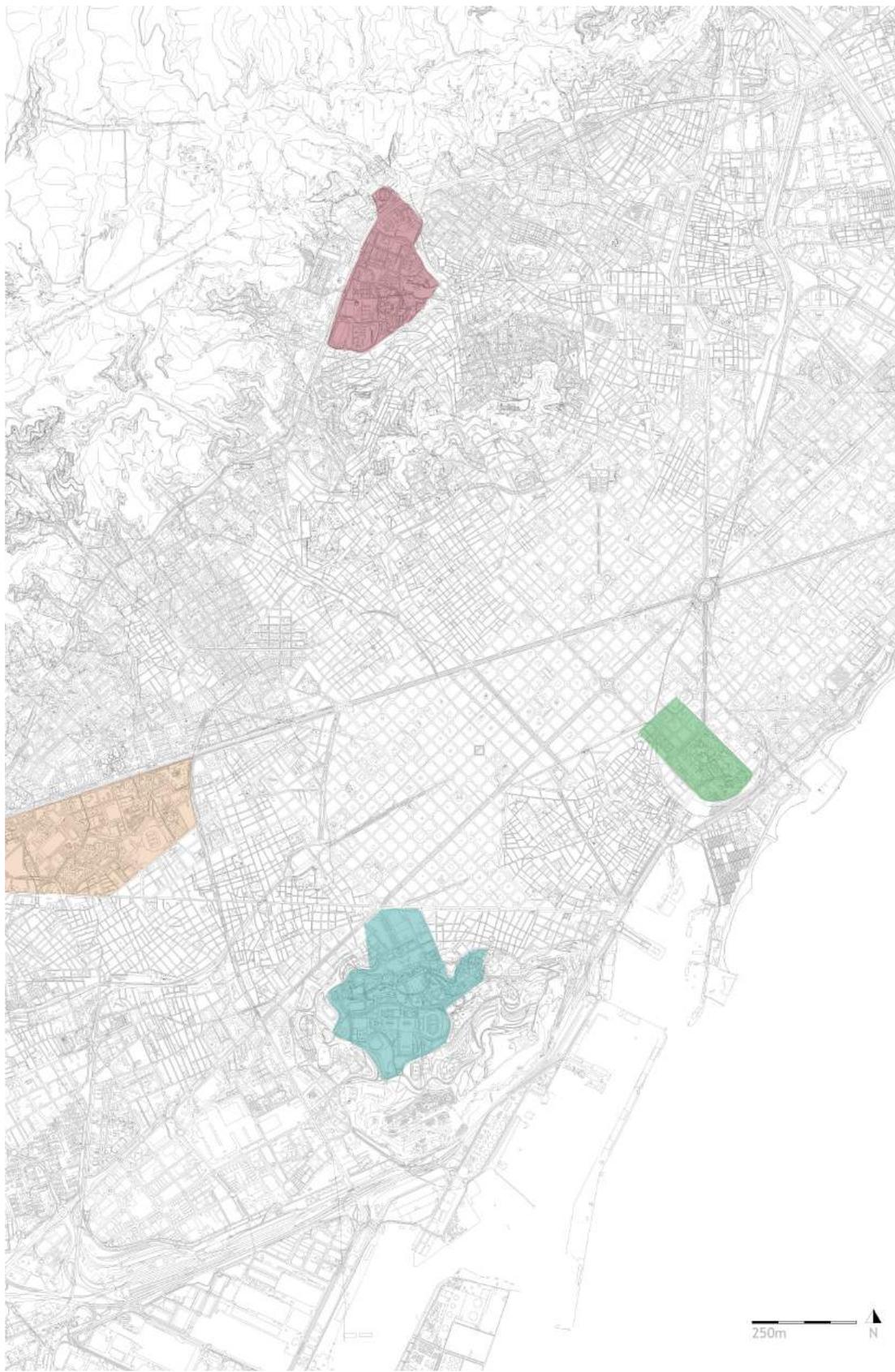


Fig. 39. Localização das 4 áreas olímpicas de Barcelona 1992

■ Anel olímpico de Montjuïc ■ Área da Diagonal ■ Área de Vall d'Hebron ■ Vila olímpica do Poblenou

Comparando com as cidades que haviam hospedado os jogos até então, o projeto olímpico de Barcelona representa uma nova abordagem de planeamento de regeneração urbana. Para além das intervenções referidas, é importante realçar a melhoria da qualidade dos espaços públicos, que desempenhou um papel significativo na criação de uma nova identidade e no aumento da integração sociocultural na cidade. O projeto foi, como já vimos, muito além de um conjunto de instalações desportivas, podendo ser distinguidos dois tipos de planos: por um lado temos os parques ou áreas olímpicas, com infraestruturas para as competições propriamente ditas e para locais de treino, por outro lado, os projetos que ligariam a cidade, como a rede viária, os espaços públicos e as grandes infraestruturas urbanas.

Quando falamos do projeto olímpico, estamos de facto a falar de um grande pacote de projetos com características muito diversas, cuja conclusão foi considerada necessária para tornar a cidade mais coerente no geral.¹³⁰

Estas novas prioridades olímpicas acabaram por resultar numa nova estrutura urbana, optando-se por intervir em áreas centrais em desuso que poderiam beneficiar com os investimentos feitos, de forma a evitar a fragmentação da cidade e a colonização de novas áreas periféricas. Para além disso, foi necessário a construção de apenas 15 novos edifícios, sendo que, dos 43 disponibilizados para os jogos, 18 eram já existiam e 10 foram renovados. Assim, foram usados para instalações desportivas menos de 20% dos investimentos, sendo a maioria destes direcionados para melhorias urbanas gerais.¹³¹

A estratégia urbana utilizada para os jogos olímpicos baseou-se num estudo prévio de doze áreas da cidade, realizado na década de 80, por uma equipa liderada por Joan Busquets, na qual trabalham Josep Maria Llop, Rosa Barba e Josep Maria Pascual como técnicos principais. Para esta análise, toda a cidade foi desenhada em detalhe, de modo a possibilitar a sua interpretação e entender quais as áreas mais favoráveis para a criação de uma nova centralidade urbana.

Após ter sido feito este estudo, a ideia central do projeto baseou-se na demarcação de quatro grandes áreas olímpicas, situadas estrategicamente ao redor da cidade, nos cantos do retângulo central desta, delimitando uma cruz orientada segundo os pontos cardinais: Montjuïc, Diagonal, Vall d’Hebron e Parc de Mar. Ao contrário do que poderia acontecer na década de 60, em que estas áreas poderiam ser consideradas periféricas ou suburbanas, na década de 90 estas já tinham adquirido uma posição privilegiada como eixo de conexão entre o centro da cidade e a periferia.¹³² Cada um destes espaços tem uma superfície

¹³⁰ Millet, L. (1995). *The Games of the city*, p. 6. “When we speak of the Olympic project, we are in fact speaking of a great bundle of projects with very diverse characteristics, whose completion was considered necessary to make the city more coherent overall.” [Tradução da autora].

¹³¹ Gold, J. & Gold, M. (eds.). (2011). *Olympic cities: city Agendas, Planning, and the World’s Games, 1896-2016*. p. 45

¹³² Millet, L. (1995). *The Games of the city*. p.7



Fig. 40. Projeto anel olímpico de Montjuïc

Estádio olímpico Palau Sant Jordi Instituto de educação física UB Piscina Bernat Picconell



Fig. 41. Espaço urbano Montjuïc | antena de telecomunicação



Fig. 42. Palau Sant Jordi



Fig. 43. Estádio olímpico



Fig. 44. Interior do Estádio olímpico

considerável, entre 140 e 210 hectares, providenciando ainda as principais instalações desportivas, culturais, parques, jardins e áreas de lazer.

Uma das peças chave do projeto olímpico foi, no entanto, a construção de um anel viário (Ronda de Dalt), de forma a permitir uma maior facilidade de deslocação entre as várias zonas olímpicas. A importância deste elemento na expansão de Barcelona foi indiscutível, desde o dia de abertura dos jogos em diante, visto que permitia resolver o problema de congestionamento na cidade.

2.1. O anel olímpico de Montjuïc

Arq. Federico Correa, Alfonso Milà, Carles Buxadé e Joan Margarit

A montanha de Montjuïc, onde se situava o anel olímpico, foi o coração dos jogos de Barcelona. Esta área, localizada 70 metros acima da cidade, foi desenvolvida com a exposição universal de Barcelona em 1929, não tendo no entanto sido criadas ligações suficientemente fortes com a cidade, exigindo aos jogos olímpicos importantes investimentos de forma a conectar a área com a cidade envolvente. Resolveu-se esta questão com um acesso direto ao anel viário, duas linhas de metro e seis rotas de autocarro, e com o jardim botânico e o miradouro del Ponble Sec que abriam o monte de Montjuïc para a cidade.

A intervenção sobre Montjuïc envolve completar a urbanização da montanha, que tinha sido iniciada no início do século XX, consolidando um grande parque central em Barcelona, tendo em conta a criação de espaço público. Foi pensada como a principal área de competições, destinada aos edifícios onde se desenvolvem os maiores eventos desportivos durante os jogos. Como a área já contava com um grande número de instalações desportivas construídas para a exposição de 1929, muitas destas instalações foram restauradas e adaptadas.

O estádio olímpico, desenhado pelo arquiteto espanhol Pere Domènech y Roura, inaugurado em 1929, foi remodelado no seu interior e a nível de acessos, tendo-se conservado a sua fachada. O projeto de remodelação teve a autoria do arquiteto italiano Vittorio Gregotti, que trabalhou com uma equipa de arquitetos catalães (Federico Correa, Alfonso Milá, Carles Buxadé e Joan Margarit). Foram ainda remodeladas as piscinas de Pirconell, construídas em 1969 para albergar os campeonatos da Europa de 1970.

Junto ao estádio, foi construído o *Palau Sant Jordi*, concebido pelo arquiteto japonês Arata Isozaki, com um aspeto futurista, constituindo uma grande obra de engenharia que permite albergar todo o tipo de espetáculos e competições desportivas. O Instituto de Educação Física foi outro edifício novo, concebido de raiz para os jogos.

A ligação entre os vários edifícios foi feita a partir de um espaço público central que envolve a arquitetura na paisagem envolvente. Neste espaço central encontrava-se ainda a

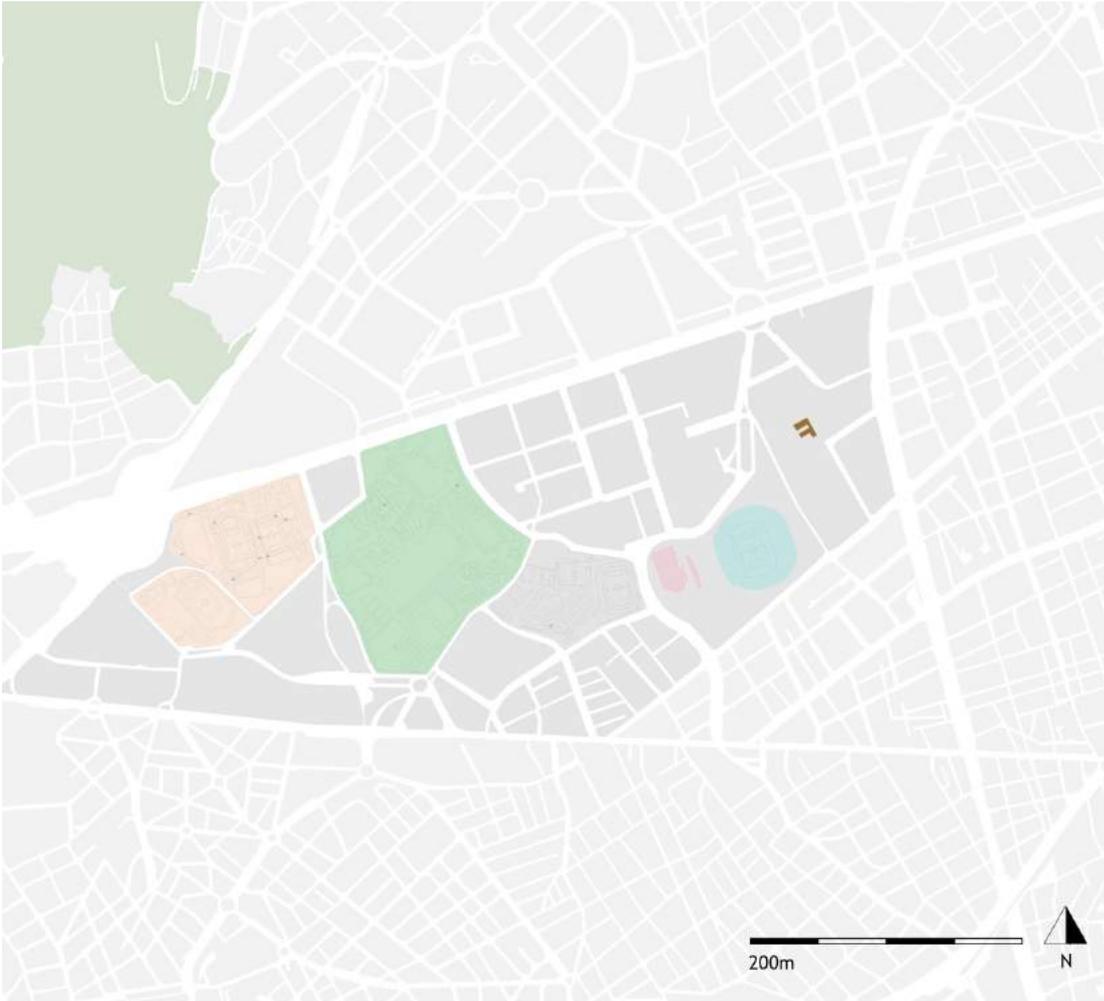


Fig. 45. Projeto área da Diagonal

Universidade de desporto Real club de polo Palau Blaugrana Estádio Camp Nou Sede COOB'92



Fig. 46. Estádio de Camp Nou



Fig. 47. Real clube de polo

torre de telecomunicações de Santiago Calatrava, cuja linguagem se afasta um pouco da dos restantes edifícios da área.

Distribuídos pelas diversas infraestruturas desportivas, realizaram-se no monte de Montjuïc as competições de atletismo, boxe, pentatlo moderno, ginástica, levantamento de peso, luta livre, ténis de mesa, natação, polo aquático, e as finais de basquetebol, andebol e voleibol.

2.2. A área da Diagonal

Arq. Oriol Clos e María Rubert

A segunda área olímpica, no extremo oeste da Diagonal, era uma das zonas de luxo de Barcelona onde se encontravam uma universidade, hotéis de classe alta (que serviram de alojamento aos membros do COI), para além de uma série de instalações desportivas tanto públicas como privadas. Sendo uma das principais avenidas da cidade, serve como uma porta de entrada desta ao mesmo tempo que corta a malha de Cerdà na transversal, tendo sido planeada pelo próprio.

Apesar dos vários equipamentos de que dispunha, sentia-se um pouco a falta de organização urbanística, sendo colocado no *master plan* o objetivo de conseguir restaurar um padrão para a zona, de forma a integrar várias áreas desarticuladas, através de estradas, parques e pontes. Assim, na área da Diagonal, as ações centraram-se principalmente no espaço público ainda pouco desenvolvido, visto que esta contava também com uma grande área pública livre para desenvolvimento.

Para além de ser a área com menos reestruturações relativamente a equipamentos desportivos, a Diagonal acabou por ser o espaço mais bem equipado, onde se encontra o estádio de Camp Nou, construído nos anos 50 e renovado para os jogos. Aqui tiveram lugar as competições de futebol, pentatlo moderno, voleibol e handebol. Estava também apto para eventuais congressos e reuniões, que poderiam ter lugar nas instalações universitárias.

2.3. A área de Vall d'Hebron

Arq. Eduard Bru

A terceira área olímpica, Vall d'Hebron, costumava ser um bairro remoto, caracterizado por um espaço vazio, com uma área residencial de classe média. Sendo um espaço com alguns desequilíbrios provocados pela escassez de planeamento urbano, foi o que mais beneficiou com a realização do projeto olímpico. Sentia-se a necessidade de um espaço público com equipamentos desportivos e de lazer, que ao mesmo tempo desenhasse um nivelamento do território, devido ao desnível topográfico de 80 metros que se fazia sentir entre os extremos do território.

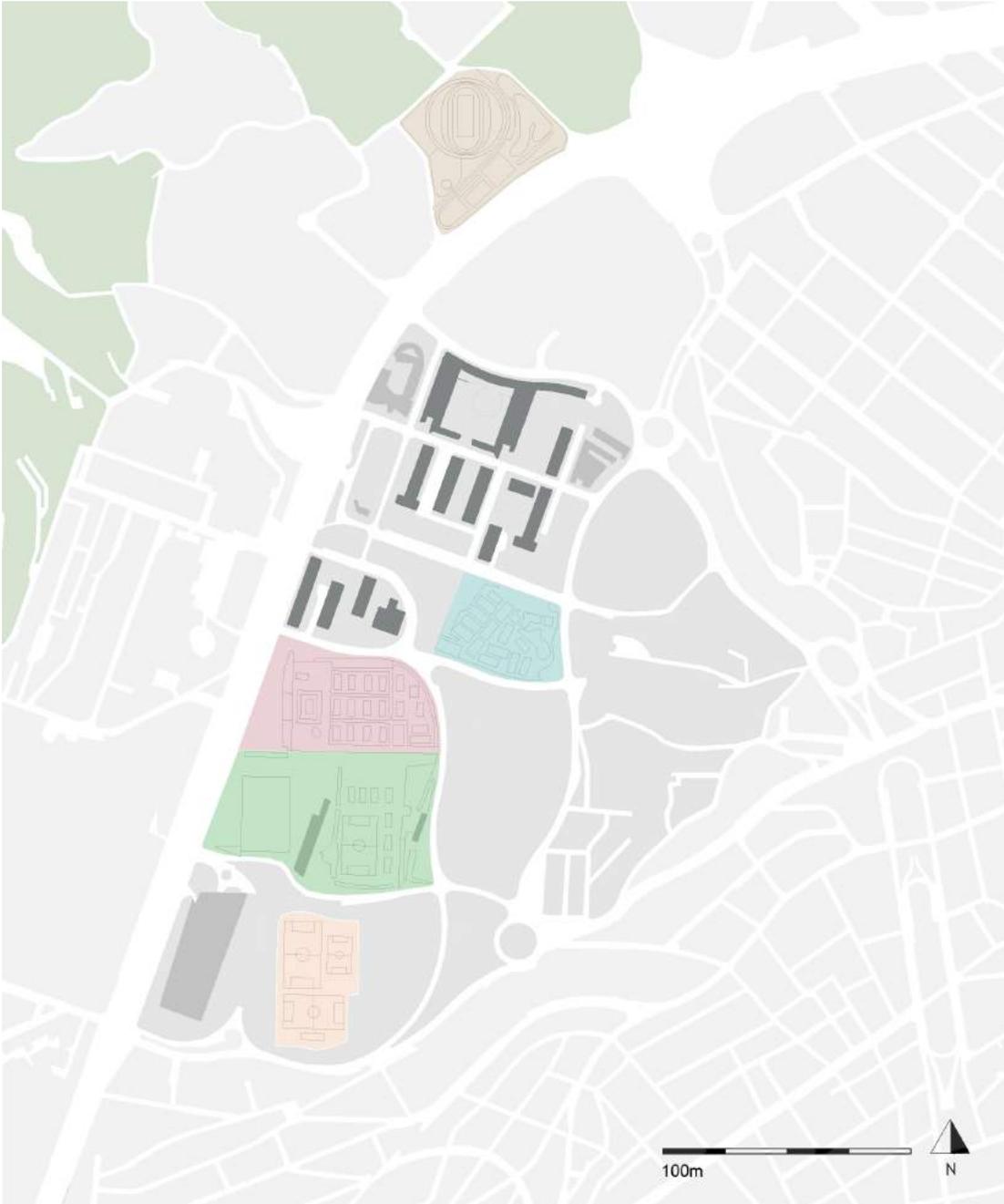


Fig. 48. Projeto área de Vall d'Hebron

Campo de tiro com arco
 Pavilhão Vall d'Hebron
 Campo de ténis Vall d'Hebron
 Clube desportivo hispano francès
 Velódromo



Fig. 49. Velódromo Vall d'Hebron



Fig. 50. Campos de ténis Vall d'Hebron

Os equipamentos construídos resultaram de um projeto prévio, que tentou aproveitar as características do terreno para a implementação destes, ganhando a paisagem uma nova expressão devido à fragmentação no território de cada infraestrutura.

A área ocupa 160 hectares, entre parques, infraestruturas desportivas e complexos residenciais para os árbitros, juizes e meios de comunicação. Aqui localiza-se o velódromo, de Bonell e Rius, construído pela cidade para sediar o mundial de ciclismo de 1984, sendo um dos primeiros equipamentos a ser construídos para os JO de Barcelona, e o pavilhão de tiro de Enric Miralles e Carme Pinós. As competições que tiveram aqui lugar foram o voleibol, ténis, o ciclismo, o arco e flecha e a pelota basca.

2.4. A vila olímpica do Poblenou

Arq. Josep Martorell Oriol Bohigas, David Mackay e Albert Puigdomènech

Finalmente, a área do Parque de Mar, Poblenou, na zona sudoeste da cidade, representa o desafio mais importante do projeto olímpico e a operação mais ambiciosa, pelo seu alcance territorial e impacto sobre a zona marítima de Barcelona. Esta seria a área escolhida para a vila olímpica, como parte dos esforços de Barcelona para revitalizar 40 quilómetros de beira-mar, com o objetivo de “abertura da cidade ao mar”.¹³³

A implementação da vila olímpica na zona degradada de Poblenou, foi uma decisão fundamental para iniciar a recuperação de um dos mais tradicionais bairros de Barcelona, onde se localizavam fábricas antigas, oficinas, e diversos edifícios abandonados. Pela primeira vez uma vila olímpica não constitui um bairro isolado do resto da cidade, mas um bairro profundamente integrado em continuidade com a restante malha urbana.

Foram feitos grandes investimentos nesta área, incluindo um porto desportivo, praias, uma estação de metro e novos sistemas de esgotos, para além dos vários complexos residenciais, hotéis e lojas, o que impulsionou a transformação da antiga área industrial num centro de vida urbana, que permaneceu na cidade como um legado olímpico.

O porto olímpico marca também um grande impacto na cidade, devido à sua ampla escala, servindo de cenário às competições aquáticas, sendo a primeira vez que um local de competição se encontra tão perto do local de residência dos atletas.

2.5. “Modelo Barcelona”

Ao organizar os jogos olímpicos, Barcelona visou levar a cabo uma grande transformação urbana de forma a melhorar a qualidade de vida dos seus cidadãos, e a criar uma maior atratividade da cidade como um todo, constituindo estes a oportunidade perfeita para desenvolver uma nova imagem da capital catalã que substituísse à de uma antiga cidade industrial.

¹³³ Gold, J. & Gold, M. (eds.). (2011). *Olympic cities: city Agendas, Planning, and the World's Games, 1896-2016*. p. 227



Fig. 51. Projeto área de Poblenu

Complexos residenciais / Vila olímpica Estação de metro Praias Biblioteca Xavier Benguerel Porto olímpico



Fig. 52. e 53. Fotos espaço público de Poblenu

O projeto olímpico não incluía apenas estruturas pensadas unicamente para os jogos, mas tinha em conta o seu uso posterior, evitando a construção de edifícios para modalidades com pouca adesão popular, realizando essas competições em edifícios multifuncionais. O resultado desta estratégia seria facilitar a integração dos edifícios olímpicos na cidade e a sua fácil adaptação ao uso do dia a dia, sendo que atualmente, todas as construções olímpicas são usadas regularmente.

Devido aos resultados positivos obtidos, os jogos de Barcelona em 1992 passaram a ser um modelo de inspiração para outros anfitriões olímpicos, estabelecendo padrões sobre como usar o evento para estimular o desenvolvimento urbano. Este ficou conhecido como o “modelo Barcelona”, que associa uma grande transformação urbana aos megaeventos.

Do ponto de vista de Montaner¹³⁴, há três características principais no “modelo Barcelona”:

Em primeiro lugar, o projeto numa escala intermédia, que garante a qualidade da arquitetura e espaço público e o melhoramento do convencional planeamento urbano de grande escala. Em segundo lugar, a ênfase colocada no espaço público como dispositivo de ligação urbana, como a abertura da cidade à beira mar, permitindo devolver o contacto com este que havia sido gradualmente perdido. Por último, o contrato entre a administração pública e o setor privado.¹³⁵

Quando falamos de “modelo Barcelona” podemos referir-nos a três aspetos: ao modelo de organização dos jogos, ao modelo do impacto económico dos jogos, especialmente em termos de investimentos feitos não diretamente relacionados com estes, ou ao modelo de transformação urbana, melhor atratividade e posicionamento estratégico.¹³⁶

O uso do termo “modelo” tornou-se generalizado e parece ter sido aceite.

Em termos analíticos, um modelo é um conjunto organizado de formas e procedimentos, despojado de acessórios. No entanto, no uso quotidiano, “modelo” inclui o conteúdo extra, neste caso os objetivos e resultados.¹³⁷

A aprendizagem com experiências passadas é um dever para todas as cidades que se pretendem candidatar a sede dos jogos olímpicos. A pesquisa bibliográfica e a análise do impacto dos jogos em diversas cidades sede anteriores são uma parte essencial antes de qualquer candidatura, uma vez que permitem perceber os desafios que poderão surgir e as diversas formas de os resolver, ou, em caso de modelos menos positivos, permite perceber aquilo que não deve ser feito. No entanto, é necessário estar atento às especificidades urbanas, ambientais, económicas, sociais e culturais de cada contexto, uma vez que não é possível aplicar o mesmo modelo em todas as situações.

¹³⁴ Montaner, J. (2011). *The Barcelona model reviewed: loading up to 1992 Olympic Games*.

¹³⁵ Montaner, J. (2011). *The Barcelona model reviewed: loading up to 1992 Olympic Games*. p.2-3

¹³⁶ Gold, J. & Gold, M. (2011). *Olympic cities; City agendas, planning and the world's games, 1896-2016*, p. 114.

¹³⁷ Gold, J. & Gold, M. (2011). *Olympic cities; City agendas, planning and the world's games, 1896-2016*, p. 114. “the use of the term “model” has become widespread and seems to have been accepted. In analytical terms, a model is an organized set of forms and procedures, shorn of accessories. However, in everyday usage, “model” includes the extra content, in this case the objectives and results.” [Tradução da autora].



Fig. 54. e 55. Área de Poblenu antes da intervenção - uso predominantemente industrial

3. A vila olímpica de Barcelona

A zona selecionada para a implantação da vila olímpica definia-se por ser um setor da cidade ocupado por indústrias e edifícios decadentes, situada entre o parque de Ciutadella e o centro da zona conhecida como Poblenou, delimitada pela continuação do passeio de Carles I, a Avinguda de Bogatell e o mar. Esta área industrial surge no século XIX, chegando a ser um dos centros da revolução industrial, não só em Barcelona, como no conjunto do território de Espanha. No entanto, apesar de estar geograficamente localizada ao longo de um dos eixos centrais da cidade, sofria de um grande isolamento social, devido principalmente à falta de acessibilidade, dado que as duas linhas ferroviárias existentes que percorriam o perímetro da zona, constituíam barreiras que isolavam efetivamente o mar do centro da cidade, não permitindo que Barcelona aproveitasse o potencial que a frente marítima oferecia, obrigando esta a expandir-se para o interior do território.

O projeto de reconstrução centrou-se nesta área, porque permitia o início de uma nova relação entre a cidade e o mar. Sendo uma área particularmente atraente para realizar trabalhos de renovação total uma vez que, devido à evolução dos sistemas de produção, se encontrava parcialmente degradada, apresentava uma série de edifícios abandonados como um antigo mercado de peixe, um quartel do exército, uma estação de tratamento de água, depósitos municipais, uma prisão para mulheres, diversas instalações industriais obsoletas e praias transformadas em depósito de lixo industrial e zona de barracas.

O objetivo das intervenções urbanísticas nesta área era gerar uma reformulação radical de todo o litoral da cidade, não apenas o setor da vila olímpica mas também ao longo de 6 quilómetros de frente marítima, sendo a decisão de localizar a VO numa zona industrial abandonada parte de uma operação urbanística muito mais ampla. Pretendia-se uma reestrutura de toda a área através de uma série de equipamentos habitacionais e urbanos.

Esta complexa operação de integrar uma grande área da cidade anteriormente degradada com a estrutura urbana desta, implicou uma série de projetos a partir das seguintes ideias base: Regeneração da linha costeira e reestruturação da linha de esgotos; Reestruturação da linha de comboios; Construção da linha da Ronda del Litoral; Alargamento do passeio marítimo para 30 metros; Construção de uma nova marina, o Porto Olímpico; Construção de instalações hoteleiras, comerciais e de lazer entre a Ronda del Litoral e o Passeig Marítim; Continuação da morfologia do *Eixample*, com a criação dos “superblocos”; Previsão de uma rede de espaços verdes em toda a área.¹³⁸

Como já foi referido, a maioria dos projetos realizados com os jogos olímpicos de Barcelona estavam já planeados e aprovados à espera do momento ideal para a sua execução. Este foi também o caso da remodelação da frente marítima da cidade, que se reconvertiu na construção da vila olímpica com os jogos de 1992.

¹³⁸ Gold, J. & Gold, M. (2011). *Olympic cities; City agendas, planning and the world's games, 1896-2016*. p.280



Fig. 56. Projeto do Plan de la Ribera

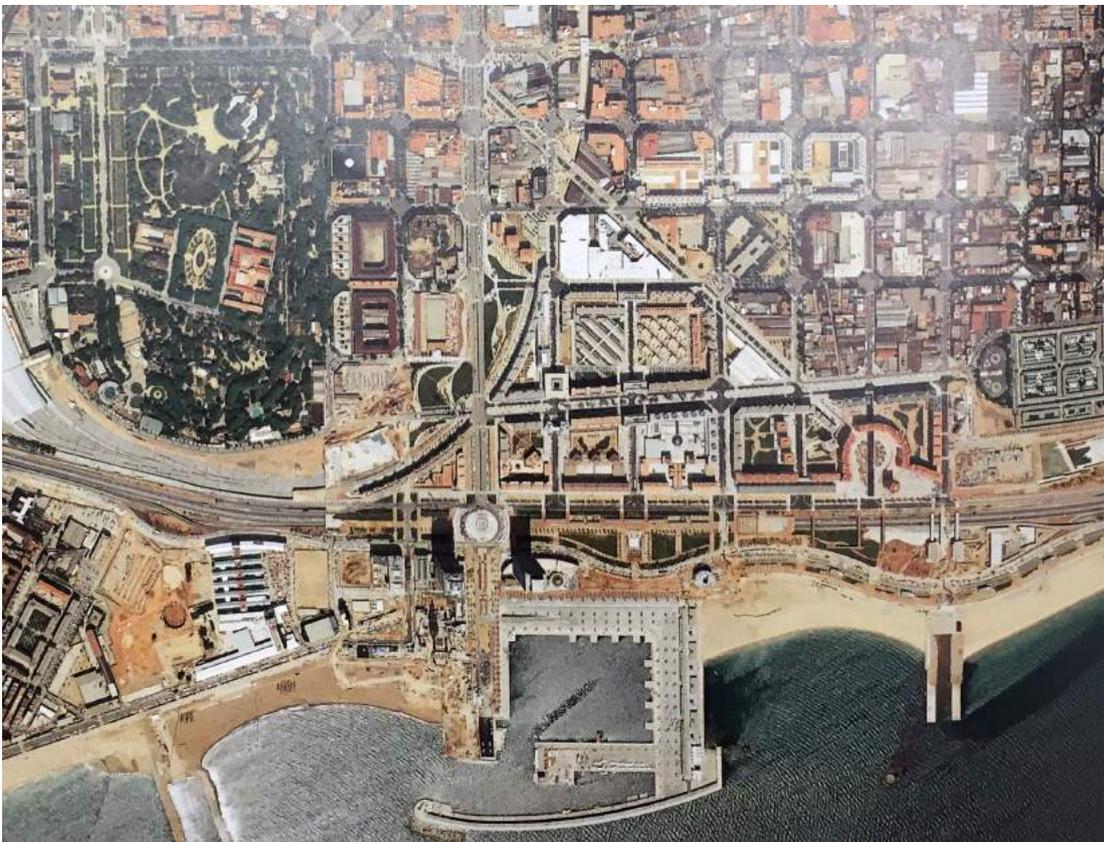


Fig. 57. Foto aérea Poblenou

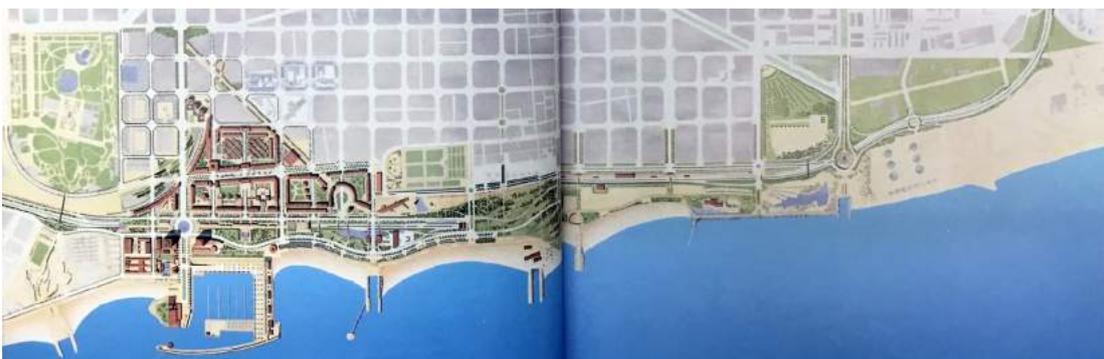


Fig. 58. Projeto frente marítima

É importante recordar que não era a primeira vez que se articulava um projeto de reforma para a frente marítima de Barcelona. A ideia de expandir a cidade para Este, em direção à área industrial de Poblenou, surgiu nos anos sessenta com o chamado *Plano de la Ribera*, projetado por Antonio Bonet Castellana. O plano, de iniciativa privada, procurava uma reorganização das infraestruturas rodoviárias, assim como uma transformação da área numa área residencial e comercial, de forma a que esta voltasse a ser valorizada como uma zona estratégica da cidade.

A primeira coisa que chama à atenção no *Plano de la Ribera* é, a apropriação do terreno como se fosse totalmente desocupado e virgem, sem qualquer condição pré existente, onde tudo é substituído por um tecido inteiramente novo. Esta ideia base verifica-se no projeto da vila olímpica, cuja construção representou o desaparecimento completo do antigo bairro de Icària, não considerando qualquer preexistência, apagando qualquer vestígio do que tinha sido uma das áreas com maior concentração industrial na cidade.

Quando no início da década de 80 se começou a discutir sobre a candidatura olímpica de Barcelona para os jogos de 1992, o presidente da cidade era Narcís Serra, um dos representantes de empresários de La Ribera S.A., o que impulsionou certamente a decisão da implementação da vila olímpica na área para onde havia sido projetado o Plano da Ribeira. Em 1985 anunciou-se que o projeto da VO tinha sido confiado a uma equipa de arquitetos constituída por Josep Martorell, Davis Mackay e Albert Puigdomènech, dirigidos por Oriol Bohigas, que teve um papel importantíssimo na regeneração urbana de Barcelona durante este período.

Poblenou foi a opção de área mais arriscada para a construção da vila olímpica, mas a solução encontrada para os problemas dessa zona foi a que causou um maior impacto sobre a cidade, e a que abriu mais possibilidades para o futuro. Trata-se de um caso de renovação urbana bastante interessante, uma vez que, por um lado, surge mais uma vez na história dos jogos, a recuperação de uma área urbana industrializada no passado mas que acaba ao abandono, para ser transformada numa nova área residencial. Por outro lado, há a questão da recuperação da frente marítima da cidade, um tema que nos anos seguintes se vai tornando relevante em várias cidades europeias.

Conceito

A vila olímpica foi projetada para representar a continuação natural da cidade, ao mesmo tempo que dá resposta à necessidade de alojamentos para os atletas e seus representantes. Dos 130 hectares de intervenção, apenas 46 são realmente utilizados para estruturas olímpicas, visto que o objetivo principal não era o planeamento de uma área específica para estas, mas sim a reabilitação de uma zona completa da cidade de Barcelona, que pudesse ser, depois dos jogos, uma área normal da cidade perfeitamente integrada nela.



Fig. 59. e 60. Espaço interior de quarteirão de acesso público



Fig. 61. e 62. Espaço interior de quarteirão de acesso privado



Fig. 63. e 64. Acesso privado



Fig. 65. Zona comercial



Fig. 66. Rodovia entre a vila olímpica e a praia

Com este ponto de partida, o projeto desenvolveu várias intervenções urbanas derivando de um princípio básico (e discutível): “é possível reconstruir a cidade Europeia atendendo à sua morfologia tradicional e, portanto, evitando a fragmentação e a expansão periférica.”¹³⁹

A estrutura urbana do projeto resulta de uma junção entre a adoção da rede viária que vem no seguimento do plano de Cerdà, com elementos urbanos do século XIX como a Avenida de Icària. Assistimos assim a uma tentativa de ligar as diversas intervenções realizadas com as tradições arquitetónicas locais: “Com a Vila Olímpica quer-se realizar um pedaço genuíno da cidade, que no caso específico assume também a tarefa de reestruturação de uma parte urbana.”¹⁴⁰

A nível da morfologia urbana, recupera-se de forma explícita a ideia de “rua-corredor” e da estrutura de *mansanas* de Cerdà, dando continuidade aos padrões urbanos definidos por este no século XIX, criando áreas não só habitacionais mas também com espaços comerciais e de lazer, formando quase que uma pequena cidade dentro da cidade de Barcelona. Apesar das diferentes tipologias de edifícios, estes seguem a ideia original de Cerdà de criar espaços verdes no interior de cada bloco, de carácter semipúblico.

No entanto, hoje em dia sente-se que estes espaços públicos no interior de cada bloco não são utilizados, acabando fechados e de uso exclusivo dos proprietários, provando-se ineficaz o compromisso de espaços privados para uso público. Embora existam algumas lojas nos pisos de acesso à rua e passeios largos à volta de cada bloco, poucas pessoas utilizam o espaço público no próprio bairro, ao contrário do que seria expectável na realização do *master plan* em que se sente uma tentativa de ligação entre os vários espaços públicos da zona.

Diferentes zonas

Segundo Nel-lo,¹⁴¹ o projeto da vila olímpica seguia três princípios estruturadores: O primeiro relacionado com as infraestruturas, criando uma área aberta ao mar, através da remoção dos 4 quilómetros de linha férrea costeira que criava uma barreira física entre a cidade e as praias; construindo no subsolo outras linhas férreas que pudessem constituir também uma barreira; e reabilitando as praias. O segundo relacionado com a morfologia, sendo criada uma continuidade do padrão urbano de acordo com o plano de Cerdà. O terceiro relacionado com o uso, que deve atender não só às necessidades habitacionais, mas também incluir zonas comerciais, escritórios, zonas de recreação, etc.¹⁴²

¹³⁹ Nel-lo, O. (1996). “The Olympic Village of Barcelona ‘92” em Moragas, M., Llinés, M. & Kidd, N. (eds.). *Olympic Village: A Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences*. “it is possible to reconstruct the European city by attending to its traditional morphology, and therefore avoiding fragmentation and peripheral sprawl.” [Tradução da autora].

¹⁴⁰ Bortolotti, M. & Pratelli, A. (2011). *Abitare Olimpia: l’architettura dei villaggi per le olimpiadi*, p. 215 “Con il Villaggio Olimpico si vuole realizzare un vero e proprio pezzo di città, che nel caso specifico assume anche il compito di ristrutturazione di una parte urbana.” [Tradução da autora].

¹⁴¹ Nel-lo, O. (1996). “The Olympic Village of Barcelona ‘92” em Moragas, M., Llinés, M. & Kidd, N. (eds.). *Olympic Village: A Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences*.

¹⁴² Idem, ibidem

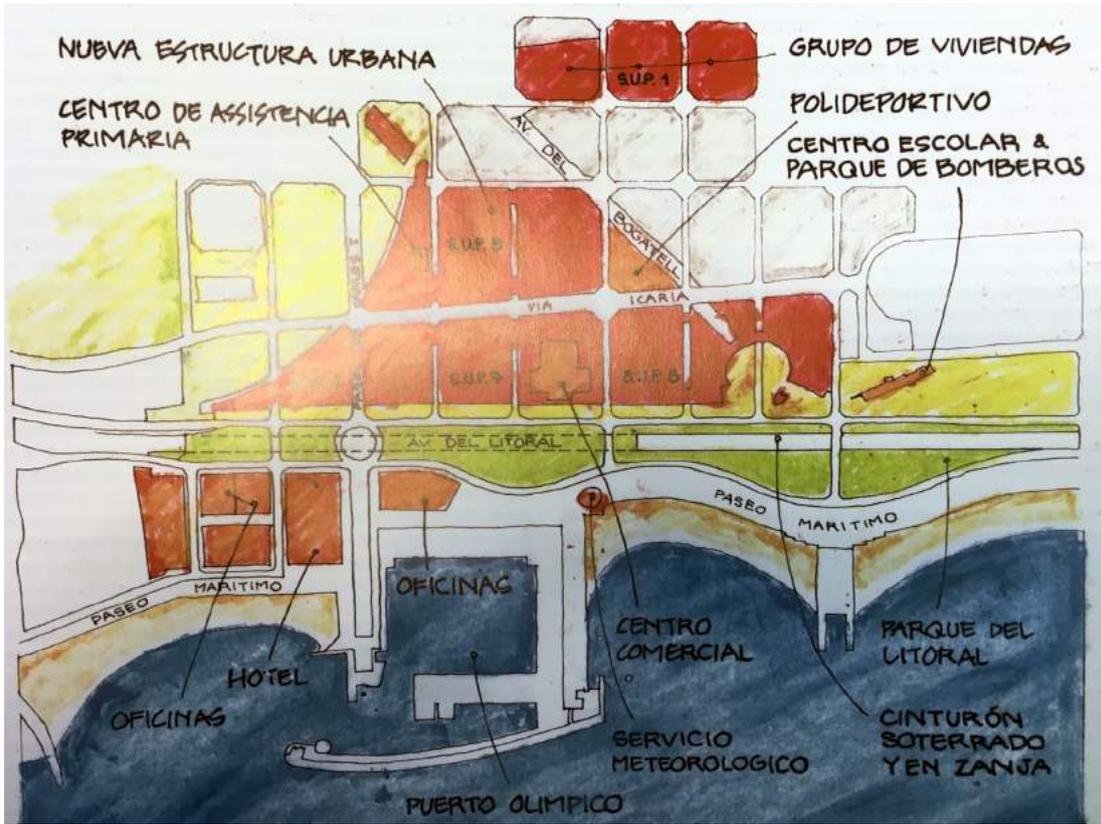


Fig. 67. Esquema projeto vila olímpica

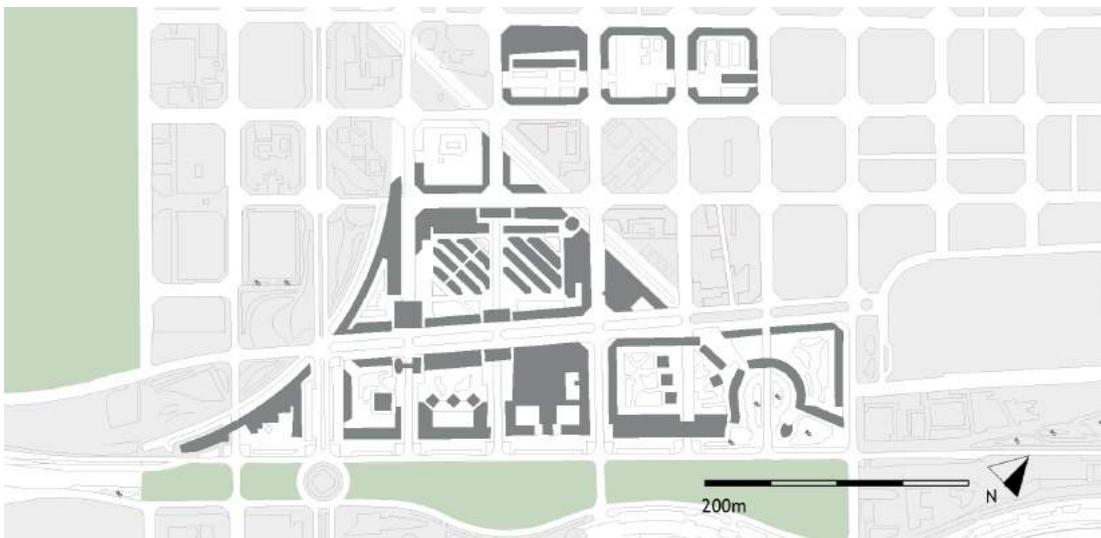


Fig. 68. Projeto vila olímpica

A aplicação destes princípios estruturadores requer a implementação de diversas ações: a reabilitação de 1km de praia imediatamente em frente à vila olímpica; a construção de um porto olímpico, com capacidade para 700 barcos na água e 300 em terra, e larga oferta de espaços públicos com espaços comerciais e de restauração; a construção de um passeio marítimo de 30 metros de largura, equipado com cafés, restaurantes e outras instalações; a construção de duas torres de 100 metros de altura para escritórios, um hotel, um casino e centro comercial; a construção de uma rodovia que não criasse uma nova barreira nem física nem visual; construção de um núcleo urbano que conjugasse a nova área residencial com referências morfológicas aos blocos definidos por Cerdà; criação de um sistema integrado de parques e espaços públicos para os moradores da área e da cidade em geral.¹⁴³

Assim, foram criados novos parques, estruturas viárias foram modificadas, a rede de transportes urbanos foi incrementada, e a estrutura de telecomunicações foi melhorada.

Como vimos no capítulo II, segundo as diretrizes da vila olímpica definida pelo COI, esta precisa de ser constituída por duas partes: a zona residencial e a zona internacional. A zona residencial, que inclui os espaços interiores dos blocos de edifícios, contém os apartamentos onde são hospedados os atletas e representantes, a sede administrativa e o espaço para as equipas médicas do NOC. A zona internacional inclui as principais ruas da vila olímpica, o Parc de Mar, parte do passeio marítimo e as praias. Da zona internacional há acesso às infraestruturas previstas para todos os moradores da vila. A VO de Barcelona incluía ainda uma zona de acesso restrito com parques de estacionamento, serviços de segurança, instalações para treinos, e uma parte do passeio marítimo com praias acessíveis apenas aos moradores da vila durante o período dos jogos.¹⁴⁴

Zona residencial

Uma inovação da vila olímpica de Barcelona é a subdivisão desta em diferentes unidades, cada uma planeada por um arquiteto diferente, evitando a natureza impessoal e repetitiva de projetos de construção em grande escala, mantendo uma coerência global assegurada por uma definição de algumas regras urbanas como o tamanho dos edifícios e o uso obrigatório de cerâmica nos acabamentos das fachadas.¹⁴⁵

O projeto desenvolvido por Martorell, Bohigas, Mackay e Puigdomènech definiu a morfologia do plano da VO, desenvolvendo a malha proposta a partir da quadrícula desenvolvida por Cerdà. Apesar da malha de Cerdà definir a estrutura geral do *master plan* da vila, cada um dos blocos tem uma organização interna distinta.

Propõem a construção de 2500 unidades habitacionais, suficientes para hospedar 15000 atletas e que, no período pós jogos, serviriam para hospedar a população da cidade.

¹⁴³ Nel-lo, O. (1996). “The Olympic Village of Barcelona’92”, em Moragas, M., Llinés, M. & Kidd, B. (eds). *Olympic Village: A Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences*.

¹⁴⁴ Accommodation division. (1990). *A first guide to the Olympic village*.

¹⁴⁵ Idem, ibidem.



Fig. 69., 70., 71., 72., 73. e 74. Diferentes projetos de diversos arquitetos



Fig. 75. Saída do metro - entrada da Vila olímpica



Fig. 76. Biblioteca Xavier Benguerel



Fig. 77. Ciclovía

Devido à diversidade urbanística e arquitetónica que se pretendia alcançar, ao contrário do que geralmente acontece, em que existe uma repetição de modelos tipológicos, aqui deu origem a 530 modelos diferentes. Ainda na zona residencial, existia um edifício com um polidesportivo coberto, um ginásio e um auditório com capacidade para 500 pessoas, um outro edifício com os serviços de cozinha, e ainda um terceiro edifício com uma policlínica.¹⁴⁶

Período pós jogos

(...) fomos visitados por uma delegação de Toronto, liderada pelo presidente da cidade, e incluindo um atleta que foi um vencedor de medalha em Barcelona, Atlanta e Sydney. (...) O meu coração levantou-se quando eu ouvi o atleta a dizer ao presidente que a Vila Olímpica de Barcelona tinha sido diferente de qualquer outra e tinha alcançado um status quase lendário entre os atletas.¹⁴⁷

A área onde se construiu a vila olímpica tem atualmente uma grande qualidade de vida. Desde janeiro de 1993 que esta se tornou um bairro da cidade, completamente conectado com esta. Barcelona ganhou um novo bairro, com um setor residencial de qualidade, onde se concentram diversas atividades, serviços e espaços públicos, com facilidade de acesso e mobilidade, devido ao facto de ter sido usada também para os jogos paralímpicos.

No momento em que os jogos foram tiveram lugar, quase 60% das unidades habitacionais tinham já sido vendidas, sendo as restantes vendidas a um ritmo mais lento, tendo sido o último apartamento vendido no início de 1996.¹⁴⁸ Assim, os apartamentos que outrora serviram a vila olímpica, estão hoje totalmente ocupados.

As duas torres construídas no fim da *carrer de la Marina*, servem de entrada à vila olímpica, sendo a primeira coisa que se observa à saída do metro. Uma das torres é a *Mapfre Tower*, pertencente à companhia de seguros Mapfre. A segunda torre é o *Hotel Arts*, que abriu temporariamente durante os jogos para acomodar parte da família olímpica antes dos trabalhos na vila estarem completos.

A policlínica da vila olímpica continuou a funcionar como centro de saúde; o ginásio e centro de treinos, é hoje usado como um centro municipal multidesportivo; a área original de armazenamento e serviços foi convertida na biblioteca pública *Xavier Benguerel*.

Desde a reabilitação das praias em frente à vila olímpica, que estas se tornaram uma das atrações principais da cidade. O porto olímpico funciona ainda como tal, para além de disponibilizar uma zona de lazer com diversos restaurantes e vida noturna.

¹⁴⁶ Campos, J. (1990). “Barcelona, del proyecto a la realidad”, em *Camino del 92*, nº2.

¹⁴⁷ Carbonell, J. (2005). *The Olympic Village, ten years on: Barcelona: the legacy of the Games, 1992-2002*, p.3 “(...) we were visited by a delegation from Toronto, led by the city’s mayor, and including an athlete who was a medal winner at Barcelona, Atlanta and Sydney. (...) My heart rose when I heard the athlete telling the mayor that the Barcelona’s Olympic Village had been unlike any other and had achieved almost legendary status among the athletes.” [Tradução da autora].

¹⁴⁸ Idem, ibidem, p.3



Fig. 78. Praia em frente à vila olímpica



Fig. 79. Porto olímpico, atualmente utilizado como porto para pequenas embarcações



Fig. 80. Frente marítima

Diversos peritos americanos e europeus não espanhóis, descreveram o projeto da VO como o mais importante realizado na Europa na época, quer devido ao seu tamanho, quer ao tempo recorde em que foi construída.¹⁴⁹ É importante referir que nem todos os problemas urbanísticos pendentes de Barcelona foram resolvidos por esta operação, mas a sua materialização foi importante. De uma forma geral, o projeto merece uma avaliação muito positiva, pois originou uma boa qualidade de vida para os habitantes da zona e também para os moradores da capital da Catalunha, abrindo a cidade para o mar.

¹⁴⁹ Abad, J. (1996). "Olympic Village, City and Organisation of the Olympic Games. The experience of Barcelona'92", em Llinés, M. et al. *Olympic Villages: Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences*. p. 15

Capítulo IV

LONDRES 2012

1. Evolução urbana de Londres
 - 1.1. A experiência londrina com megaeventos
 - 1.2. Organização política e urbanística atual
2. O impacto do evento na cidade
Parque olímpico
3. A vila olímpica de Londres

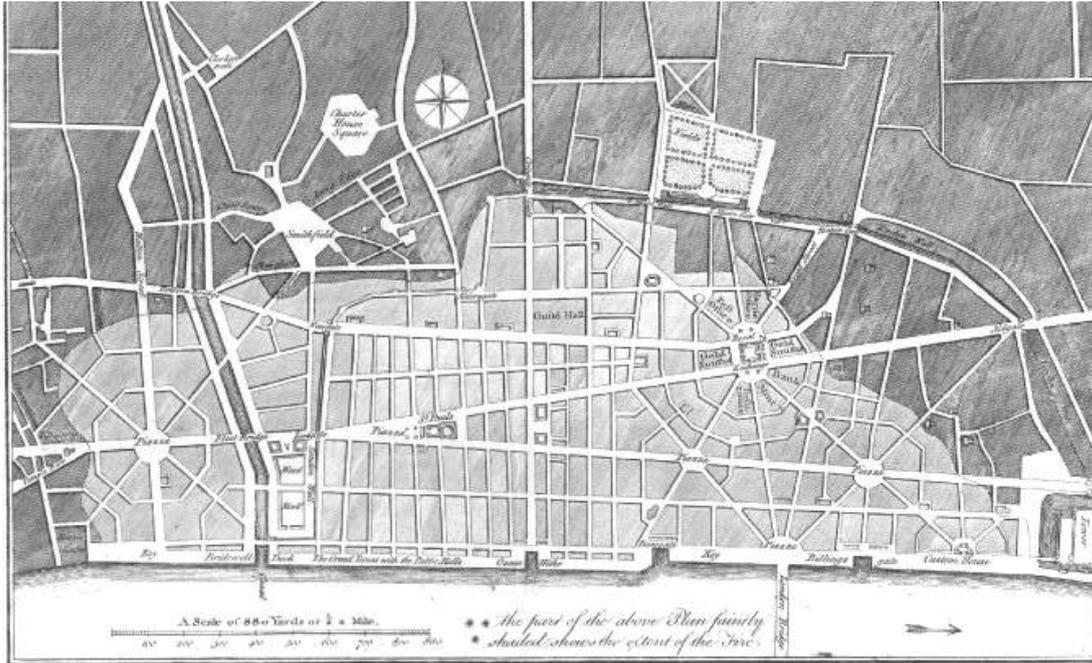


Fig. 81. Projeto de Christopher Wren para a reconstrução de Londres depois do grande incêndio de 1666

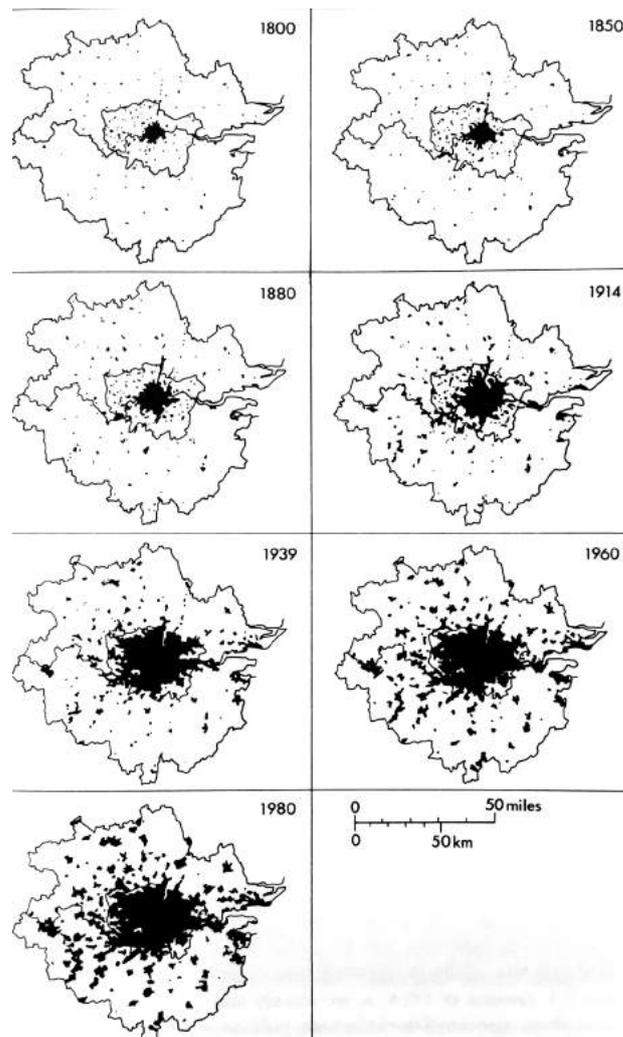


Fig. 82. Evolução urbana de Londres 1800-1980

1. Evolução urbana de Londres

Ao contrário de outras cidades históricas como Atenas, Roma, ou até mesmo Barcelona, onde se conseguem diferenciar diversas zonas construídas em diferentes períodos, em Londres esta distinção não é tão retilínea. Observando a evolução urbana de Londres, percebe-se que as diferentes estruturas de cada época se localizam dispersas um pouco por toda a cidade e não concentradas numa única zona, uma vez que cada edifício é uma estrutura individual construída num período distinto, tendo ainda muitas vezes o mesmo edifício várias parcelas construídas em diferentes períodos.

Londres, a capital de Inglaterra e a cidade mais populosa do Reino Unido, localizada nas margens do rio Tamisa, a sudeste da ilha da Grã Bretanha, foi fundada pelos romanos, concentrando-se dentro da antiga muralha durante mais de 1600 anos. A cidade foi-se desenvolvendo dentro e fora dos limites da muralha, sendo grande parte destruída após um grande incêndio em 1666.

Foram avançadas diversas propostas para a reorganização urbana da cidade após o incêndio, incluindo um ambicioso projeto de Christopher Wren¹⁵⁰ que propunha a reconstrução de toda a área, que acabou por ser rejeitada. Ao invés do que aconteceu em Lisboa após o terramoto de 1755, em que, por iniciativa de Marquês de Pombal, a cidade foi totalmente reconstruída com um novo plano urbano, em Londres o rei Charles não teve a possibilidade de permitir a Wren uma tela em branco. Parte dos proprietários insistiram em manter as suas parcelas de edifícios destruídos, construindo novamente ao longo das linhas do padrão medieval da rua,¹⁵¹ sendo esta uma das razões pelo qual a cidade de Londres é hoje uma cidade moderna que mantém um design medieval das ruas. Assim, do projeto original de Wren, restou apenas a intenção de reconstruir Londres em tijolo e pedra.

O século XVIII foi um período de rápido crescimento para a cidade, que refletia o crescimento da população nacional, os primeiros passos da revolução industrial e o papel de Londres no centro da evolução do Império britânico. O período da revolução industrial foi marcado por um crescimento demográfico sem precedentes, fazendo com que, durante o reinado de George III, a cidade de Londres se expandisse rapidamente para além dos seus limites.

O desenvolvimento económico e social trazido pela Revolução Industrial permitiu que todas as classes sociais aspirassem a uma melhor qualidade de vida pelo que surge à luz do espírito renascentista da cidade ideal, a ideia de cidade jardim, que nasce no final do século XIX com o objetivo de dar resposta a este crescimento demográfico que se fez sentir não só em Londres mas também noutras cidades do Reino Unido. Ebenezer Howard pensa num conceito de cidade utópica com o objetivo de descongestionar as grandes cidades através da criação de novas cidades suburbanas imersas na paisagem verde. Na sua publicação *Garden*

¹⁵⁰ 1631-1723. Foi um arquiteto, designer, astrónomo, geómetro do século XVII, considerado um dos maiores arquitetos ingleses da história.

¹⁵¹ Forest, A. (2016). How London might have looked: five masterplans after the great fire of 1666. [em linha].

Notes on areas (Barlow)

Ring "A" = LCC + City = Inner London.

"A+B" = Greater London.

"B alone" = Outer London.

"A+B+C" = London & Home Counties.

"London & Home Counties" means :- London, Essex, Herts, Kent, Middlesex, Surrey, Bucks & Beds. (8 Counties)

Notes: Beds & Bucks are generally not included in this description by the Region in general, but were so by the Barlow Report, which took into account the then Ministry of Labour's statistics for insured popn.

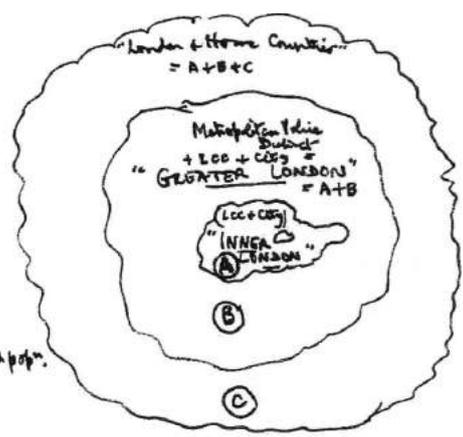


Fig. 83. Esquema do Greater London Plan de Abercrombie.
 A - cidade interior; B - Grande Londres; C - municípios adjacentes

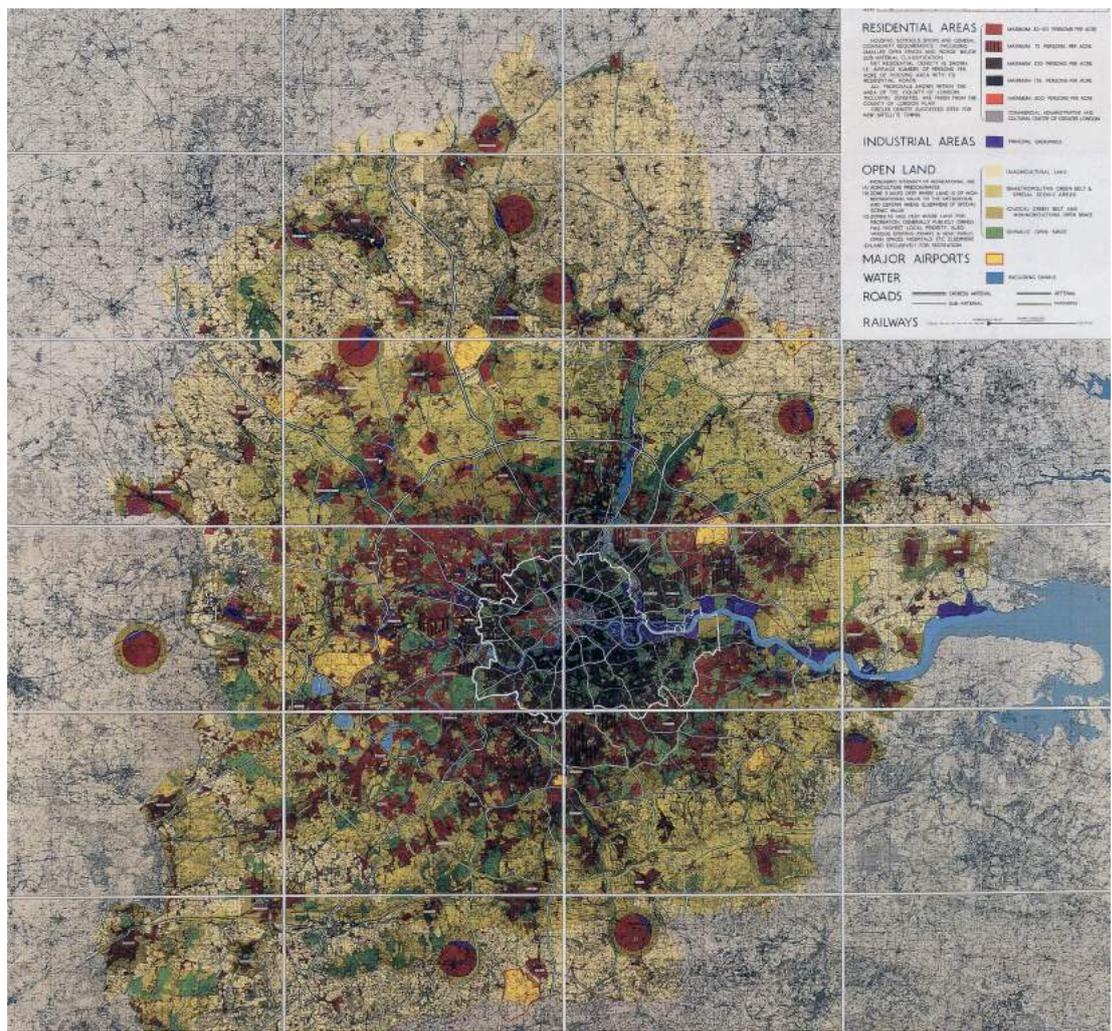


Fig. 84. Greater London Plan de Abercrombie, 1944

Cities of Tomorrow descreve o seu conceito de cidades jardim, baseadas num equilíbrio entre habitação, indústria e agricultura, através de alguns esquemas de orientação que pudessem ser adaptados aos diferentes contextos territoriais.

No início do século XX o aumento demográfico da capital inglesa tinha atingido tais proporções que se tornou impossível continuar a concentrar a população na cidade velha de Westminster e subúrbios imediatos, sendo importante criar a *Greater London*, estendendo a cidade por vários quilómetros fora dos seus limites originais. Este aumento e expansão foram acompanhados pelo despovoamento da cidade velha, que permaneceu até aos dias de hoje como o centro financeiro da cidade, conhecida atualmente como *City of London* ou *The City*.

Com o término da segunda guerra mundial, emerge uma grande necessidade de reconstrução em grande escala, na qual os arquitetos responsáveis viram uma oportunidade para uma remodelação completa. Sendo o problema da habitação o mais urgente a resolver, a solução encontrada passou pela construção de edifícios de vários andares, o que gerou uma certa estranheza na população londrina.

Entre os anos 1943-1944 Patrick Abercrombie¹⁵² apresentou dois planos de planeamento de espaços públicos para a cidade, definidos no seu conjunto como “o plano Abercrombie”, contendo o *Country of London Plan*, que desenhou em colaboração com John Henry Forshaw¹⁵³, e o *Greater London Plan*. Em ambos os planos, classificados como as contribuições mais significantes para a prática do planeamento urbano na Grã Bretanha, Abercrombie procurou oferecer soluções facilitadoras de um rápido crescimento de Londres, um desenvolvimento arquitetónico incoerente que se havia feito sentir, para as condições de moradia inferiores, a distribuição inadequada do espaço público e o aumento do congestionamento de tráfego.¹⁵⁴

A solução encontrada passava pelo desenvolvimento de núcleos urbanos autónomos, sendo aqui evidente a retoma da ideia de cidade jardim de Howard, que encontra no plano de Abercrombie a sua aplicação mais ampla. Um dos principais objetivos seria desencorajar o crescimento da indústria e da população no centro da cidade, tentando criar uma dicotomia entre cidade e campo, adotando um conceito de vários aglomerados de edifícios com uma distância considerável entre eles, planeando de forma coerente uma coordenação do espaço aberto, da arquitetura e dos materiais de construção. O plano de Abercrombie para o *Greater London Plan* destacava quatro zonas distintas: o anel urbano interno, caracterizado pela sua alta densidade; o anel suburbano composto principalmente por bairros residenciais; o anel verde que formava uma zona de transição entre a expansão urbana de Londres e as áreas agrícolas; e por fim, o anel verde exterior, uma zona agrícola com a qual Abercrombie pretendia fazer a descentralização das pessoas e da indústria.¹⁵⁵

¹⁵² 1879-1957. Patrick Abercrombie foi um arquiteto e urbanista inglês.

¹⁵³ (1895-1973) trabalhava na época como arquiteto para o *London Country Council*, o órgão administrativo responsável pela comissão do plano.

¹⁵⁴ Roosmalen, P (1997). London 1944: Greater London Plan, em Bosma, K. & Hellinga, H. *Masterin the City: North-European Town Planning 1900-2000*, p. 258

¹⁵⁵ Idem, ibidem, p. 260

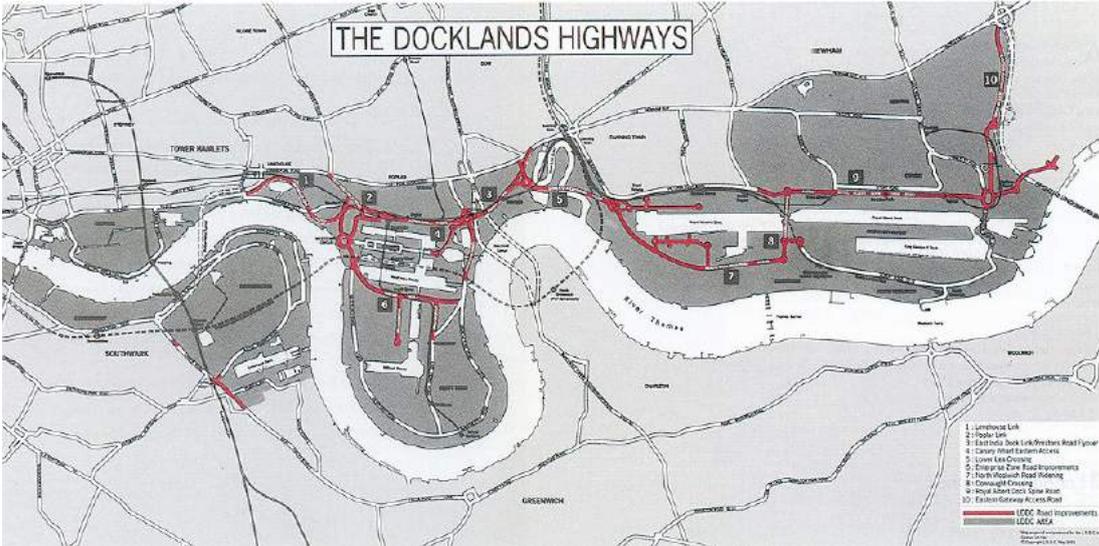


Fig. 85. Zonas desenvolvidas pelo LLDC



Fig. 86. Isle of dogs



Fig. 87. Maquete zona Canary Wharf

Desta forma, a mais antiga e mais importante indústria ligeira local, a agricultura e a horticultura, ficou circunscrita a Lea Valley, uma área a noroeste de Londres, que Abercrombie transformou numa importante zona de ligação entre o centro da cidade e o campo. Desde então, a zona de Lea Valley tem sido usada como um corredor de transporte, uma zona de abastecimento de água para Londres, e uma área industrial e recreativa.

Durante mais de três décadas *East London* tem estado no centro de debates políticos e iniciativas sobre regeneração urbana. (...) Enquanto quase todas as iniciativas urbanas do RU têm sido testadas em *East London*, três esquemas destacam-se em particular pelas suas reivindicações de trazer benefícios para a área imediata e além; *London Docklands*, o projeto *Thames Gateway* e Londres 2012.¹⁵⁶

Apartir do final da década de 1960 em diante foram desenvolvidos planos para a regeneração das Docas de Londres,¹⁵⁷ um dos projetos de desenvolvimento urbano mais conhecidos na Europa.¹⁵⁸ Foi estabelecido o *London Docklands Development Corporation* (LDDC) que, apesar de não ser uma autoridade habitacional, tinha o controlo de desenvolvimento de três bairros: a zona Docklands de Southwark, Newham e Tower Hamlets. Argumentou-se que a regeneração destas áreas, dada a sua importância estratégica para a reconstrução de Londres e do país como um todo, deveria ser desenvolvida de forma “nacional” em vez de interesse “local”, abraçando uma abordagem de Thatcherismo¹⁵⁹ ao planeamento em que, o mercado livre de controlos governamentais, seria o agente central da regeneração.¹⁶⁰

O foco de análise neste projeto é, sem dúvida, o desenvolvimento da habitação, concentrando-se principalmente na *Isle of Dogs*. *Canary Wharf*, um importante complexo de negócios e edifícios comerciais, apresentado durante a reconstrução da Docklands de Londres e desenvolvido na antiga área portuária de *Isle of Dogs*, foi certamente um dos principais projetos do governo de Thatcher. O projeto de revitalização de 21 quilómetros quadrados, que constituía a área, começou em 1981 com o estabelecimento do LDDC.

Em 1998, o primeiro ministro do Reino Unido, John Prescott, convidou Richard Rogers a fundar a *Urban Task Force* (UTF) para identificar as causas de degradação urbana e estabelecer uma visão geral para as cidades inglesas, com base nos princípios de responsabilidade ambiental e bem estar social. A UTF nasceu como resposta a certas problemáticas que se faziam sentir

¹⁵⁶ MacRurt, I. & Poynter, G. (eds.). (2009). *Olympic Cities: 2012 and the Remaking of London*, p. 201. “For more than three decades East London has been at the centre of policy debates and initiatives on urban regeneration. (...) Whilst almost every UK urban initiative has been tested in East London, three schemes stand out in particular for their claims to bring benefits to the immediate area and beyond; London Docklands, the Thames Gateway project and London 2012.” [Tradução da autora].

¹⁵⁷ Bernstock, P. (2014). *Olympic housing*, p.20

¹⁵⁸ Londres Docklands é um caso interessante de estudo porque os padrões de polarização social que vieram definir esta zona (em particular a *Isle of Dogs*) têm muito em comum com a abordagem adotada no projeto de Londres 2012, servindo como uma lembrança dos riscos envolvidos na realização de um legado habitacional inclusivo

¹⁵⁹ Thatcherismo descreve a ideologia e as políticas defendidas pelo partido conservador britânico de Margaret Thatcher, líder deste 1975 a 1990.

¹⁶⁰ Bernstock, P. (2014). *Olympic housing*, p.20

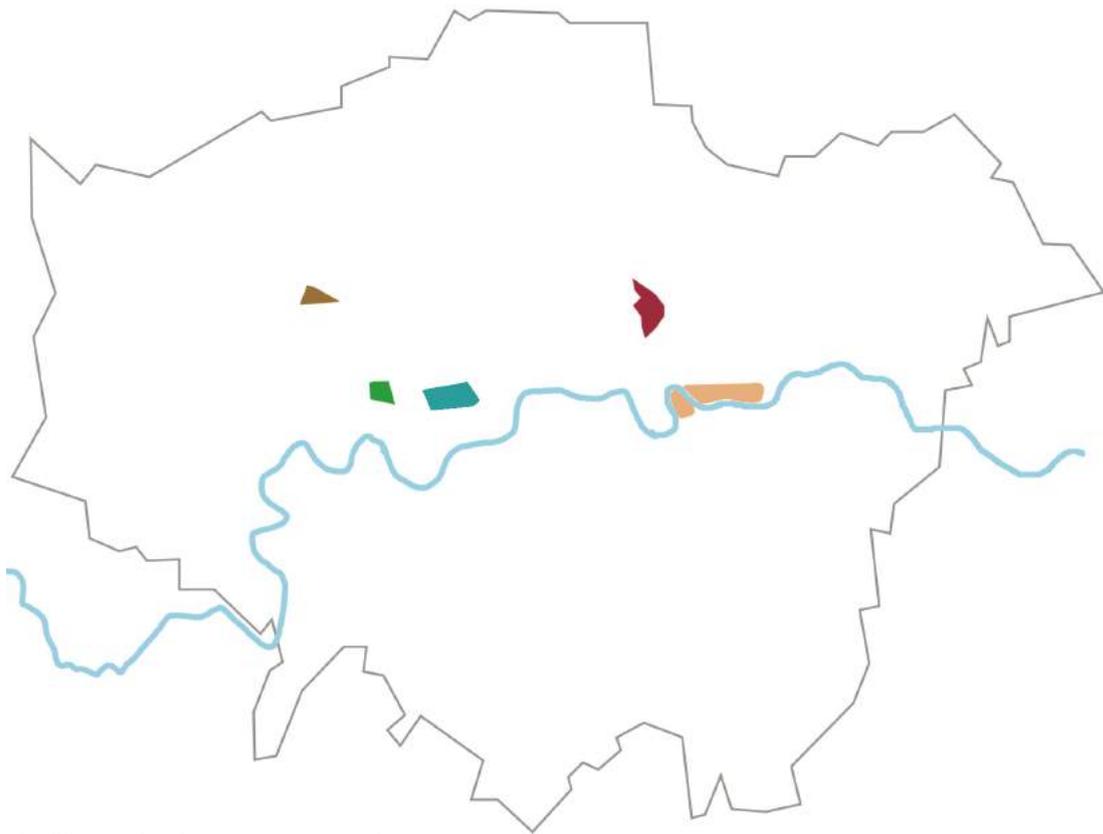


Fig. 88. Localização megaeventos na cidade de Londres

■ Exposição universal 1851
 ■ Jogos olímpicos / Exposição Franco britânica 1908
 ■ Exposição do império britânico 1924 / Jogos olímpicos 1948
■ Festival of Britain
 ■ Jogos olímpicos 2012

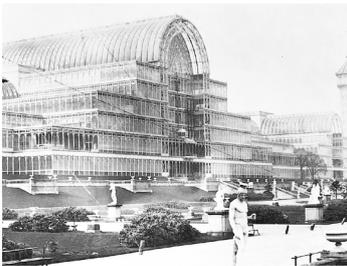


Fig. 89. Cristal Palace



Fig. 90. Estádio de White City



Fig. 91. Estádio de Wembley



Fig. 92. Festival of Britain



Fig. 93. O2 Arena



Fig. 94. Tate modern

como: o declínio de várias áreas no interior da cidade, a necessidade de realização de 4 milhões de novas habitações para a população em crescimento, a expansão de áreas suburbanas com a destruição de áreas verdes. Assim, o objetivo desta *Task Force* era conceber soluções práticas que atrairiam a população de volta para as grandes cidades e bairros de Inglaterra.

O produto final da UTF é a publicação de “Towards an Urban Renaissance”, que contém uma longa série de propostas para a melhoria da cidade e dos campos ao seu redor, descrevendo o modelo que deve ter a cidade, mais compacta, apoiada por uma série de funções que respeitam o desenvolvimento sustentável para o ambiente e adaptável à mudança. Em 2005, a UTF publica “The Urban Renaissance six years on”, um estudo independente baseado na experiência dos membros da *Task Force*, que visa estimular um debate público e incentivar uma nova linha de pensamento.

1.1. A experiência londrina com megaeventos

O primeiro megaevento de Londres realizou-se em 1851 com a Grande Exposição que se realizou em Hyde Park. A exposição surgiu como uma celebração da tecnologia e design industriais modernos, dando início a uma série de exposições de cultura e indústria que se tornaram populares no século XIX. Desta exposição surge o *Cristal Palace*, situado perto do núcleo da cidade.

Londres foi a primeira cidade a poder hospedar os jogos olímpicos por três vezes. Os primeiros jogos que a cidade sediou tiveram lugar em 1908, depois de Roma ter cancelado a organização do evento devido à erupção do vulcão Vesúvio. Para este efeito, a cidade viu-se obrigada a construir num curto espaço de tempo o primeiro estádio olímpico, o *White City Stadium*, que incorporava dentro do mesmo equipamento uma piscina, um velódromo e um campo de futebol, e que acabou por ser demolido em 1985 para dar lugar ao Centro de Transmissão da BBC.¹⁶¹ Ainda em 1908, e perto da área olímpica de White City, realizou-se a Exposição Internacional Franco-britânica.

A Exposição do Império Britânico teve lugar em 1924, sendo para esta criados a Wembley arena e o estádio de Wembley, que seria usado mais tarde para os jogos olímpicos de 1948 e de 2012.

Imediatamente depois da Segunda Guerra Mundial, em 1948, foram realizados os jogos da XIV Olimpíada em Londres, no estádio de Wembley, quando a cidade mal tinha recuperado dos danos causados pela guerra.

Três anos mais tarde, em 1951 teve lugar o *Festival of Britain*, uma exposição nacional que foi inaugurada em Londres e que se deslocou depois por toda a Grã Bretanha. A exposição situou-se essencialmente em *South Bank*, nas margens do rio Tamisa, para além de outros expositores que se localizaram em *Poplar* e *South Kensington*. Na época, grande parte de

¹⁶¹ Sobetchi, V. (2015). *Megaeventos Desportivos: Como elemento de metamorfose urbana 1960-2012*, p. 121.



Fig. 95. Divisão da cidade em 32 boroughs e city of London



Fig. 96. City of London

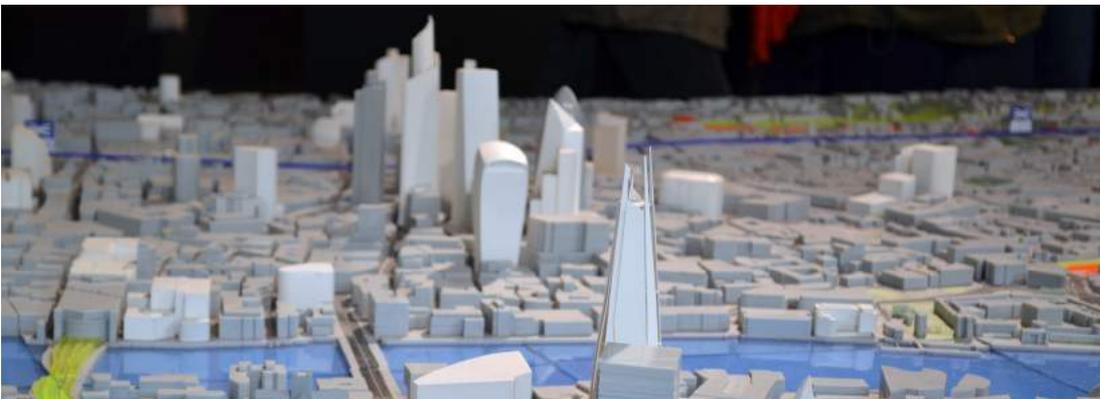


Fig. 97. Maquete zona City of London

Londres ainda se encontrava em ruínas devido à segunda guerra mundial, sendo necessária uma reconstrução urgente, na qual a exposição teve um papel importante.

Em 2000, a cidade decide criar um marco arquitetônico para a celebração do milênio,¹⁶² através da construção de um novo museu, *Tate Modern Gallery*, mesmo em frente à Catedral de São Paulo na margem oposta do rio Tamisa, e da construção de uma nova arena, o *Millennium Dome*, hoje conhecido como *The O2 arena*.

Por fim, e aqueles que serão aprofundados mais a fundo no ponto 3, os jogos olímpicos de 2012. Estes tiveram lugar na zona de *East London*, perto do centro da cidade, tendo um grande impacto nesta e originando uma grande regeneração desta área.

1.2. Organização política e urbanística atual

Em 1965 nasce a Grande Londres (*Greater London*) do *London Government Act* de 1963: área que compreende a *City of London* e 32 freguesias, ditos *boroughs*, doze pertencentes à *Inner London* e vinte pertencentes à *Outer London*.

Os *boroughs* são os bairros governamentais locais e têm funções similares às freguesias metropolitanas. Cada junta da cidade é uma autoridade educacional local. As freguesias de Londres são as 32 principais subdivisões do território administrativo da Grande Londres e cada uma é regida por uma junta de freguesia. Cada freguesia é dividida em círculos eleitorais, sujeitos a revisão periódica, a fim de eleger os deputados, sendo as eleições realizadas a cada quatro anos. As freguesias de Londres e as juntas dos *London Boroughs* cobrem toda a Grande Londres, excluindo a *City of London*. As freguesias da *Inner London* tendem a ser mais pequenas, tanto em termos de população como de superfície, mas têm, no entanto, uma densidade demográfica superior às de *Outer London*.

Não existe nenhum outro sítio como a *City of London*, ou simplesmente *The City*: podemos dizer que é uma cidade dentro da cidade, um estado dentro de um estado. Não é só a parte mais antiga e histórica de Londres, mas é o principal centro de comércio financeiro e internacional do mundo com uma proporção excecional de 33 vezes mais trabalhadores do que residentes. Tem também o seu sistema de administração único e não é classificado como um *borough*, mas é um pequeno bairro no coração da capital.

A *City of London* tem a sua própria bandeira, o seu próprio lema e o seu próprio emblema. Tem também a sua própria câmara municipal, elege o seu próprio Presidente, tem os seus próprios impostos para financiar a polícia da cidade, que impõe as leis desta. A cidade é gerida pelo *City of London Corporation*, liderada pelo *Lord Mayor* de Londres. A corporação tem dois órgãos do Conselho: o *Court of Aldermen* e o *Court of Common Council*.

No entanto, a nível de planificação urbanística, *The City* não pode ser programada de forma isolada. O *Local Plan* foi desenvolvido como parte de uma série de outros planos

¹⁶² Sobetchi, V. (2015). *Megaeventos Desportivos: Como elemento de metamorfose urbana 1960-2012*, p. 121.



Fig. 98. Edificio Greater London Authority, Londres

operacionais e estratégias da *City*, de Londres e da nação. A visão, a estratégia e as políticas do *Local Plan* são projetadas para proporcionar uma abordagem integrada e coordenada ao planeamento da cidade.

Todos estes bairros eram coordenados pelo *Greater London Council* (GLC), o órgão máximo administrativo responsável pelo funcionamento de serviços estratégicos da cidade, e de encargos discriminados com os vários bairros como manutenção rodoviária, planificação urbana, entre outros. Era também o responsável pelo projeto *Greater London Development Plan* que previa diversos objetivos entre os quais: a vegetação urbana e o controlo sobre a paisagem, o desenvolvimento de novas áreas, o melhoramento do transporte público, controlo da poluição, a renovação e resgate de Covent Garden e a grande construção de uma auto estrada em torno da grande Londres. Em 1986 Margharet Thatcher aboliu o GLC privando Londres de uma autoridade que se ocupasse da área metropolitana na sua globalidade sobretudo para minimizar a intervenção do estado.

A *Greater London Authority*, ou simplesmente GLA, é a entidade que administra atualmente toda a área da Grande Londres composta pelas 32 freguesias e pela *City of London*. GLA é um novo tipo de autoridade pública, projetada para fornecer direção de um governo estratégico de Londres, que quer melhorar a coordenação entre as freguesias da cidade e o Presidente. A GLA é democraticamente eleita e composta por dois órgãos distintos: o Presidente e a Assembleia de Londres. O Presidente é eleito diretamente pelos londrinos, enquanto a Assembleia é composta de 25 membros, dos quais 14 representam o eleitorado e 11 são eleitos pelas listas das partes que representam toda a capital. Há uma separação clara entre os poderes do Presidente e os poderes da Assembleia. O Presidente tem um papel executivo, tem uma visão geral de Londres, a fim de definir estratégias eficazes para uma série de questões, tais como desenvolvimento urbano, cultura e turismo, desenvolvimento económico, transporte e resíduos, para além de outras prioridades como o ensino superior, investimento estrangeiro, eventos e conferências.

Um de seus papéis mais importantes é o controlo dos principais elementos da política e dos recursos necessários para a implementação do *London Plan*. Estes incluem a gama completa de leis e estratégias orçamentárias do grupo GLA, que é composta de órgãos funcionais, que colaboram para alcançar a visão do Presidente para Londres. Isto significa que o planeamento estratégico, o transporte, as decisões económicas e o investimento para o desenvolvimento e segurança pública podem ser realizados de forma integrada. O impacto desta combinação de poderes e recursos pode ser ampliado, usando-o para criar altos níveis de alavancagem através da utilização de outras fontes de financiamento, particularmente as do setor privado. Desta forma, o presidente faz com que as políticas e os recursos do grupo GLA promovam a implementação do *London Plan*.

O *London Plan* consiste numa estratégia de desenvolvimento territorial para toda a cidade de Londres, proposto pelo presidente e publicada pela GLA, “no qual defende um

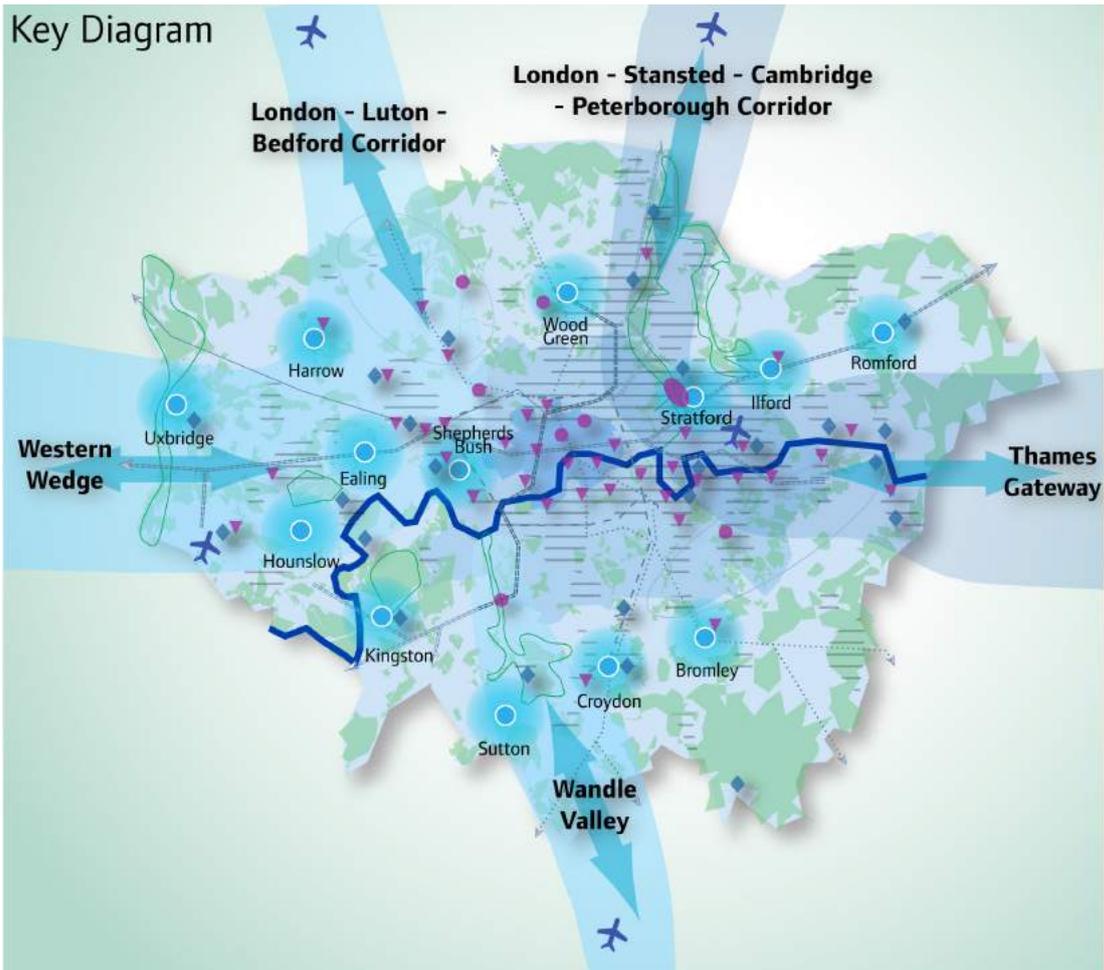


Fig. 99. Key Diagram, London Plan. [tradução da autora]



crescimento sustentável dentro dos limites da cidade aumentando a densidade urbana e intervir em detrimento do Leste da cidade, consoante a análise feita por Richard Rogers.”¹⁶³ O documento transforma estratégias em reformas com melhorias na infraestrutura e na melhoria dos transportes, desenvolvimento económico, habitacional, cultural, questões sociais e questões ambientais.¹⁶⁴ O plano acaba por introduzir também uma política verde, constituindo um ponto de viragem na cidade uma vez que define um conjunto de parâmetros sustentáveis que as novas construções deverão seguir.

A primeira publicação data de fevereiro de 2004 por Ken Livingstone, tendo sido republicado com pequenas mudanças em 2008, em 2011, e novamente em 2016, que corresponde à versão atual. O plano é continuamente revisto e alterado, podendo ser até mesmo completamente renovado se necessário.

O *London Plan* controla a transformação da cidade por 20-25 anos, sendo que o atual plano tem uma data final formal de 2036. Os *boroughs* são obrigados a respeitar o *London Plan* e a elaborar os quadros de desenvolvimento local para as suas áreas de especialização. O modelo de cidade proposto é o da cidade compacta multicêntrica e que pretende aumentar a densidade de habitação nas áreas mais bem servidas por meio de transporte.

O *Key diagram* reúne os principais componentes do *London Plan*. Enfatiza o crescimento dentro do perímetro existente de Londres, protegendo o cinturão verde e espaços abertos, com as políticas e vínculos dos principais corredores de desenvolvimento nas regiões circundantes. Inclui duas áreas de crescimento de importância nacional, o *Thames gateway* e o corredor *London-Stansted-Cambridge-Peterborough*, assim como as áreas de importância de toda a região sudeste *Londres-Luton-Bedford*, e *Wandsworth-Croydon-Crawley*, e do vale do Tamisa,¹⁶⁵ onde se localizam a maior parte das zonas abandonadas em Londres, com uma grande possibilidade de acomodar novas habitações, áreas comerciais e outros desenvolvimentos.

O Thames Gateway é uma zona que se estende por 70 quilómetros atravessando os dois lados do rio Tamisa a Este da cidade, estendendo-se de Londres Docklands para Southend em Essex e Sittingbourne em Kent, e abrangendo a zona olímpica de 2012. Pelo facto de incluir diversos terrenos abandonados, a área foi designada como uma prioridade nacional para a requalificação urbana, tendo sido vista como uma área que funciona como um catalisador para a regeneração, para o crescimento e para o progresso social do território, ajudando a aliviar algumas das pressões de crescimento de Londres a sudeste. “O Thames gateway foi moldado por um regime de planeamento pós Thatcher que tenta conciliar o lucro privado com o Ganho Comunitário (...).”¹⁶⁶

¹⁶³ Sobetchi, V. (2015). *Megaeventos Desportivos: Como elemento de metamorfose urbana 1960-2012*, p. 115.

¹⁶⁴ Greater London Authority (2016). *London Plan*, p.2

¹⁶⁵ Idem, ibidem, p. 85

¹⁶⁶ MacRurt, I. & Poynter, G. (eds.). (2009). *Olympic Cities: 2012 and the Remaking of London*, p. 204. “The Thames Gateway has been shaped by a post-Thatcherite planning regime which attempts to reconcile private profit with Community Gain (...)”. [Tradução da autora].

O protejo *Thames Gateway* visa melhorar a economia do território através do desenvolvimento de terras agrícolas e/ou abandonadas, com a criação de grandes infraestruturas de transporte e do ressurgimento das aglomerações urbanas existentes. A exploração do potencial de desenvolvimento deste corredor, propicia o crescimento de Londres sem invadir o cinturão verde ou as zonas intocáveis até então, melhorando a qualidade de vida através da revitalização ambiental e socioeconómica integrada da comunidade existente.

A área do corredor London-Stansted-Cambridge-Peterborough compreende o setor nordeste de Londres, delimitado pela linha férrea a norte de King Cross em direção a Potters Bar a oeste e a este da Liverpool Street em direção a Romford no sul. A principal característica geográfica é o *Lea Valley*. A disponibilidade de grandes áreas para um bom mercado relativo de terras, tem atraído historicamente no vale uma vasta gama de atividades industriais. A maior parte das indústrias ainda estão em uso, mas alguns sítios bem posicionados foram transformados em uso comercial, enquanto áreas significativas ou estão vazias ou contêm armazéns desocupados. A *Lee Valley* é em grande parte ocupada por reservatórios e espaços abertos. O seu caráter predominantemente aberto fornece um relevo importante para centros habitados em ambos os lados.

A maior parte do resto da área de LSCP é de natureza residencial. É servida por uma rede de centros históricos apoiados por uma gama completa de centros locais e de vizinhança. No entanto, é intercalada, especialmente para a periferia externa com grande espaços abertos.

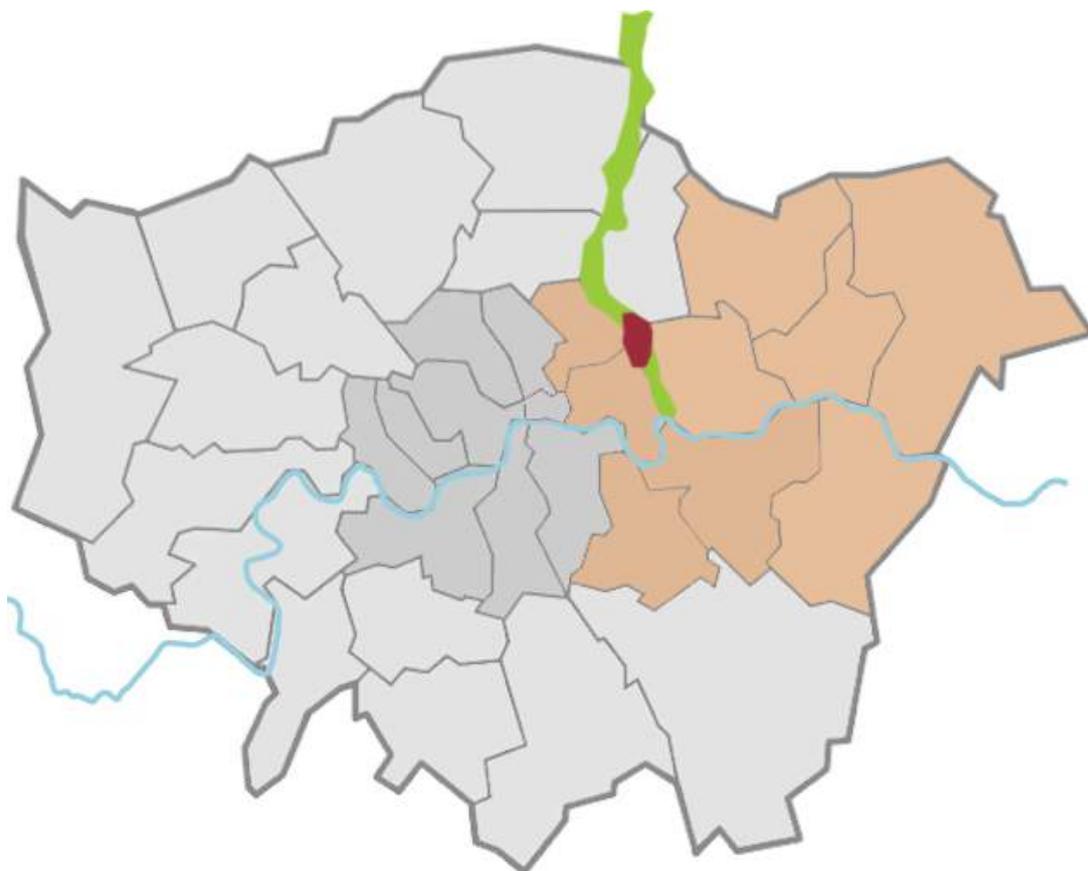


Fig. 100. Área Este de Londres - *East London*, com indicação da *Lower Lea Valley* (a verde) e do parque olímpico

2. O impacto do evento na cidade

Depois de hospedar os jogos olímpicos em 1908 e em 1948, o desejo de uma terceira olimpíada na cidade surgiu nos anos 90, quando o CON da Associação Olímpica Britânica discutiu uma potencial candidatura. Em 2004 o COI colocou Londres na lista de cidades candidatas para sediar os jogos olímpicos de 2012, sendo em 2005 anunciada como a cidade escolhida, vencendo as propostas apresentadas por Moscovo, Nova Iorque, Madrid e Paris.

O legado de regeneração foi a pedra angular da candidatura de Londres para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2012. Tornou-se uma lógica racional para hospedar os Jogos, justificando o grande investimento no Lower Lea Valley a Este de Londres, que iria fluir a partir de uma candidatura bem sucedida¹⁶⁷

Duas das razões chave que levaram a cidade de Londres a ser selecionada foi o seu compromisso com a sustentabilidade e a regeneração proposta para *East London*, com planos de desenvolvimento de legado definidos mesmo antes da realização dos jogos: “Na candidatura de Londres, o maior ênfase é colocado no legado e pós-efeitos da oportunidade olímpica de alavancagem, ao invés do evento, seu conteúdo e propósito”.¹⁶⁸

Pela primeira vez na história olímpica foi exigido que o projeto para os jogos olímpicos descrevesse explicitamente os legados que os jogos trariam à cidade. A candidatura de Londres especificou quatro temas de legado considerados essenciais: desporto, comunidade, ambiente e economia, e “o RU foi apresentado com a oportunidade de criar e entregar algo verdadeiramente distinto”.¹⁶⁹

Londres propôs na sua candidatura ao COI o seguinte slogan: *The first sustainable Olympic and Paralympic Games* (“Os primeiros Jogos Olímpicos e Paralímpicos sustentáveis”), com o objetivo de demonstrar os benefícios diretos e aqueles que seriam derivados das mudanças que este evento seria capaz de alcançar numa parte não desenvolvida, mas estratégica de Londres. O lema proposto por Londres ao COI foi inspirado por um outro slogan, o da WWF / BioRegional, *One Planet living*, criado para combater uma sociedade global que divide o uso dos recursos do planeta além das suas capacidades regenerativas, procurando o desenvolvimento sustentável.

¹⁶⁷ Brawn, R., Cox, G. & Owens, M. (2012). “Bid, delivery, legacy - creating the governance architecture of the London 2012 Olympic and Paralympic Games legacy”, em *Australian Planner* 49:3, p. 226. “The regeneration legacy was the cornerstone of the London bid for the 2012 Olympic and Paralympic Games. It became a powerful rationale for hosting the Games, justifying major investment into the Lower Lea Valley in East London that would flow from a successful bid.” [Tradução da autora].

¹⁶⁸ Gold, F. & Gold, M. (2011). *Olympic cities: city agendas, planning, and the world's games 1896-2016*, p. 361. “In London’s bid, the greatest emphasis is placed on the legacy and after-effects of the Olympic leverage opportunity, rather than the event, its content and purpose.” [Tradução da autora].

¹⁶⁹ Barrett, C. & Dyckhoff, T. (2012). *Architecture of London 2012: vision - design - legacy*, p. 6. “the UK was presented with the opportunity to create and deliver something truly distinctive.” [Tradução da autora].



Fig. 101. e 102. Área olímpica antes da intervenção

O *London Plan 2004*, reconhecia já os jogos olímpicos como uma oportunidade estratégica,¹⁷⁰ identificando a organização dos jogos de 2012 como “o principal catalisador para mudança e regeneração no leste de Londres, especialmente o Lower Lea Valley, nivelando recursos, estimulando a oportuna conclusão do investimento em infraestrutura já programado e deixando um legado a ser valorizado pelas gerações futuras”.¹⁷¹ O plano classifica Stratford como uma das 28 áreas de oportunidade para desenvolvimento de novas habitações e de postos de trabalho, que culminaria com a renovação urbana de *East London*, trazendo benefícios para a zona de Stratford: “Desde o início, os mantras de definição de Londres 2012 têm sido regeneração e legado”.¹⁷² Desde o início que o Comité Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Londres (LOCOG - *London Organising Committee of the Olympic and Paralympic Games*)¹⁷³ enfatizou a importância do seu conceito de legado. Impulsionado pelos novos requisitos do COI e pelas colaborações no planeamento entre o presidente, entidades públicas, financiadores privados, resultou num ambicioso projeto de desenvolvimento urbano que visava utilizar os JO como um poderoso catalisador para os investimentos de transporte e regeneração da zona Este de Londres. Em 2011, os jogos olímpicos foram completamente integrados na versão revista do *London Plan*.

Para além do LOCOG, um outro organismo responsável pela organização dos JO é a *Olympic Delivery Authority* (ODA), que, ao contrário do primeiro, recebe financiamento público, responsabilizando-se pela construção das infraestruturas do evento, visando direcionar a maior parte dos investimentos para a regeneração das áreas mais degradadas, com foco no legado urbano e social.

Os jogos forneceriam assim o impulso necessário para a regeneração sustentável da zona Este de Londres, servindo como catalisador principal de transformação da *Lea Valley* em muito menos tempo do que seria necessário se os jogos não se fossem realizar.

A ideia da criação de um parque olímpico em *East London*, um lugar onde a disponibilidade de terrenos e a necessidade de regeneração coincidiam, foi impulsionada por um consórcio formado pelo empreendedor social Andrew Mawson, o arquiteto Richard Rogers, Mark Bostock da empresa de engenharia e Richard Sumray do desporto de Londres.¹⁷⁴

Perto da foz do rio Tamisa, *East London* foi durante vários anos o porto da cidade caracterizado pelas docas, indústrias e bairros de classe operária, servindo quase como que

¹⁷⁰ Mayor of London (2004). *The London Plan 2004*, p. 242.

¹⁷¹ Mayor of London (2004). *The London Plan 2004*, p. 139. “major catalyst for change and regeneration in east London, especially the Lower Lea Valley, leveraging resources, spurring timely completion of already programmed infrastructure investment and leaving a legacy to be valued by future generations.” [Tradução da autora].

¹⁷² Hartman, H. (2012). *London 2012 Sustainable Design: Delivering a Games legacy*, p. 10. “From the outset, the defining mantras of London 2012 have been regeneration and legacy.” [Tradução da autora].

¹⁷³ O Comité Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Londres é uma entidade organizadora dos jogos que coordena o projeto, em que a quase totalidade de financiamento deriva de fontes privadas.

¹⁷⁴ Brawn, R., Cox, G. & Owens, M. (2012). “Bid, delivery, legacy - creating the governance architecture of the London 2012 Olympic and Paralympic Games legacy”, em *Australian Planner*, 49:3, p. 227.



Fig. 103. Divisão dos boroughs abrangidos pela área olímpica

Newham
 Tower Hamlets
 Hackney
 Waltham Forest

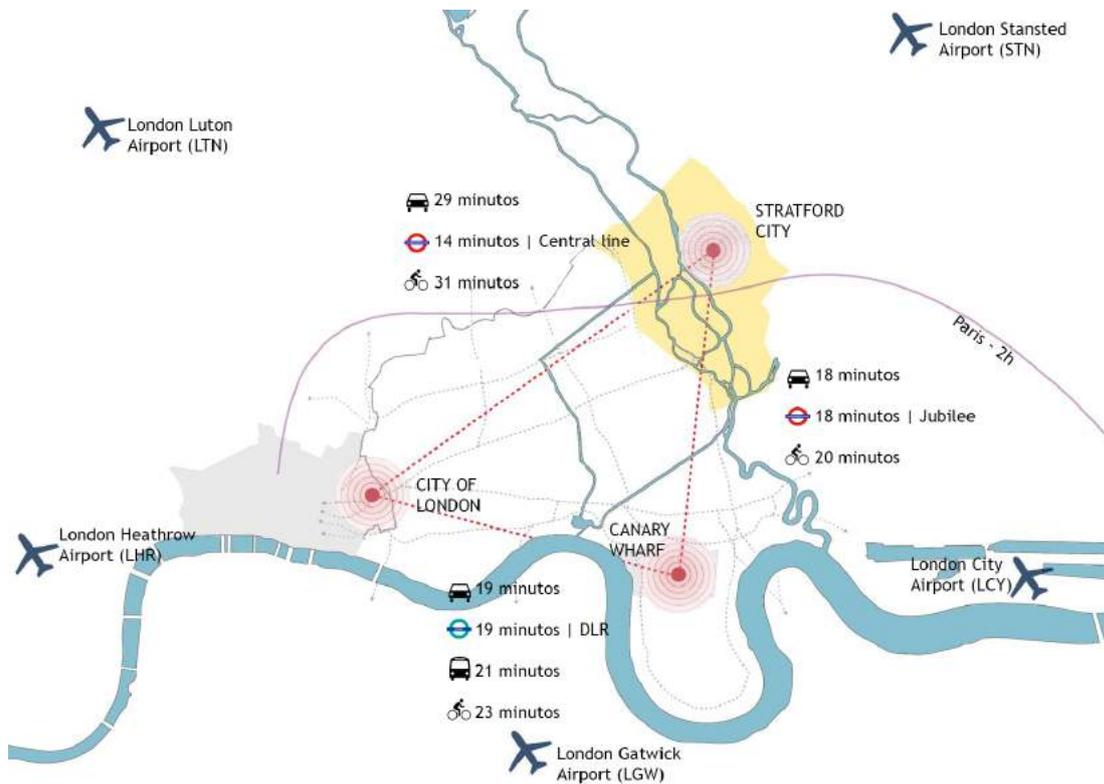


Fig. 104. Conexões a partir da área olímpica

uma zona de serviço da cidade, que sofreu um grande declínio na segunda metade do século XX com o encerramento das docas.

A zona *Lower Lea Valley*, onde se centralizam as propostas olímpicas emergentes para os JO, situam-se na *East London*, ao longo da margem do rio Lea e de um complexo de canais de navegação, a norte de Canary Wharf e a nordeste da *City of London*. O coração dos jogos olímpicos de 2012 é um Parque Olímpico que se situa nesta área, que ocupa 256 hectares e abrange quatro *boroughs* de Londres: Newham, Tower Hamlets, Hackney e Waltham Forest. Estas freguesias necessitavam de desenvolvimento e mudança, pois sofriam de uma série de problemas socioeconómicos, não sendo apenas um dos lugares mais desfavorecidos de Londres, como também de todo o Reino Unido. Apesar de existirem dezenas de projetos de regeneração para esta área, nenhum deles tinha sido implementado até então. Importa referir que, sendo o transporte um aspeto importante da regeneração da zona, uma vez que boas ligações são essenciais para promover a área e atrair as pessoas, esta zona encontrava-se favorecida uma vez que se encontra numa posição favorável com ligações excelentes de transporte ao centro de Londres e ao aeroporto de Heathrow. Para além disso, um elemento fundamental é a Estação Internacional de Stratford, que funciona como charneira de desenvolvimento e conexão com a Europa através da linha de alta velocidade, sendo possível viajar até Paris, por exemplo, em apenas 2 horas.

À semelhança de Barcelona, a capital inglesa procura revitalizar uma área industrial da cidade, tendo planos para a cidade prévios ao evento. Os jogos foram usados como um catalisador para a mudança, impulsionando a construção em poucos anos de projetos que de outra forma teriam levado décadas para realizar.

Embora haja sempre coisas que podem ser melhoradas não temos nenhuma hesitação em confirmar que Londres 2012 apresentou os Jogos mais sustentáveis de sempre. Nós felicitamos todos os organismos de entrega e orgulhamo-nos de ter feito uma pequena contribuição para esta conquista.¹⁷⁵

O compromisso do LOCOG foi o de sediar os jogos mais sustentáveis de sempre em termos económicos, ambientais e sociais. O sucesso de Londres 2012 em sustentabilidade é mais do que aquilo que se pode observar diretamente: por exemplo, em vez de serem utilizadas turbinas eólicas, uma porção da energia do parque vem de caldeiras de biomassa do novo centro energético e a maior parte dos materiais dos edifícios demolidos do parque foram reutilizados ou reciclados. A forma e extensão do parque foi determinada pela topografia e as condições hidrológicas, oferecendo uns sistemas de barreiras artificiais para retenção de água, de forma a evitar inundações.

¹⁷⁵ Shaun McCarthy em Commission for sustainable London 2012 (2012). *London 2012 - from vision to reality*, p. 2. “Whilst there are always things that can be improved we have no hesitation in confirming that London 2012 has delivered the most sustainable Games ever. We congratulate all the delivery bodies and we are proud to have made a small contribution to this achievement”. [Tradução da autora].



Fig. 105. Edifícios construídos para os jogos olímpicos.

■ Edifícios permanentes ■ Edifícios temporários

1- estádio olímpico | 2- centro aquático | 3- arena de polo aquático | 4- arena de andebol | 5- IPC/MBC
 6-centro de hóquei | 7- velódromo | 8- arena de basquetebol | 9- vila olímpica e paralímpica
 10-chobham academy | 11- policlínica | 11- hospital olímpico



Fig. 106. Área olímpica. Centro aquático com as alas das bancadas construídas temporariamente para os jogos

O projeto constitui muito mais do que apenas um parque olímpico com várias instalações desportivas, dando origem a um bairro urbano sustentável com um grande parque propício para a prática desportiva de todos os habitantes, competindo com os grandes parques principais de Londres. Aproveita-se o megaevento para sensibilizar as pessoas da necessidade de preservar o meio ambiente e de viver em harmonia com este, e da importância que o desporto pode ter na vida de cada um, propiciando áreas agradáveis para caminhadas e ciclismo, com os rios e relvados verdes que formam o coração do parque olímpico.

Parque Olímpico

A filosofia de Londres 2012 foi clara: flexibilidade, economia, acessibilidade, e sustentabilidade. O verdadeiro desafio, porém, não era apenas para fazer o parque acontecer, mas para torná-lo de boa qualidade, para capturar o romance dessas imagens que ajudaram a ganhar a candidatura. É um ato de equilíbrio todo poderoso.¹⁷⁶

A equipa responsável pelo *Master Plan* do parque foi selecionada através de uma competição internacional, saindo vencedor o grupo composto por Allison e Morris, Foreign Office Architects (FOA), dois estúdios londrinos e EDAW, uma companhia americana com sede em Londres. Depois de um período de 2-3 anos e de elaboradas as primeiras propostas, os FOA demitiram-se, sendo substituídos pelo atelier holandês Kees Christianne Architects, na fase de desenvolvimento do *Legacy Plan*, o plano de gestão a longo prazo do património construído para os jogos. O projeto paisagístico foi realizado por George Hargraves, baseado nas diretrizes do projeto dos FOA e EDAW apresentado na competição.

A proposta responde à problemática do legado com a implementação de diversos edifícios temporários, comprometendo-se a construir novos edifícios apenas quando o uso a longo prazo destes seja justificado com um plano de negócios viável.

O parque hospedou dez instalações desportivas, centros de média, áreas verde e a vila olímpica. De acordo com o que foi estabelecido na fase de planeamento, quatro dos edifícios são permanentes, deixados em atividade após os jogos (o estádio olímpico, o velódromo, o centro aquático e a arena de andebol), enquanto os outros tiveram um caráter efémero, sendo demolidos, desmontados ou recolocados (o estádio riverside, a arena de basquetebol, e a arena de polo aquático). No local onde se localizaram os edifícios temporários estão atualmente a ser construídas infraestruturas que complementam e desenvolvem a área, como complexos habitacionais, escolas, centro de saúde e centros sociais.

Alguns edifícios permanentes foram adaptados após o evento, entre os quais o centro aquático projetado por Zaha Hadid, que perdeu as alas das bancadas com capacidade para

¹⁷⁶ Barrett, C. & Dyckhoff, T. (2012). *Architecture of London 2012: vision - design - legacy*, p. 41. "London 2012's philosophy was clear: flexibility, economy, affordability, accessibility and sustainability. The real challenge, though, was not just to make the Park happen, but to make it of good quality, to capture the romance of those alluring images that helped win the bid. That's one almighty balancing act." [Tradução da autora].



Fig. 107. Centro aquático



Fig. 108. Velódromo



Fig. 109. Estádio olímpico, dezembro 2014



Fig. 110. Estádio olímpico, maio 2016



Fig. 111. Interior da Arcelor Mittal Orbit



Fig. 112. View tube



Fig. 113. Arena de andebol e espaço público

17.000 pessoas. Este possui duas piscinas de 50 metros e uma de 25 metros, e um grande centro de fitness, estando apto para hospedar clubes locais e eventos de natação, com uma capacidade máxima de 3500 espectadores.

Também o estádio olímpico sofreu alterações depois do evento, tendo sido apropriado para receber a equipa local de futebol, o West Ham. O estádio, situado na ilha que é recortada pelo rio Lea, foi projetado pela empresa HOK, das principais empresas de projetos de equipamentos desportivos do mundo. Foi inicialmente pensado para 80 000 espectadores, tendo sido após o evento transformado num estádio mais pequeno para 25 000 pessoas, desmontando-se a parte superior. Construído sobre os critérios de sustentabilidade propostos, tornou-se o centro desportivo de referência para a zona urbana de Londres, visto que Wembley continua a ser o estádio principal da cidade. A ideia de usar o estádio de Wembley como referência principal dos jogos foi descartada de início uma vez que a distância entre as duas zonas é bastante significativa.

O Velopark (velodromo), uma estrutura muito simples projetada por Michael Hopkins, é um edifício quase inteiramente feito de madeira, avançado do ponto de vista dos aspetos bioclimáticos, e foi transformado depois do evento numa estrutura multidisciplinar para ciclismo. Este edifício personifica como nenhum outro os lemas dos JO de Londres 2012: pragmatismo, acessibilidade, sustentabilidade e design.

Os maiores impactos dos jogos na zona foram a implementação da regeneração da zona Este de Londres, revitalização e criação de espaços públicos numa área que antes se encontrava bastante degradada e abandonada, e a melhoria dos acessos à zona, principalmente com a estação de Stratford, maximizando a contribuição da organização dos JO a favor das políticas de desenvolvimento territorial. No fundo, um dos grandes objetivos da operação *London 2012* seria também evitar dar origem a grandes edifícios que permaneceriam abandonados, ou seja, evitar *elefantes brancos*.

A *Olympic Park Legacy Company* (OPLC) foi fundada em 2009 para criar o projeto para o Parque Olímpico Queen Elizabeth, como foi chamado o parque olímpico depois do evento, e que abriu ao público em 2013. A OPLC é responsável pela manutenção, administração, planeamento e desenvolvimento da região após os jogos, devendo gerir a “herança” do património olímpico, coordenando atividades para os habitantes e visitantes.



Fig. 114. e 115. Projeto Stratford City Development



Fig. 116. Entrada east village london



Fig. 117. Projeto vila olímpica / East Village

- Conjuntos habitacionais construídos para os jogos olímpicos | vila olímpica
- Conjuntos habitacionais construídos após os jogos olímpicos

3. A vila olímpica de Londres

Quando Londres ganhou a candidatura para hospedar os jogos olímpicos de 2012, já tinha sido concedida uma permissão de planeamento para mais de 5 000 casas como parte do *Stratford City Development*, desenvolvido pelos arquitetos Fletcher Priest para a equipa de desenvolvimento Chelsfield Stanhope London e Continental Railways. Foi então decidido que o desenvolvimento da vila olímpica seria aquele já planeado para a *Stratford City*¹⁷⁷, uma das razões que foi usada como justificação para a seleção de Londres como cidade anfitriã. O projeto que foi construído resultou de uma negociação para adaptar o sistema previamente aprovado à nova realidade: em 2007 fizeram-se algumas alterações ao plano, integrando parte da vila olímpica com o projeto para *Stratford City*, permitindo a utilização de planos já existentes como parte deste.

A integração dos dois projetos levantou algumas questões sobre o ganho concreto em termos de habitação relativo ao legado olímpico.¹⁷⁸ A *Freedom of Information* questiona sobre o facto de se ter chamado legado habitacional a estas novas habitações que já iriam ser construídas de qualquer forma, pergunta à qual a ODA recorre ao argumento de que estas não teriam sido entregues até muito mais tarde, se não tivesse sido para as Olimpíadas:

Embora seja correto dizer que esta habitação teria sido construída de qualquer maneira, é chamada de legado de habitação porque, mas para os jogos, estas habitações não teriam sido construídas até 2012 mas antes teria levado muito mais tempo para ser construído. O facto de os jogos terem acelerado a construção destas unidades torna a habitação, especialmente por causa do momento da sua entrega, legado de habitação.¹⁷⁹

Como já vimos, a região de Lea Valley, uma das mais pobres da cidade de Londres, caracterizada pela degradação das infraestruturas existentes, a privação da comunidade e altos níveis de desemprego, seria diretamente impactada pela organização dos JO, tendo sido garantidos grandes investimentos que fluem em novas instalações e espaços públicos antes de 2012. Além das intervenções já citadas no ponto anterior, várias estratégias de habitação e de integração social seriam consequência direta do evento.

Foram escolhidos dezassete arquitetos após uma competição da *Architecture Foundation*,¹⁸⁰ encarregados de garantir uma paisagem de rua variada, uma solução idêntica

¹⁷⁷ Bernstock, P. (2014). *Olympic Housing*. p. 113

¹⁷⁸ Idem, ibidem.

¹⁷⁹ Olympic Delivery Authority. (2008). Disponível em <http://www.gamesmonitor.org.uk/files/FOI%20response%20re%20Athletes%20Village.pdf>. “Whilst it is correct to say this housing would have been built anyway, it is called legacy housing because but for the games, this housing would not have been built by 2012 but rather would have taken a much longer time to built. The fact that the Games has sped up the building of these units makes the housing, especially because of the timing of its delivery, Legacy housing.” [Tradução da autora].

¹⁸⁰ A *Architecture Foundation* foi o primeiro centro de arquitetura independente da Grã Bretanha (fundado em 1991). Organiza exposições públicas, competições e debates.



Fig. 118., 119., 120., 121., 122. e 123. Diferentes conjuntos de edifícios, projetados por diversos arquitetos

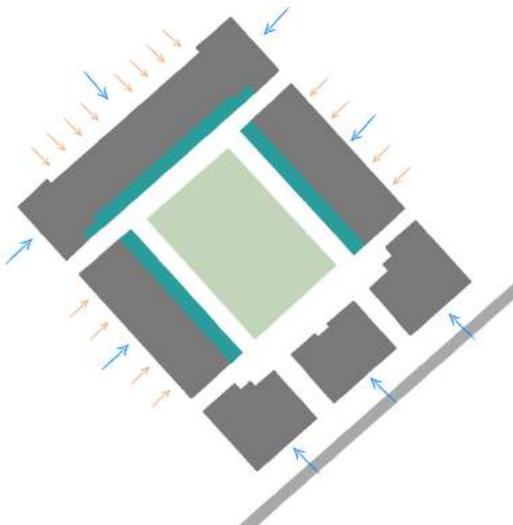


Fig. 124. Conjunto habitacional de sete blocos

Pátios interiores comuns
 Pátios privados
 Entradas comuns do prédio
 Entradas individuais



Fig. 125. e 126. Pátios interiores



Fig. 127. e 128. Entradas individuais

aquela que foi adotada em Barcelona. Foi criado um conselho interno de revisão do design, impulsionado por Ricky Burdett, que estabeleceu uma série de diretrizes a serem seguidas, de forma a evitar uma eventual falta de compatibilidade entre cada um dos projetos individuais. “Foi um processo bastante aberto de ver o que os arquitetos achavam que as regras deveriam ser e assimilá-las numa linguagem comum”,¹⁸¹ comentou um dos arquitetos nomeados, Glenn Howells “o objetivo foi criar um lugar de referência, em vez de uma série de edifícios de referência”.¹⁸² Ao andar ao redor da vila, é curioso observar como os diferentes arquitetos responderam ao desafio, abraçando as realidades frágeis, transformando o que poderia ser um compromisso relutante em algo que celebra as circunstâncias peculiares.

A vila é composta por onze conjuntos de volumes de edifícios separados cada um em sete blocos que variam entre oito a doze andares de altura, construídos em torno de pátios interiores. Três destes sete blocos são de nove / dez andares de altura e abrem-se para a estrada principal. No rés do chão destes blocos encontram-se espaços para lojas e outras instalações essenciais, colocados estrategicamente em frente a ruas ou praças principais. Os quatro blocos restantes constituem uma mistura entre triplex T3/T4 no rés do chão, e propriedades T1/T2 nos pisos acima. As habitações triplex são dedicadas a *maisonettes*,¹⁸³ com fachadas de rua ativas, portas dianteiras no rés do chão e jardim traseiro no primeiro andar, o que permite que a zona de estacionamento fique, de certa forma, escondida debaixo dos pátios. Os apartamentos acima destes têm normalmente uma varanda privada.

Os edifícios da vila são de uma qualidade excepcional, construídos segundo o lema de sustentabilidade dos jogos, com materiais que lhes permitem uma grande durabilidade, muito superiores à maior parte dos edifícios habitacionais equivalentes na cidade.

Aqui a qualidade do acabamento e a atenção ao detalhe são exemplares. Muitos estudos foram elaborados ao longo dos últimos anos mostrando como fazer habitação de alta densidade funcionar - e a vila teve o livro de regras lançado nele. Dez dos vinte e sete hectares que ela cobre são entregues ao espaço comunal, pátios fechados equipados com áreas de jogo muito necessárias e belos jardins paisagísticos.¹⁸⁴

As ruas em si são desenhadas como avenidas arborizadas e algum estacionamento integrado. Ao contrário do que se poderia imaginar, pelo facto de estas estarem cercadas

¹⁸¹ Glenn Howells. Referido em Wainwright, O. (2012). *London 2012 Athletes' Village*. [em linha]. “It was quite an open process of seeing what the architects thought the rules should be and assimilating them into a common language” [Tradução da autora].

¹⁸² Idem, ibidem. “The objective was to create a landmark place, rather than a series of landmark buildings.” [Tradução da autora].

¹⁸³ *Maisonettes* são apartamentos que normalmente têm uma porta separada para o exterior do resto dos apartamentos do mesmo edifício.

¹⁸⁴ Smith Institute (2012), p. 19, referido por Bernstock, P. (2014). *Olympic Housing*, p. 118. “Here the quality of finish and attention to detail are exemplary. Many studies have been drawn up over recent years showing how to make high density housing work - and the village has had the rulebook thrown at it. Ten of the twenty seven hectares it covers are given over to communal space, closed courtyards equipped with much needed play areas and handsomely landscape gardens.” [Tradução da autora].



Fig. 129. Vila olímpica Londres



Fig. 130. Rua vila olímpica com estacionamento de acesso público

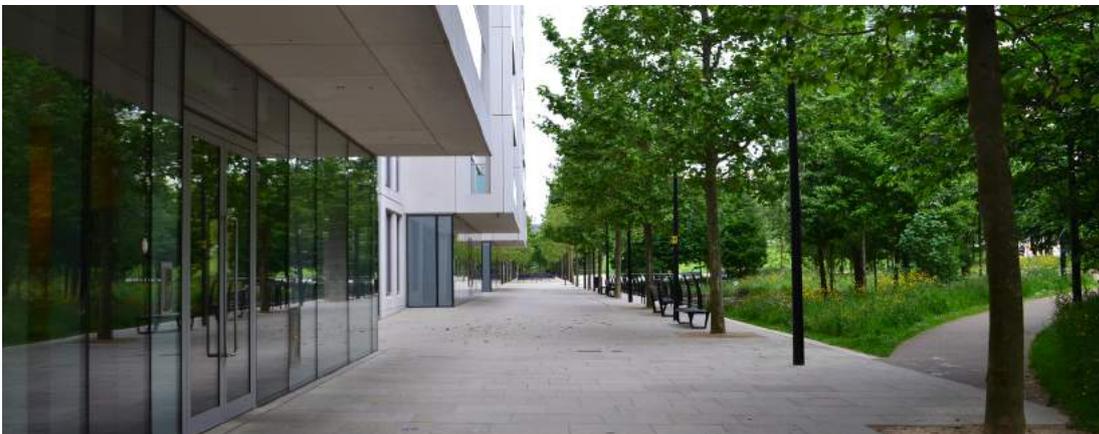


Fig. 131. Rua vila olímpica com espaços comerciais



Fig. 132. Entrada de acesso a estacionamento privado

por edifícios que têm entre 20 a 30 metros de altura, com grandes extensões de plantação no meio, não há uma sensação de clausura, ou de um espaço cheio de edifícios onde de vez em quando se erguem ruas e praças, mas pelo contrário, está muito presente o grande espaço urbano, pontuado por edifícios.

Período pós jogos

Desde o início, que o plano pós jogos para a vila olímpica seria servir de residência para a comunidade, acomodando pessoas de diferentes classes económicas, estatutos sociais e nacionalidades, com apartamentos sustentáveis e acessíveis a pessoas com necessidades especiais,¹⁸⁵ criando uma comunidade de alta densidade com 2 800 novas habitações, que beneficiaria ainda de uma excelente proximidade de transportes públicos. Assim, a zona viria a incluir uma escola (Chobham Academy), uma clínica (Sir Ludwig Guttmann Health Centre) e diversas lojas, de forma a ampliar a variedade de serviços disponibilizados, pois um domínio público de qualidade é fundamental para apoiar a sustentabilidade a longo prazo de um novo bairro urbano de Londres.

Levou um ano a ser feita a reconversão física da vila olímpica na *East Village*, pois esta exigiu diversas intervenções como a adição de cozinhas nos apartamentos (não incluídas no projeto inicial) e a reparação de certos elementos.

No entanto, como afirma Hartman, “a história por trás da Vila Olímpica e Paralímpica é a mais complexa de todo o projeto de Londres 2012”.¹⁸⁶ A ODA foi a responsável pela transformação da vila olímpica, e a construção desta está dividida em duas fases: a primeira que vai de 2008 a 2012, onde é construída a VO propriamente dita, e uma segunda fase de 2012 a 2020, onde é construído o *master plan* pós evento, pensado de forma a complementar a regeneração de *Lea Valley*, com a construção de 11 000 novas habitações.

Cinco novos bairros foram planeados para a zona, a ser implementados até 2030 (Chobham Manor, Sweetwater, East Wick, Marschgate Wharf, Pudding Mill), planeados em torno de espaços verdes, oferecendo todos eles áreas desportivas, jardins de infância, espaços comunitários, centros de saúde e lojas, entre outros. Este plano cobre o parque olímpico e parte de Newham, Hackney, Waltham Forest e Tower Hamlets.

Contrastando com os blocos de habitação da *East village*, estes novos bairros foram planeados tendo como inspiração as moradias geminadas das ruas de Londres, com uma forte ênfase na habitação familiar.

Chobham Manor, situado no canto norte do parque, entre o velódromo e *East village*, foi o primeiro bairro a ser desenvolvido depois dos jogos, fornecendo 828 novas habitações das mais variadas tipologias (casas individuais, apartamentos, *maisonettes*).

¹⁸⁵ A vila foi utilizada também nos jogos paralímpicos no mesmo ano.

¹⁸⁶ Hartman, H. (2012). *London 2012 Sustainable Design: Delivering a Games legacy*, p. 198. “The story behind the Olympic and Paralympic Village is the most complex of the entire London 2012 project.” [Tradução da autora].



Fig. 133. Localização bairros planejados a serem construídos até 2020

Chobham Manor East Wick Sweetwater Marshgate Wharf Pudding Mill



Fig. 134. Chobham Manor em fase de construção, maio 2016



Fig. 135. Edifício na East Village em fase de construção, maio 2016



Fig. 136. East Wick



Fig. 137. East Wick e Sweetwater



Fig. 138. Pudding Mill

East Wick, no lado noroeste do parque, perto de Hackney Wick, foi planeado de forma a oferecer 870 novas habitações. Absorvendo a essência criativa e cultural da área de Hackney Wick e Fish Island, este bairro será um novo centro para as indústrias criativas e tecnológicas, negócios e instalações comunitárias. A sul da zona encontra-se a *Copper Box Arena*.

Sweetwater, no lado sudoeste do parque, será caracterizado por um máximo de 650 habitações das mais variadas tipologias, entre apartamentos e casas unifamiliares com jardins privados, e um espaço verde comum junto ao canal do rio Lee.

Mashgate Wharf, surgirá no centro do parque olímpico, mesmo ao lado da Arcelor Mittal Orbit, numa posição estratégica entre o estádio olímpico e a poucos minutos da estação de Stratford. Com 2500 novas habitações previstas, é o mais atípico dos cinco bairros, continuando a tipologia dos blocos de alta densidade da vila olímpica, com uma “porta de entrada metropolitana” para o parque, prevendo-se uma das áreas mais animadas da cidade para viver e visitar.

Por fim, o bairro de *Pudding Mill*, surge ao longo da *Greenway*, localizado na confluência de rios e canais na zona sudeste do parque, com um caráter industrial e composto por parcelas de terra irregulares emolduradas por linhas férreas, viadutos e estradas. Está prevista a construção de habitações ao longo do curso de água, perto de edifícios pré existentes. Por conseguinte, o desenvolvimento proporcionará mais uma vez uma variedade de tipologias de habitação, equilibrando as demandas da população com as suas utilizações criativas e industriais.

Considerações finais

Considerações finais

Ao longo dos últimos cem anos, os jogos olímpicos desempenharam um papel cada vez mais importante no incentivo à mudança das cidades anfitriãs. A realização de um megaevento como os jogos olímpicos, proporciona uma oportunidade para a implementação de projetos que de outro modo poderiam nunca ser realizados. Apesar de o evento em si ser de curta duração, as mudanças que ele traz podem ter consequências importantes para a cidade anfitriã, podendo ser visto como um catalisador para a mudança. Apesar de os JO serem certamente o evento desportivo com mais impacto mundialmente, muitos ensinamentos podem ser tirados ao observar vários tipos de megaeventos realizados ao longo da história, sendo importante considerar os vários impactos destes em relação ao contexto em que se inserem.

Não há dois megaeventos iguais. Cada um é diferente dos outros seja em tamanho, orçamento, conteúdo, ciclo de vida, impacto e legado. Por esta razão, não é possível definir as melhores práticas a serem realizadas pelas cidades que hospedam este tipo de eventos, pois cada um, com as suas características e contexto, apresenta experiências inovadoras, com diferentes efeitos em cada cidade, apesar de todos terem objetivos semelhantes para estas.

O primeiro ensinamento que se pode tirar após a realização desta dissertação é que o evento só pode ser bem sucedido se for parte de um contexto geral, um planeamento coletivo e fortes parcerias entre os líderes da cidade, organizadores dos jogos, autoridades regionais e nacionais, comunidades locais, parceiros comerciais, e claro, todos os membros da família olímpica: o COI, os CON e as FI.¹⁸⁷

Alcançar benefícios como resultado da hospedagem dos JO existiu como um conceito desde a proposta de restituição dos jogos modernos por Pierre de Coubertin. A medição do legado olímpico é, no entanto, complexa. Este tanto pode ser positivo como negativo, embora na bibliografia consultada o termo “legado” em si ser maioritariamente utilizado para representar algo positivo que resultou do evento. De qualquer das formas, qualquer megaevento deixa uma herança para a cidade, sendo por isso importante o estudo sobre o legado olímpico como forma de minimizar ou evitar maus investimentos, que muitas vezes resultam em *elefantes brancos*. Este estudo deve ser feito observando jogos passados, de forma a que as cidades que hospedarão um evento desta dimensão no futuro possam aprender a gerenciar melhor o legado que advirá deste, aprendendo com os erros e com os sucessos das outras cidades sede.

Os inúmeros exemplos de legados positivos que as cidades sede conseguem alcançar nos JO são o testemunho do poder do evento, não só como um evento desportivo mas como um catalisador para o desenvolvimento de uma cidade. De forma a cada vez mais serem alcançados legados sustentáveis, o COI começou a exigir às cidades candidatas dos JO uma justificação do legado expectável por estas como parte dos seus documentos de

¹⁸⁷ IOC (2012). *Olympic Legacy*.

candidatura, tornando-se estes um critério essencial na avaliação e escolha das cidades anfitriãs dos jogos:

As cidades candidatas estão aumentando o ênfase nos legados que a hospedagem dos Jogos pode trazer para as suas cidades e o COI está comprometido em apoiar e promover o legado positivo que os Jogos podem oferecer.¹⁸⁸

Esta oportunidade de aproveitar os jogos olímpicos como uma estratégia e ferramenta no desenvolvimento de uma cidade ou de uma zona desta, começou com o caso de Barcelona, quando, pela primeira vez na história, os projetos olímpicos visavam a promoção do desenvolvimento estratégico da cidade como um todo.

Graças aos JO, Barcelona tornou-se uma cidade diferente. Passou de uma cidade com deficit de serviços e infraestruturas a uma cidade reestruturada e dinâmica, cumprindo o seu objetivo de rejuvenescer uma urbe que havia sido negligenciada por décadas: “As Olimpíadas foram uma desculpa para reinventar a cidade e dar um salto qualitativo de mais de 25 anos em apenas seis.”¹⁸⁹

De facto, as mudanças nas infraestruturas urbanas que ocorreram em torno da cidade de Barcelona nessa altura, podem ser consideradas como uma das transformações urbanas mais ambiciosas de uma cidade no período pós guerra.¹⁹⁰ Implementou-se uma transformação radical que consolidou novas infraestruturas de transportes (sistemas rodoviários, ferroviário, metros, extensão do aeroporto), capacidades hoteleiras, a recuperação da praia e zona ribeirinha que abriu a cidade para o mar, a construção de novas habitações através da vila olímpica e muitos outros projetos urbanísticos e arquitetónicos destinados a recuperar o equilíbrio da cidade e a qualidade de vida dos cidadãos.

O investimento feito, a transformação urbana e o uso eficiente da oportunidade olímpica e do legado foram todos altamente positivos, e por isso começou a ser referido o “modelo Barcelona” para a organização de megaeventos, em relação à sua capacidade para gerar impactos de transformação urbana.

¹⁸⁸ IOC (2013). *Olympic Legacy*, p. 66. “Bid cities are placing increasing emphasis on the legacies that hosting the Games can leave for their cities and the IOC is committed to supporting these efforts and promoting the positive legacies that the Games can provide.” [Tradução da autora].

¹⁸⁹ Benosa, M., Cerezuela, B., Kennett, C., Peña, E. & Spà, M. (eds.) (2011). *An Olympic Mosaic: Multidisciplinary Research and Dissemination of Olympic Studies*, p. 87. “The Olympics were an excuse to reinvent the city and take a qualitative leap of more than 25 years in just six.” [Tradução da autora].

¹⁹⁰ Idem, ibidem, p. 125

Desde Barcelona 1992, as cidades sede dos Jogos Olímpicos aproveitaram a oportunidade para resolver problemas existentes, tais como área degradadas no centro da cidade e infraestrutura insuficiente. Os Jogos Olímpicos são agora considerados como um meio para melhorar a competitividade de uma cidade anfitriã no sistema urbano global. Projetos olímpicos foram usados como uma vitrine para a cidade¹⁹¹

Os projetos para os jogos olímpicos em Sydney, Atenas, Pequim e Londres são um exemplo de cidades que viram no “modelo Barcelona” uma oportunidade de desenvolvimento. É perceptível que estas seguiram as mesmas pegadas de Barcelona utilizando o evento como catalisador ou veículo de mudança, alguns parcialmente e outros mais profundamente.

À semelhança de Barcelona, Londres procura reinventar-se, diante de um cenário de pós crise, ocorrida em 2008, utilizando os jogos olímpicos como aceleradores de um projeto que já havia sido pensado para a cidade: a necessidade de regenerar uma área esquecida e degradada da cidade, reforçando-a com equipamentos habitacionais, desportivos, espaços verdes e infraestruturas de transporte. O “modelo Barcelona” encontra na capital inglesa uma recepção muito favorável que deixa vestígios tangíveis na zona Este da cidade.

O que distingue a cidade de Londres em relação a Barcelona é a grande maleabilidade entre o temporário e o permanente, permitindo planejar a fase pós evento, ao mesmo tempo que fornece as instalações necessárias para a realização do evento. A vila olímpica e o espaço público, pela sua natureza permanente tornam-se dois elementos de extrema importância nas duas cidades. Em Barcelona a vila olímpica dá continuidade à malha urbana de Cerdà, permitindo estender a cidade e aumentar a sua capacidade habitacional, e em Londres esta permite aumentar as infraestruturas de habitação da zona.

Como vimos no capítulo II, a evolução da vila olímpica ao longo dos anos, revela uma clara evolução e importância no seu papel urbanístico. Desde barracas a servir de alojamento, que caracterizou a primeira tentativa de vila olímpica em 1924 em Paris, até às vilas luxuosas e completas, com todos os tipos de serviço e instalações, como se fossem literalmente uma pequena vila dentro da cidade. Atualmente, uma vila olímpica, por mais pequena que seja, não é apenas uma espécie de acampamento temporário, mas um elemento significativo, tanto em termos de arquitetura como em termos de uso posterior ao longo do tempo. Estas surgem como um elemento permanente para a cidade, e uma das estruturas mais importantes a ser construída.

Como podemos concluir, a vila olímpica é muito mais do que um alojamento para acomodar atletas, e por isso deve ser estudada anos mais tarde para que se possa fazer uma

¹⁹¹ Qu, L. & Spaans, M. (2009). *The mega-event as a strategy in spatial planning: Starting from the olympic city of Barcelona*, p. 1297. “Since Barcelona 1992, host cities of Olympic Games have taken the opportunity to solve existing urban problems such as downgrades inner-city area and insufficient infrastructure. The OG are now also considered as a means to improve the urban competitiveness of a host city in the global urban system. Olympic projects were used as a showcase for the city.” [Tradução da autora].

análise das transformações que esta sofreu e que trouxe para a cidade. Por esta razão, ao estudar as vilas olímpicas no capítulo II, foi dada uma atenção especial ao que aconteceu com estes espaços ao longo do tempo, para descobrir se estas mudaram, melhoraram ou cresceram ao longo do tempo, ou mesmo se foram destruídas.

Alguns organismos vivem bem a sua primeira temporada, outros vivem até melhor também na sua segunda ou terceira temporada, que às vezes se pode desenrolar séculos depois da primeira; outros ainda parecem dormir após um grande, mas temporário, sucesso.¹⁹²

Ao longo das várias edições dos jogos, houve uma mudança completa na relação entre a vila olímpica e a cidade anfitriã, o que destaca o grande valor urbano da vila quando este é cuidadosamente estudado e planeado. As VO podem ser totalmente desconectadas e fisicamente distantes da cidade, como em Los Angeles em 1932 e em Berlim em 1936; podem servir como elementos de ampliação da própria cidade, como em Roma em 1960 e na Cidade do México em 1968; podem formar um novo centro urbano, como em Seul em 1988; podem restaurar o equilíbrio do desenvolvimento urbano não controlado, como em Atenas em 2004; ou podem ser um elemento fundamental na transformação dos espaços urbanos, como em Barcelona em 1992, mostrando como o planeamento urbano olímpico pode ser uma grande oportunidade para as cidades sede.¹⁹³

O Rio de Janeiro, onde se realizou a última edição dos jogos olímpicos em 2016, tem uma história rica de regeneração urbana através de eventos desportivos. A sua vitória nas olimpíadas de 2016 começou com a sua candidatura para os jogos Pan Americanos de 2007, que ganhou o direito de organizar. Embora estes não sejam de forma alguma comparáveis à escala dos jogos olímpicos, foram o trampolim para concorrer aos JO de 2012. Na fase de preparação para os jogos pan americanos, o comité organizador do Rio selecionou três zonas principais que receberiam transformações significativas: Barra de Tijuca, Maracaña e Copacabana.

Na altura de escolher o sítio para os JO de 2016 a escolha foi clara: a vila olímpica foi concebida como um novo bairro residencial na região da barra da Tijuca, uma área já parcialmente ocupada por um desenvolvimento residencial de baixa densidade, baseada num plano elaborado por Lucio Costa, em 1969. A vila, composta por trinta e um edifícios, foi projetada por Sérgio Dias, e é, até à data, a maior VO na história dos jogos olímpicos.

Enquanto que em Londres a abordagem de planeamento para os JO esteve de mãos dadas com o desenvolvimento do plano estratégico da cidade, no Rio, o planeamento estratégico tem sido orientado desde o final da década de 90 pelas necessidades que foram surgindo com

¹⁹² Bortolotti, M. & Pratelli, A. (2011). *Abitare olimpia: l'architettura dei village per le olimpiadi*, p. 278. "Alcuni organismi vivono bene la loro prima stagione, altri vivono addirittura meglio le loro seconde anche o terze stagioni, che a volte possono svolgersi secoli dopo la prima; altri ancora sembrano assopirsi, dopo un grande successo solo temporaneo." [Tradução da autora].

¹⁹³ Idem, ibidem.

os megaeventos. Desde o início que o Rio de Janeiro escolheu Barcelona como modelo, mas, apesar das suas tentativas de copiar o modelo de regeneração bem sucedido de Barcelona, o ingrediente chave para o sucesso (um plano estratégico e visão para o desenvolvimento urbano) falhou.

Hoje em dia, com tantos exemplos e tanta informação disponível, torna-se essencial a decisão, ainda em fase de candidatura, sobre que tipo de jogos a cidade quer ter: um evento que simplesmente passa, com poucos legados físicos permanentes, como Atlanta em 1996; um que deixa um legado excepcional transformando completamente a cidade, como Barcelona em 1992; um icónico e monumental, como Pequim em 2008. As oportunidades são diversas e devem ser adaptadas à cidade sede, não havendo um modelo que se possa adaptar a todas. No entanto, é fácil perceber que tipo de jogos não se quer ter: um com construções muito ambiciosas, como Montreal em 1976, e, principalmente, um que deixe para trás os tão temidos *elefantes brancos*.

É necessário refletir e planear os jogos pensando não apenas no curto termo, nos jogos em si, mas também no longo termo do período pós jogos. Os organizadores têm de ser realistas acerca daquilo que a cidade pode alcançar com a hospedagem dos jogos, o que não quer dizer, de todo, que não devam ser ambiciosos. Com as estratégias corretas, é possível utilizar as experiências anteriores das olimpíadas para entregar uma candidatura que vá de acordo com os planos da cidade.

Mais do que um simples evento desportivo, hospedar o maior evento do mundo do desporto pode ser visto como uma oportunidade única na vida para proporcionar novas infraestruturas e oferecer benefícios aos residentes e comunidades locais.

A informação obtida com este trabalho de pesquisa contribui para o crescente interesse sobre os megaeventos e o ênfase no legado criado por estes. Esta dissertação pode constituir uma ferramenta de análise inicial de experiências olímpicas anteriores, e também servir como uma oportunidade de reflexão para quem trabalha sobre a organização dos jogos. Tendo em vista uma investigação posterior seria interessante analisar a área de *Lea Valley* em Londres depois de concluídos todos os trabalhos, uma vez que neste momento ainda não é possível analisar o plano pós jogos no seu todo, uma vez que a maior parte dos bairros ainda não se encontra concluída.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Álvarez, F., Montaner, J. & Muxi, Z. (eds.) (2012). *Archivo crítico modelo Barcelona: 1973-2004*. Barcelona: Ajuntament de Barcelona

Barrett, C. & Dyckhoff T. (2012). *The architecture of London 2012: vision - design - legacy*. London: John Wiley & Sons

Benosa, M., Cerezuela, B., Kennett, C., Peña, E. & Spà, M. (eds.) (2011). *An Olympic Mosaic: Multidisciplinary Research and Dissemination of Olympic Studies*. Barcelona: Ajuntament de Barcelona & Centre d'Estudis Olímpics.

Bernstock, P. (2014). *Olympic Housing: A critical review of London 2012 Legacy*. London: Ashgate.

Biziouras, S. (2000). *Enriching the Legacy of Athens 2004 Olympic Village: The role of information Technology Infrastructure*. Massachusetts Institute of Technology. Disponível em <http://dspace.mit.edu/handle/1721.1/64554>

Bobbio, L. & Guala, C. (ed.). (2002). *Olimpiadi e Grandi Eventi. Verso Rorino 2006*. Roma: Carocci.

Bortolotti, M. (2009). *La origini del Villaggio Olimpico*. Los Angeles 1932 e Berlino 1936. Disponível em <http://disegnarecon.unibo.it/article/view/1979/1051>

Bohigas, O., Mackay, D. , Martorell, J. & Puigdomènech, A. (1988). *Transformación de un frente marítimo: Barcelona. La Villa Olímpica, 1992*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili

Bohigas, O. & Martorell, J. (1991). *La Villa Olímpica Barcelona 92: Arquitectura. Parques. Puerto deportivo*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili

Bortolotti, M. & Pratelli, A. (2011). *Abitare olimpia: l'architettura dei village per le olimpiadi*. Bolonha: Bologna University Press

- Brown, R., Cox, G. & Owens, M. (2012). "Bid, delivery, legacy - creating the governance architecture of the London 2012 Olympic and Paralympic Games legacy", em *Australian Planner* 49:3, 226-238. doi: 10.1080/07293682.2012.706964
Disponível em <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/21582041.2014.912792?scroll=top&needAccess=true&journalCode=rsoc21>
- Bruschi, A., Giovannelli, A. & Monaco, A. (2011). *Città e Olimpiadi: Roma 1960 - Barcelona 1992 - Beijing 2008 - London 2012*. Roma: Edizioni Nuova Cultura
- Busquets, J. (1992). *Barcelona*. Madrid: Editorial Mapfre, S.A.
- Campos, J. (1990). *Camino del 92: Barcelona, del proyecto a la realidad*. Barcelona: Ediciones First class.
- Carbonell, J. (2005). *The Olympic Village, ten years on: Barcelona: the legacy of the Games, 1992-2002*. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics UAB
Disponível em http://olympicstudies.uab.es/pdf/wp087_eng.pdf
- Chalkley, B. & Essex, S. (1998). Olympic Games: catalyst of urban Change. *Leisure Studies*, 17:3, 187-206. doi: 10.1080/026143698375123.
Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/026143698375123>
- Chalkley, B. & Essex, S. (2003). *Urban transformation from hosting the Olympic Games*. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics.
Disponível em https://www.researchgate.net/publication/255639747_Urban_transformation_from_hosting_the_Olympic_Games
- Chalkley, B. & Essex, S. (1999). Urban development through hosting international events: a history of the Olympic Games. *Planning Perspectives*, 14:4, 369-394. doi: 10.1080/026654399364184.
Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/026654399364184>
- Chen, Y., Qu, L. & Spaans, M. (2013). Framing the Long-Term Impact of Mega-Event Strategies on the Development of Olympic Host Cities. *Planning Practice & Research*, 28:3. 340-359. doi: 10.1080/02697459.2013.750072
Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/02697459.2013.750072>

- Commission for a sustainable London 2012 (2012). *London 2012 - From vision to reality*. London: Commission for a sustainable London.
http://www.cslondon.org/publications/?category=1&did=104 ??
- COOB'92 (1990). *A first guide to the Olympic Village*. Barcelona: Accommodation Division COOB'92
- COOB'92 (1992). *Official report of the games of the XXV Olympiad Barcelona 1992*. Barcelona: COOB'92.
Disponível em <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1992/>
- Drew, P. (1993). *La realidad del espacio: La arquitectura de Martorell, Bohigas, MacKay, Puigdomènech*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili
- Erten, S. (2008). *Spatial analysis of mega-event hosting: Olympic host and olympic bid cities*. Middle East Technical University.
Disponível em <http://etd.lib.metu.edu.tr/upload/12609390/index.pdf>
- Fernandes, S. (2006). *Os Jogos Olímpicos como Instrumento de Planeamento Urbano*. Porto: FEUC.
Disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/12202>
- Ferrari, S. & Guala, C. (2015). Mega-events and their legacy: Image and tourism in Genoa, Turin and Milan. *Leisure Studies*. doi: 10.1080/02614367.2015.1037788
Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/02614367.2015.1037788>
- Figueiredo, C. (1913). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Acedido em <http://www.dicionario-aberto.net/dict.pdf>.
- Gold, J. & Gold, M. (eds.). (2011). *Olympic cities: city Agendas, Planning, and the World's Games, 1896-2016*. Abingdon: Routledge.
- Gratton, C. & Preuss, H. (2008). Maximizing Olympic Impacts by Building Up Legacies. *The International Journal of the History of Sport*, 25:14, 1922-1938. doi: 10.1080/09523360802439023.
Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/09523360802439023>

Greater London Authority (2004). *The London Plan 2004*. London: Greater London Authority
Disponível em http://www.london.gov.uk/sites/default/files/the_london_plan_2004.pdf

Greater London Authority (2007). *Lower Lea Valley: Opportunity Area Planning Framework*. London: Greater London Authority.
Disponível em <http://www.london.gov.uk/file/8202>

Greater London Authority (2011). *The London Plan: the spatial development strategy for Greater London*. London: Greater London Authority
Disponível em <http://www.eustonareaplan.info/wp-content/uploads/2014/04/GOV8-The-London-Plan-2011-GLA.pdf>

Greater London Authority (2016). *The London Plan: the spatial development strategy for London consolidated with alterations since 2011*. London: Greater London Authority
Disponível em https://www.london.gov.uk/sites/default/files/the_london_plan_2016_jan_2017_fix.pdf

Guala, G. (2002). *Per una tipologia dei megaeventi*.
Disponível em http://www.sociologia.unimib.it/data/insegnamenti/4_3037/materiale/guala.pdf

Guardia, M.; Monclús, J. & Oyón, J. (1995). *Atlas histórico de ciudades europeas, vol. 1*. Barcelona: Salvat Editores. p. 64

Hartman, H. (2012). *London 2012 Sustainable Design: Delivering a Games Legacy*. London: John Wiley & Sons

Hiller, H. (2000). Mega-events, Urban Boosterism and Growth Strategies: An Analysis of the Objectives and Legitimations of the Cape Town 2004 Olympic Bid. *International Journal of Urban and Regional Research*, 24:2, 449-458. doi: 10.1111/1468-2427.00256
Disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1468-2427.00256/epdf>

IOC. (2013). *Olympic Legacy*. Lausanne: IOC
Disponível em <http://www.olympic.org/documents/olympic-legacy>

IOC. (2015a). *Olympic Games Framework: Produced for the 2024 Olympic Games*. Lausanne: IOC
Disponível em https://stillmed.olympic.org/Documents/Host_city_elections/IOC_Olympic_Games_Framework_English_Interactive.pdf

IOC (2005b). *Report of the IOC Evaluation Commission for the Games of the XXX Olympiad in 2012*. Lausanne: IOC

Disponível em https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/IOC/Olympic_Games/Olympic_Games_Candidature_Process/Past_Candidature_Processes/2012_Host_City_Election/EN_2012_Evaluation_Commission_report.pdf

IOC (2016). *Olympic Charter*. Lausanne: IOC. Disponível em <http://www.olympic.org/documents/olympic-charter>

IOC. (2016). *Olympic Summer Games Villages from Paris 1924 to Rio 2016*. The Olympic Studies Centre

Disponível em https://stillmed.olympic.org/Documents/Reference_documents_Factsheets/Olympic-Summer-Games-Villages-from-Paris-1924-to-Rio-2016.pdf

Kammeier, H. (2002). "Coping with 'pulsar effects' in the context of sustainable urban development: Towards a conceptual framework". 38th International Planning Congress of the International Society of City and Regional Planners (ISoCaRP), *Urban planning and the 'pulsar effect': Coping with peaks, troughs and repeats in the demand cycle*, Atenas.

Disponível em <http://www.kas.de/upload/dokumente/megacities/sustainableurbandevlopment.pdf>

Kassens-norr, E. (2012). *Planning Olympic Legacies: transport dreams and urban realities*. Abingdon: Routledge

Kassens-Noor, E., Maharaj, B., Müller, S., Huntoon, L. & Wilson, M. (2015).

Towards a mega-event legacy framework. *Leisure Studies*, 34:6, 665-671. doi: 10.1080/02614367.2015.1035316

Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/02614367.2015.1035316>

Kassens-Noor, E. (2012). *Planning olympic legacies: Transport dreams and urban realities*. Abingdon: Routledge

Kretschmer, H. & Viehoff, V. (2013). *Olympic Games Munich 1972 and London 2012: Creating urban legacies - similar concepts in different times*. London: IOC Olympic Studies Centre

Disponível em http://www.researchgate.net/publication/289980602_Olympic_Games_Munich_1972_and_London_2012_Creating_urban_legacies_-_similar_concepts_in_different_times

- Leopkey, B. & Parent, M. (2012). Olympic Games Legacy: From General Benefits to Sustainable Long-Term Legacy. *The International Journal of the History of Sport*, 29:6, 924-943. doi: 10.1080/09523367.2011.623006
Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/09523367.2011.623006>
- Liao, H. & Pitts, A. (2006). “A brief historical review of Olympic urbanization”. *The International Journal of the History of Sport*, 23:7, 1232-1252. doi: 10.1080/09523360600832502
Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/09523360600832502>
- LLDC (2014). *Local Plan: 2015 to 2031*. London: Local Legacy Development Corporation
Disponível em <http://www.queenelizabetholympicpark.co.uk/~ /media/lldc/local%20plan/local%20plan%20aug14/local%20plan.pdf>
- Llinés, M., Kidd, B. & Morangas, M. (eds.) (1996). *Olympic Villages: Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences*. Lausanne: International Symposium on Olympic Villages.
- Los Angeles Olympic Organising Committee. (1993). *The Games of the Xth Olympiad Los Angeles 1932: official report*. Los Angeles: Wolfer Printing Company
Disponível em <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/1932/>
- Mackay, D. (2000). *La recuperació del front marítim*. Barcelona: Aula Barcelona
- MacRury, I. & Poynter, G. (eds.) (2009). *Olympic cities: 2012 and the Remaking of London*. Farnham: Ashgate Publishing
- Millet, L. (1995). *The Games of the City*. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics UAB
Disponível em http://olympicstudies.uab.es/pdf/wp046_eng.pdf
- Millet, L. (2005). “Els jocs de la ciutat”, em Morangas, M. & Botella, M. *Barcelona: l'Herència dels Jocs (1992-2002)*. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics. Barcelona: Editorial Planeta.
Disponível em <http://www.ceo-uab.net/barcelona-herencia-dels-jocs-1992-2002-2/>
- Montaner, J. (2011). *The Barcelona model reviewed: loading up to the 1992 Olympic Games*. Conferência apresentada no seminário “Learning from Barcelona: art, real estate and the pre-olympic city a dialogue between London and Barcelona”.
Disponível em <https://themilitantcity.files.wordpress.com/2011/03/montaner-the-barcelona-model-reviewed.pdf>

- Müller, M. (2015). “What makes an event a mega-event? Definitions and sizes”. *Leisure Studies*, 34:6, 627-642. doi: 10.1080/02614367.2014.993333.
Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/02614367.2014.993333>
- Muñoz, F. (2005). “1908-2012 El urbanismo de las villas olímpicas” em *Quaderns d’arquitectura i urbanisme*, 245. 110-131
- Nel-lo, O. (1997). *The Olympic Games as a tool for urban renewal: the experience of Barcelona’92 Olympic Village*. Barcelona: Centre d’Estudis Olímpics.
Disponível em http://olympicstudies.uab.es/pdf/wp090_eng.pdf
- Portas, N. (2005). *Os tempos das formas vol.1: A cidade feita e refeita*. Guimarães: Universidade do Minho
- Preuss, H. (2007). “The Conceptualisation and Measurement of Mega Sport Event Legacies”. *Journal of Sport & Tourism*, 12:3-4, 207-228. doi: 10.1080/14775080701736957.
Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/14775080701736957>
- Preuss, H. (2015). A framework for identifying the legacies of a mega sport event. *Leisure Studies*, 34:6, 643-664. doi: 10.1080/02614367.2014.994552
Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/02614367.2014.994552>
- Qu, L. & Spaans, M. (2009). *The mega-event as a strategy in spatial planning: Starting from the olympic city of Barcelona*. The 4th International Conference of the International Forum on Urbanism. Delft: IFoU. Disponível em <https://repository.tudelft.nl/islandora/object/uuid%3A337c3586-c0d4-48ad-9d2c-65cac2bbe460>
- Roche, M. (2000). *Mega-events and modernity: Olympics and Expos in the Growth of Global Culture*. London: Routledge
- Rodrigues, T. (2011). *Fragmento cidade: A Aldeia Olímpica como Elemento Urbano*. (dissertação de mestrado não publicada). Coimbra: Universidade de Coimbra
- Roosmalen, P. (1997). “London 1944: Greater London Plan”, em Bosma, K. & Hellinga, H. *Mastering the city: North-European Town Planning 1900-2000*, 258-265. Roterdão: NAI Publishers / EFL Publications
Disponível em https://www.researchgate.net/publication/282815561_London_1944_Greater_London_Plan

Smith, A. (2014). “ ‘De-Risking’ East London: Olympic Regeneration Planning 2000-2012”, em *European Planning Studies*, 22:9, 1919-1939.

Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/09654313.2013.812065>

Sobetchi, V. (2015). *Megaeventos Desportivos: Como elemento de metamorphose urbana 1960-2012*. (dissertação de mestrado não publicada). Coimbra: Universidade de Coimbra

Solà-Morales, M. (2008). *Diez lecciones sobre Barcelona / Ten lessons on Barcelona*. (2ª ed.). Barcelona: Col·legi d'Arquitectes de Catalunya

Wimmer, M. (1976). *Olympic buildings*. Leipzig: Edition Leipzig

WEBGRAFIA

Forest, A. (2016). *How London might have looked: five masterplans after the great fire of 1666*. [em linha]. Disponível em <https://www.theguardian.com/cities/2016/jan/25/how-london-might-have-looked-five-masterplans-after-great-fire-1666>

Wainwright, O. (2012). *London 2012 Athletes' Village*. [em linha]. Disponível em <http://www.bdonline.co.uk/london-2012-athletes%E2%80%99-village/5030937.article>

ÍNDICE DE IMAGENS

Fig. 1. e 2. IOC (2016). *Olympic Summer Games Villages from Paris 1924 to Rio 2016*, p. 6

Fig. 3. Wimmer, M. (1976). *Olympic buildings*, p. 157

Fig. 4. Wimmer, M. (1976). *op. cit.*, p. 157

Fig. 5. Wimmer, M. (1976). *op. cit.*, p. 158

Fig. 6. Wimmer, M. (1976). *op. cit.*, p. 158

Fig. 5. IOC (2016). *op. cit*, p. 21

Fig. 8. Wimmer, M. (1976). *op. cit.*, p. 159

Fig. 9. Wimmer, M. (1976). *op. cit.*, p. 159

Fig. 10. Wimmer, M. (1976). *op. cit.*, p. 161

Fig. 11. Wimmer, M. (1976). *op. cit.*, p. 161

Fig. 12. Wimmer, M. (1976). *op. cit.*, p. 163

Fig. 13. IOC (2016). *op. cit*, p. 33

Fig. 14. IOC (2016). *op. cit*, p. 36

Fig. 15. [em linha]. Disponível em <http://moneyinc.com/wp-content/uploads/2016/08/Los-Angeles-Olympic-Village.jpg>

Fig. 16. [em linha]. Disponível em <http://www.kswa.com/athletes-and-reporters-village-games-of-the-24th-olympiad/>

Fig. 17. Fotografia da autora, abril 2016

Fig. 18. [em linha]. Disponível em https://c.o0bg.com/rf/image_1920w/Boston/2011-2020/2014/08/01/BostonGlobe.com/Metro/Images/OLYvillage01A.jpg

Fig. 19. [em linha]. Disponível em <http://www.eelestrelease.com/newington-apartments/>

Fig. 20. [em linha]. Disponível em http://www.proodeftiki.gr/images/phocagallery/olympiako/thumbs/phoca_thumb_L_003.jpg

Fig. 21. IOC (2016). *op. cit*, p. 57

Fig. 22. [em linha]. Disponível em https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/da/Olympic_Village%2C_London%2C_16_April_2012.jpg

Fig. 23. fotografia da autora, maio 2016

Fig. 24. IOC (2016). *op. cit*, p. 63

Fig. 25. Guardia, M.; Monclús, J. & Oyón, J. (1995). *Atlas histórico de ciudades europeas, vol. 1ª*. Barcelona: Salvat Editores, p. 64

Fig. 26. [em linha]. Disponível em Institut Cartogràfic i Geològic de Catalunya (ICGC) - http://ebotiga.icgc.cat/WebRoot/StoreES3/Shops/ec4103/519D/FA37/3407/49CF/504C/AC10/1414/3090/cerda_ebotiga.jpg

Fig. 27. [em linha]. Disponível em <http://www.schematherapysociety.org/resources/Pictures/La%20Rambla%20Schema%20Therapy%20Summer%20School.jpg>

- Fig. 28.** [em linha]. Disponível em http://res.cloudinary.com/dpxg23zze/image/upload/q_30/v1457661414/OIOOtKc_ez9whd.jpg
- Fig. 29.** Esquema da autora
- Fig. 30.** Fig. 26 tratada pela autora
- Fig. 31.** Esquema da autora
- Fig. 32.** Guardia, M.; Monclús, J. & Oyón, J. (1995). op. cit., p. 76
- Fig. 33.** Guardia, M.; Monclús, J. & Oyón, J. (1995). op. cit., p. 76
- Fig. 34.** [em linha]. Disponível em <https://classconnection.s3.amazonaws.com/835/flashcards/1423835/png/picture1-141C42410DA79A4C4C8.png>
- Fig. 35. e 36.** Fotografias da autora, abril 2016
- Fig. 37.** [em linha]. Disponível em <http://jsah.ucpress.edu/content/ucpjsah/76/2/197/F5.large.jpg>
- Fig. 38.** Guardia, M.; Monclús, J. & Oyón, J. (1995). op. cit., p. 85
- Fig. 39.** Esquema da autora
- Fig. 40.** Esquema da autora
- Fig. 41., 42., 43., 44.** Fotografias da autora, abril 2016
- Fig. 45.** Esquema da autora
- Fig. 46.** [em linha]. Disponível em <https://traveldigg.com/wp-content/uploads/2016/08/Camp-Nou-Aerial-View.jpg>
- Fig. 47.** [em linha]. Disponível em <https://www.rcpolo.com/media/home/pano1.jpg>
- Fig. 48.** Esquema da autora
- Fig. 49.** COOB'92 (1992). *Official report of the games of the XXV Olympiad Barcelona 1992, vol.1*, p. 255
- Fig. 50.** [em linha]. Disponível em <http://www.fctennis.cat/wp-content/uploads/2010/02/Untitled-2-650x379.png>
- Fig. 51.** Esquema da autora
- Fig. 52. e 53.** Fotografias da autora, abril 2016
- Fig. 54.** Bohigas, O., Mackay, D., Martorell, J. & Puigdomènech, A. (1988). *Transformación de un frente marítimo: Barcelona. La Villa Olímpica, 1992*, p. 9
- Fig. 55.** COOB'92 (1992). op. cit., p. 224
- Fig. 56.** Álvarez, F., Montaner, J. & Muxi, Z. (eds.) (2012). *Archivo crítico modelo Barcelona: 1973-2004*, p. 82
- Fig. 57.** *Vila olimpica Barcelona'92*, p. 16
- Fig. 58.** *Vila olimpica Barcelona'92*, p. 15
- Fig. 59., 60., 61., 62., 63., 64., 65. e 66.** Fotografias da autora
- Fig. 67.** Bohigas, O. & Martorell, J. (1991). *La Villa Olimpica Barcelona 92: Arquitectura. Parques. Puerto deportivo*, p. 19
- Fig. 68.** Desenho da autora

Fig. 69., 70., 71., 72., 73., 74., 75., 76., 77., 78., 79. e 80. Fotografias da autora, abril 2016

Fig. 81. [em linha]. Disponível em The British Museum - http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details/collection_image_gallery.aspx?assetId=332550001&objectId=1349942&partId=1

Fig. 82. Hall, P. (1992) (3ªed). *Urban & Regional Planning*, p.23

Fig. 83. Roosmalen, P. (1997). *London 1944: Greater London Plan*, p.259

Fig. 84. Roosmalen, P. (1997). op. cit., p.262

Fig. 85. [em linha]. Disponível em <http://lddc-history.org.uk/engineering/eng21.jpg>

Fig. 86. [em linha]. Disponível em <http://i4.wharf.co.uk/incoming/article9167712.ece/ALTERNATES/s1200/CS9591785-1.jpg>

Fig. 87. Fotografia da autora em New London Architecture, Londres, dezembro 2014

Fig. 88. Esquema da autora

Fig. 89. [em linha]. Disponível em <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/11/21/5c/11215c51a6175444cef52bfc3f8d3151.jpg>

Fig. 90. [em linha]. Disponível em http://www.runnersworld.com/sites/runnersworld.com/files/styles/article_main_image_2200px/public/stadium.jpg?itok=bdRtxhb2

Fig. 91. [em linha]. Disponível em <https://static.standard.co.uk/s3fs-public/thumbnails/image/2013/10/18/10/WembleyOld.jpg>

Fig. 92. [em linha]. Disponível em <http://4.bp.blogspot.com/-EVwEuBfzUI/UXj3pc4aVil/AAAAAAAAe3Q/Cb3FX6UnviY/s1600/00+Aerial+view+of+the+Festival+of+Britain.jpg>

Fig. 93. [em linha]. Disponível em <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3c/Canary.wharf.and.dome.london.arp.jpg>

Fig. 94. [em linha]. Disponível em <https://media.timeout.com/images/102272961/image.jpg>

Fig. 95. Esquema da autora

Fig. 96. [em linha]. Disponível em <http://news.images.itv.com/image/file/553513/img.jpg>

Fig. 97. Fotografia da autora em New London Architecture, Londres, dezembro 2014

Fig. 98. Fotografia da autora, dezembro 2014

Fig. 99. Greater London Authority (2016). *The London Plan*, p. 86

Fig. 100. Esquema da autora

Fig. 101. [em linha]. Disponível em https://www.e-architect.co.uk/images/jpgs/london/olympic_park_aerial_oda250708_1.jpg

Fig. 102. [em linha]. Disponível em https://www.e-architect.co.uk/images/jpgs/london/olympic_park_aerial_oda250708_2.jpg

Fig. 103. Esquema da autora

Fig. 104. Esquema da autora

Fig. 105. Desenho da autora

Fig. 106. [em linha]. Disponível em <https://userscontent2.emaze.com/images/09cc00e0-4311-4a36-b9cf-c86f7f2847e2/b5c07d2253a1c4305e3177d82dd45b46.jpg>

Fig. 107. e 108. Fotografias da autora, maio 2016

Fig. 109. Fotografia da autora, dezembro 2014

Fig. 110., 111., 112. e 113. Fotografias da autora, maio 2016

Fig. 114. [em linha]. Disponível em <http://www.arupassociates.com/media/cache/17/8f/178f7feaf3c42554e0bc8f272e7c9b28.jpg>

Fig. 115. [em linha]. Disponível em <http://www.arupassociates.com/media/cache/a1/0a/a10a92c1d42c5a2de92b56ff6ebbee6d.jpg>

Fig. 116. Fotografia da autora, maio 2016

Fig. 117. Desenho da autora

Fig. 118., 119., 120., 121., 122. e 123. Fotografias da autora, maio 2016

Fig. 124. Esquema da autora

Fig. 125., 126., 127., 128., 129., 130., 131. e 132. Fotografias da autora, maio 2016

Fig. 133. Desenho da autora

Fig. 134. e 135. Fotografias da autora, maio 2016

Fig. 136. [em linha]. Disponível em http://www.sheppardrobson.com/uploads/project-images/_lightboxLandscape/5192_East-Wick-Sweetwater_05.jpg

Fig. 137. [em linha]. Disponível em http://newlondondevelopment.com/nld/project/east_wick_and_sweetwater

Fig. 138. [em linha]. Disponível em <https://static.standard.co.uk/s3fs-public/thumbnails/image/2013/03/13/09/olympic-park.jpg>